



Hinc patriam sustinet

**INSTITUTO SUPERIOR DE AGRONOMIA
UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA**

SEGURANÇA ALIMENTAR EM CABO VERDE

Estudo de Caso no Concelho de Ribeira Grande, Ilha de Santo Antão

Manuel Francisco Fortes Monteiro

Dissertação para Obtenção do Grau de Mestre em
Agronomia Tropical e Desenvolvimento Sustentável

Orientador: Doutor Bernardo Manuel Telles de Sousa Pacheco de Carvalho

Júri:

PRESIDENTE - Doutor Pedro Manuel Leão Rodrigues de Sousa, Professor Catedrático do Instituto Superior de Agronomia da Universidade Técnica de Lisboa

VOGAIS

- Doutor Bernardo Manuel Telles de Sousa Pacheco de Carvalho, Professor Associado do Instituto Superior de Agronomia da Universidade Técnica de Lisboa
- Doutor Augusto Manuel Nogueira Gomes Correia, Professor Associado do Instituto Superior de Agronomia da Universidade Técnica de Lisboa
- Doutora Maria Helena Guimarães de Almeida, Professora Auxiliar do Instituto Superior de Agronomia da Universidade Técnica de Lisboa
- Doutora Maria Isabel Nunes Januário, Professora Auxiliar do Instituto Superior de Agronomia da Universidade Técnica de Lisboa

Lisboa, 2012

Dedico este trabalho aos meus pais, Francisco Tavares Monteiro e Maria do Rosário Fortes Monteiro, que tendo tão pouco deram-me tudo quanto podiam dar, isto é, toda a minha formação académica.

AGRADECIMENTOS

Começo por agradecer ao Professor Bernardo Pacheco Carvalho, na qualidade de meu orientador, pelo apoio, esclarecimentos e sugestões na realização desta Dissertação de Mestrado.

Ao Professor Manuel Correia, agradeço pelos contactos de Cabo Verde que me disponibilizou.

Agradeço reconhecidamente e com grande estima:

à Professora Isabel Januário pelo apoio, sugestões e disponibilidade, desde a primeira hora, em ler e fazer a revisão desta dissertação.

à Professora Maria Helena Almeida pela forma simpática com que sempre me tratou, pelas suas aulas que são uma mais valia na minha formação em Agronomia Tropical.

ao meu colega Maicam Monteiro pelo tempo passado, pela partilha de conhecimentos, pela ajuda, pela amizade demonstrada;

aos colegas Manuel Marques e Ana Justina pela amizade ao longo do curso;

à Eng.^a Dinah Monteiro pela sua disponibilidade, pela ajuda com a tradução para inglês dos resumos;

à Eng.^a Ângela Moreno por me pôr em contacto do Eng.^o António Carlos Fortes, pela disponibilidade em esclarecer algumas dúvidas e, sobretudo, pela amizade que vem de longa data.

aos meus tios que me acolheram em Cabo Verde. Ao meu tio Manuel onde fiquei em São Vicente e à minha tia “tia Ana” onde passei grande parte do tempo em que estive em Santo Antão e que muito bem cuidou de mim.

ao tio Frank e tio Manuel Mateus pela partilha de conhecimentos sobre a cultura da cana-de-açúcar em Cabo Verde e a produção de “grogue” e, sobretudo, pela amizade;

ao meu primo Eng.^o Francisco Neves e à sua esposa Eng.^a Arminda Neves pela hospitalidade, amizade e apoio dado aquando da minha passagem pela cidade da Praia;

ao meu primo Juiz Dr. Afonso Delgado pela amizade e apoio dado em Santo Antão;

à Júlia por tudo o que fez por mim enquanto estive na casa da tia Ana;

ao Sr. Atanásio por me ter recebido na sua casa em Ribeirão, pela sua disponibilidade e pelo acompanhamento na realização dos inquéritos nessa localidade;

aos jovens Edmilson e Anderson pela preciosa ajuda na realização dos inquéritos na localidade Garça de Cima.

À Câmara Municipal de Ribeira Grande, na pessoa do seu Presidente, Eng.º Orlando Delgado, o meu sincero agradecimento pelo apoio concedido que muito me ajudou enquanto estive em Santo Antão.

Ao Eng.º António Carlos Fortes (Tocai) da Delegação do Ministério do Ambiente e Desenvolvimento Rural e Recursos Marinhos o meu obrigado pela amizade, ajuda e informações relativa a agricultura no concelho de Ribeira Grande.

Ao Sr. António Carente agradeço pelas informações fornecidas relativas a localidade de Ribeirão e pelo acompanhamento na busca de material bibliográfico.

Ao sociólogo António de Jesus, brevemente doutor em Sociologia, que oportunamente nos cruzamos em Ribeirão, que me animou e fez compreender a maneira de ser das pessoas com quem contactei durante os inquéritos.

Ao Dr. Luciano Fonseca, assistente do representante da FAO em Cabo Verde, o meu muito obrigado pelos documentos/bibliografia que me facultou.

À Eng.ª Maria José o meu obrigado por me ter ensinado a trabalhar com o programa *Statistica*.

À Eng.ª Maria Fernanda Silva, agradeço a leitura e sugestões relativas a este trabalho.

À todas as pessoas que gentilmente se disponibilizaram em responder os inquéritos e assim tornaram realidade esta dissertação o meu sincero muito obrigado.

Aos meus pais e irmãos devo um agradecimento, e carinho, muito especial pelo incansável apoio, incentivo e ajuda ao longo do curso e de forma mais sentida na concretização desta dissertação.

Agradeço a Deus que esteve sempre presente nos bons e maus momentos, em quem confio a toda hora.

RESUMO

Cabo Verde é largamente dependente do exterior no que diz respeito a alimentos. A produção local é escassa, mas relevante para a segurança alimentar.

A presente dissertação tem como objectivo estudar o papel que a produção agrícola, designadamente a produção de hortícolas, a de sequeiro e a de cana-de-açúcar, tem na geração de rendimentos, na segurança alimentar e na melhoria da qualidade de vida das famílias.

Foi realizado um estudo de caso no concelho de Ribeira Grande, ilha de Santo Antão. Foram efectuados 105 inquéritos nas localidades de Ribeirão e Garça de Cima, distribuídos igualmente pelos diferentes produtores agrícolas.

Verificou-se que os produtores de cana-de-açúcar apresentam um rendimento médio anual superior aos de hortícolas e aos de sequeiro (402154, 337602 e 259764 ECV, respectivamente).

Em termos de indicadores de qualidade de vida as famílias produtoras de hortícolas e as de cana-de-açúcar apresentam resultados similares, superiores aos das produtoras em sequeiro.

Quanto a alimentação, as diferenças não são relevantes. Os horticultores apresentam um consumo calórico de 2959,71, os produtores de sequeiro 2926,65 e os de cana-de-açúcar 2888,86 kcal/EH/d. Relativamente ao consumo proteico, os horticultores apresentam um consumo de 103,12, os produtores de sequeiro 97,23 e os de cana-de-açúcar 92,05 g/EH/d.

Palavras-chave – Cabo Verde, Segurança Alimentar, Horticultura, Cana-de-açúcar, Rendimento e Consumo

ABSTRACT

Cape Verde is largely dependent on overseas countries with regard to food. Local production is limited, but relevant to food security.

This dissertation aims to study the role that agricultural production, namely horticulture, production of rainfed crops and production of sugar cane has on the producers income, food security and improving the quality of life of households.

We conducted a case study in the municipality of Ribeira Grande, island of Santo Antão. Surveys were conducted in the localities of Ribeirão and Garça de Cima (105 family household), equally distributed among horticulture farmers, producers of sugar cane and rainfed farmers.

It was found that sugar cane producers have a median annual income greater than that of horticulture and rainfed farmers (402154, 337602 and 259764 cape verdeans escudos, respectively).

In terms of quality of life indicators horticulture farmers and sugar cane producers have similar results, superior to the rainfed crops systems.

In regard to nutritional status, the differences are not relevant. Horticulture farmers have a calorie intake of 2959.71, rainfed producers 2926.65 and producers of sugar cane 2888.86 kcal/EH/d. Regarding protein consumption, horticulture farmers have an intake of 103.12, rainfed farmers of 97.23 and sugar cane producers of 92.05 g/EH/d.

Keywords – Cape Verde, Food Security, Horticulture, Sugar Cane, Income and Consumption

EXTEND ABSTRACT

Cape Verde is an archipelago of ten islands situated in the Atlantic Ocean. In orographic terms, it is consisted of flat islands and others with numerous mountain ranges, which is the case of Santo Antão. However, the highest peak is located on the island of Fogo with 2829 meters.

It is a country characterized by its semi-arid climate. The rains are concentrated in three months: August, September and October; and it rarely rains in other months.

Cape Verde is largely dependent on overseas countries with regard to food. Local production is limited, but relevant to food security.

In the country issues of food security have received, by the authorities, special attention. All plans for development of the islands have some common points: poverty alleviation, food security, agriculture and environment.

In the definition of food security four dimensions should be considered: availability, access, utilization and stability.

Food availability, albeit very small is secured in several crops by certain islands such as Santiago, Fogo and Santo Antão. Maize and beans can be produced to meet local needs and, in some cases, exported to other islands with very low production. The increase in production is a challenge that can be overcome mainly with investment in horticultural production under irrigation.

Economic issues, like low income, and physical ones, like deficient infrastructures cause difficulties in accessing food. However, Cape Verdeans have caloric and protein consumptions levels acceptable in regard to international standards.

This dissertation about Food Security in Cape Verde - Case Study in the municipality of Ribeira Grande, island of Santo Antão, is part of the Master's degree in Tropical Agriculture and Sustainable Development.

The present work aims to study the role that agricultural production, specifically the production of vegetables, rainfed and sugar cane, have in the creation of income, food security and improving quality of life on a rural island whose main activity is agriculture.

The thesis is structured into six chapters. In the first chapter the framework is outlined, with an introduction to the subject, presenting objectives to be achieved and working hypotheses.

Chapter two relates to the general characterization of the country and, among other things, references are made to the location, soil and climate conditions, population and socio-economic characteristics.

Chapter three addresses the issue of food security, beginning with the concept, as well as its historical evolution. Cape Verde has been concerned to have food security as one of its pillars of development and poverty fighting. It is important to realize what the country has done in this area.

Chapter four presents the methodology, structure and location choices for the implementation of surveys and a brief description of the study area.

Surveys were conducted in the localities of Ribeirão and Garça de Cima (105 family household), equally distributed among horticulture farmers, producers of sugar cane and rainfed farmers.

In chapter five the analysis and discussion of results was performed.

The sixth and last chapter presents some conclusions and final considerations.

It was found that the sugar cane producers have an average annual income greater than that of horticulture and rainfed farmers. The sale of "grogue" (sugar cane liquor) contributes to this superiority. The main source of income is the salary, obtained by the head of household or another household member. Agricultural activity is taking significant importance to producers of sugar cane. They get around 40% of their income from the sale of "grogue". Horticulture farmers get around 17% of their revenues from the selling of vegetables. Rainfed farmers only get 0.2% of their income from their production and selling, but its importance is mostly relevant in their own consumption.

Rainfed production proved important for a large number of families, because maize and beans are part of the daily diet of the cape verdean people. As can be seen in terms of food consumption, bean is the most important "grain" consumed (62.8 kg/capita/year), followed by maize (58.52 kg/capita/year) and rice (48.03 kg/capita/year).

Horticulture farmers consume more vegetables (26.45 kg/capita/year) and fruit (34.16 kg/capita/year), thus benefiting from their production. The producers of sugar cane consume less vegetables (12.56 kg/capita/year), which fact can be explained by the small number of producers of vegetables in the area of Garça de Cima, where the lands are devoted almost exclusively to sugar cane. The consumption of fruit by rainfed farmers and producers of sugar cane is very close, about 19 kg/capita/year.

In terms of average prices, fish is five times cheaper than beef, which is reflected in consumption. Fish consumption is approximately 27.82 kg/capita/year and meat about 16.04 kg/capita/year. Horticulture farmers are the ones who consume higher quantities of those products (fish and meat), followed by producers of sugar cane and finally rainfed farmers.

The WHO recommends an intake of 2800 kcal/capita/day and 70g/capita/day of protein (Costa, 2008). FAO (2012) states that Cape Verde, in 2007, had an average caloric intake of 2572 kcal/capita/day and 69,5g/capita/day of protein.

In this study it was found that any of the groups of the survey with an average of about 2925 kcal/capita/day, has a higher caloric intake than recommended by the WHO and average for Cape Verde. Protein consumption (97.47g/capita/day average) is higher than that recommended by WHO. Horticulture farmers have a caloric and protein intake slightly higher than the other two groups. However it is important to note how similar food consumption is on the three groups (horticulture farmers, 2959.71 kcal/capita/day; rainfed farmers, 2926.65 kcal/capita/day; sugar cane farmers, 2888.86 kcal/capita/day).

It is expected that the production of vegetables might be an alternative to the production of sugar cane, since it gives a considerable income and is a guarantee of better nutrition, more balanced in nutritional terms (protein, calories, vitamins, fibers and minerals consumption).

Keywords – Cape Verde, Food Security, Horticulture, Sugar Cane, Income and Consumption

ÍNDICE GERAL

	Pág.
AGRADECIMENTOS	i
RESUMO	iii
ABSTRACT	iv
EXTEND ABSTRACT	v
ÍNDICE GERAL	viii
ÍNDICE DE QUADROS	x
ÍNDICE DE FIGURAS	xii
LISTA DE ABREVIATURAS	xiii
 CAPÍTULO 1 – INTRODUÇÃO	 1
1.1 – Enquadramento Temático	1
1.2 – Objectivos	2
1.3 – Hipóteses	3
CAPÍTULO 2 – CARACTERIZAÇÃO DE CABO VERDE	4
2.1 – Localização e Geografia	4
2.2 – Condições Edafo-Climáticas e Recursos Hídricos	5
2.2.1 – Clima.....	5
2.2.2 – Solos	8
2.2.3 – Recursos Hídricos	9
2.3 – Caracterização Socio-económica	11
2.3.1 – Características Demográficas	11
2.3.2 – Pobreza	13
2.3.3 – Indicadores Socio-económicos	15
2.4 – Caracterização da Agricultura	19
2.4.1 – Agricultura de Sequeiro	22
2.4.2 – Agricultura de Regadio	24
2.4.3 – A Cultura da Cana-de-açúcar.....	28
CAPÍTULO 3 – SEGURANÇA ALIMENTAR	30
3.1 – Conceito de Segurança Alimentar	30
3.1.1 – Segurança Alimentar: Evolução do Conceito	32
3.2 – Segurança Alimentar em Cabo Verde	36
3.3 – A Questão da Fome	38
3.4 – Desenvolvimento Sustentável e Segurança Alimentar	42

CAPÍTULO 4 – METODOLOGIA	44
4.1 – Caracterização do Local de Realização do Estudo	44
4.2 – Instrumentos Metodológicos	48
4.3 – Estrutura do Inquérito	49
4.4 – Definição da População em Estudo	49
CAPÍTULO 5 – RESULTADOS E DISCUSSÃO	52
5.1 - Características Socio-demográficas dos Agregados Familiares	52
5.1.1 - Composição do Agregado Familiar	52
5.1.2 – Características do Chefe do Agregado	52
5.2 – Fontes de Rendimentos dos Agregados Familiares	54
5.3 – Despesas dos Agregados Familiares	57
5.4 – Consumo Alimentar dos Agregados	58
5.5 - Indicadores de Qualidade de Vida	64
5.6 – Análise Econométrica	66
CAPÍTULO 6 – CONCLUSÕES e CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
6.1 – Conclusões	71
6.2 – Considerações Finais	74
7 – Referências Bibliográficas	77
8 – Anexos	83

ÍNDICE DE QUADROS

	Pág.
Quadro 2.1 – Evolução das pluviometrias médias nacionais (mm/ano)	6
Quadro 2.2 – Distribuição das zonas agro-ecológicas por ilha (em km ²)	8
Quadro 2.3 – Estrutura etária da população de Cabo verde	13
Quadro 2.4 – Incidência da Pobreza em Cabo Verde	13
Quadro 2.5 – Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) dos PALOP e Portugal	15
Quadro 2.6 – Esperança média de vida à nascença nos PALOP, Brasil, Portugal, Timor Leste.....	16
Quadro 2.7 – Alguns indicadores de desenvolvimento de Cabo Verde	16
Quadro 2.8 – Principais indicadores económicos de Cabo Verde	17
Quadro 2.9 – Área (ha), Produção (t) e Rendimento (kg/ha) de Milho em Cabo Verde ...	23
Quadro 2.10 – Área (ha), Produção (t) e Rendimento (kg/ha) de Feijão em Cabo Verde	23
Quadro 2.11 – Principais origens da água para rega em Cabo Verde e Ilhas	25
Quadro 2.12 – Área, Produção e Rendimento de Cana-de-açúcar em Cabo Verde	28
Quadro 3.1 – Ajudas Alimentares recebidas por Cabo Verde (toneladas)	37
Quadro 5.1 - Composição e estrutura etária dos agregados familiares	52
Quadro 5.2 – Características do chefe do agregado familiar	53
Quadro 5.3 – Estrutura das receitas familiares por fonte de rendimento	55
Quadro 5.4 – Contribuição da actividade agrícola para o rendimento médio anual (em ECV) dos agregados familiares	56
Quadro 5.5 – Despesas dos agregados familiares com a alimentação	57
Quadro 5.6 – Despesas totais apresentadas pelos agregados familiares	58
Quadro 5.7 – Frequência de consumo dos agregados que praticam horticultura	59
Quadro 5.8 – Frequência de consumo dos agregados que praticam agricultura de sequeiro	59
Quadro 5.9 – Frequência de consumo dos agregados que cultivam cana-de-açúcar	60
Quadro 5.10 – Consumo médio de bens alimentares	60
Quadro 5.11 – Ingestão de calorias, proteínas e gorduras presentes nos diferentes produtos	62
Quadro 5.12 – Ingestão diária de calorias, proteínas e gorduras pelos elementos dos agregados	62
Quadro 5.13 – Consumo calórico, proteico e de gordura pela população de diferentes locais de Cabo Verde	63

Quadro 5.14 – Sumário da regressão para a variável dependente rendimento <i>per capita</i> /ano	67
Quadro 5.15 – Sumário da regressão para a variável consumo calórico	67
Quadro 5.16 – Sumário da regressão para a variável dependente consumo proteico	68
Quadro 5.17 – Sumário da regressão para a variável dependente índice de qualidade de vida	69
Quadro 5.18 – Matriz de correlação entre as variáveis dimensão do agregado, rendimento e diversos consumos	70

ÍNDICE DE FIGURAS

	Pág.
Figura 2.1 – Mapa de Cabo Verde	4
Figura 2.2 – Evolução da precipitação média anual em Cabo Verde	5
Figura 2.3 – Evolução da população de Cabo Verde de 1940 a 2010	11
Figura 2.4 – Distribuição da população pelas ilhas de Cabo Verde	12
Figura 2.5 – Estrutura etária da população de Cabo Verde	12
Figura 2.6 – Evolução do Produto Interno Bruto (PIB) por sectores em Cabo Verde de 2000 a 2007 (%)	17
Figura 2.7 – Áreas cultiváveis segundo o tipo de agricultura	22
Figura 2.8 – Principais origens da água para rega em Cabo Verde	25
Figura 2.9 – Percentagem de parcelas e áreas segundo o tipo de rega em Cabo Verde	26
Figura 2.10 – Percentagem de áreas irrigadas pelos principais sistemas de rega utilizados em Cabo Verde	26
Figura 3.1 – Número de pessoas Subnutridas no mundo, 1969-71 a 2010	39
Figura 3.2 – Subnutrição no mundo, em 2010, por regiões	39
Figura 4.1 – Mapa da Ilha de Santo Antão	44
Figura 5.1 – Escolaridade dos chefes do agregado, em percentagem	53
Figura 5.2 – Estado civil dos chefes dos agregados	54
Figura 5.3 – Bens dos agregados familiares	64
Figura 5.4 – Bens e equipamentos dos agregados familiares	65

LISTA DE ABREVIATURAS

ANSA – Agência Nacional de Segurança Alimentar

BCV – Banco de Cabo Verde

CIAT-CD – Centro de Investigação de Agronomia Tropical - Cooperação e Desenvolvimento

CSA – Comité de Segurança Alimentar

CNasa – Comissão Nacional para a Segurança Alimentar

CONCILSS – Comissão Nacional do Comité Inter-Estados de Luta Contra a Seca no Sahel

DECRP – Documento de Estratégia de Crescimento e Redução da Pobreza

DSSA – Direcção de Serviços de Segurança Alimentar

DEGI – Direcção de Estatística e Gestão de Informação

E – Este

ECV – Escudos Cabo-verdiano (1 euro = 110,265 ECV)

EDPS – Estratégia para o Desenvolvimento da Protecção Social de Cabo Verde

EH – Equivalente Homem

IDH – Índice de Desenvolvimento Humano

IDRF – Inquérito sobre Despesas e Receitas familiar

INE – Instituto Nacional de Estatística de Cabo Verde

INGRH – Instituto Nacional de Gestão dos Recursos Hídricos

INIDA – Instituto Nacional de Investigação e Desenvolvimento Agrário

IQV – Índice de Qualidade de Vida

ISVAF – Inquérito de Segurança da Vulnerabilidade Alimentar das Famílias

FIDA – Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola

FAO – *Food and Agriculture Organization*

Kcal – Kilocaloria

MADRRM – Ministério do Ambiente, Desenvolvimento Rural e Recursos Marinhos

MEDR – Mínimo de Energia Dietética Requerida

NE – Nordeste

N – Norte

OMS – Organização Mundial de Saúde

ODM – Objectivos de Desenvolvimento do Milénio

OPEP – Organização dos Países Exportadores de Petróleo

PALOP – Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa

PAM – Programa Alimentar Mundial

PADA_SA – Plano de Acção para o Desenvolvimento da Agricultura da ilha de Santo Antão

PDSA – Plano de Desenvolvimento de Santo Antão

PEDA – Plano Estratégico de Desenvolvimento Agrícola

PIB – Produto Interno Bruto

PMD – Países Menos Desenvolvidos

PNSA – Programa Nacional de Segurança Alimentar

PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

QUIBB – Questionário Unificado de Indicadores Básicos de Bem-estar

RAIE – Reserva Alimentar Internacional de Emergência

RGA – Recenseamento Geral Agrícola

REDISA – Rede de Educação, Informação e Cidadania para a Segurança Alimentar e Desenvolvimento Sustentável

S – Sul

SW – Sudoeste

SSW – Su-sudoeste

SMIA – Sistema Mundial de Informação e Alerta

UN – *United Nations*

UNICEF – *United Nations International Children's Emergency Fund*

WFP – *World Food Programme*

WHO – *World Health Organization*

ZAE – Zona Agro-Ecológica

CAPÍTULO 1 – INTRODUÇÃO

1.1 – Enquadramento Temático

A Segurança Alimentar foi sempre de extrema importância para a população humana. Talvez não conhecida por aquela denominação, mas esteve desde sempre presente a preocupação de garantir alimento para satisfazer as necessidades de um país, região, local ou família.

Cabo Verde, arquipélago situado no Oceano Atlântico tem, desde há muito, problemas de Segurança Alimentar.

Com condições de vida adversas, em que os factores ambientais nada ajudam, a começar pelas condições edafo-climáticas que têm o seu expoente máximo na fraca ou mesmo ausente precipitação, que se traduz em escassez de água. Se há ilha em que a precipitação tem algum significado é Santo Antão. A vertente norte da ilha, com inúmeras nascentes, é “rica” em água, possibilitando uma paisagem agradável em que o verde da cultura da cana-de-açúcar predomina.

A agricultura praticada, familiar, tradicional, é marcada pela escassez de água, pouca aptidão dos solos e ausência de factores de produção, como adubos, que permitiriam obter maiores colheitas. Assim, temos uma agricultura de sequeiro, baseada nas culturas de milho e feijão, onde também podemos encontrar, em menor escala, abóbora, mandioca, batata-doce e pouco mais. Por estas culturas percebemos qual a base de alimentação do cabo-verdiano que vive no meio rural. Podemos e devemos acrescentar o arroz, alimento base de qualquer pobre, todo ele conseguido através da importação.

É baixa a produtividade dos campos agrícolas cabo-verdianos, daí a necessidade do país importar mais de 80% do que consome. No topo das importações estão o arroz, o milho e o trigo.

Esta dissertação cujo tema é Segurança Alimentar em Cabo Verde – Estudo de Caso no Concelho de Ribeira Grande, Ilha de Santo Antão, integra-se no Mestrado em Agronomia Tropical e Desenvolvimento Sustentável.

Neste trabalho, para além da revisão bibliográfica, apresenta-se resultados do estudo de caso realizado na ilha de Santo Antão, baseado na recolha de dados através da realização de inquéritos junto dos agregados familiares produtores de hortícolas, produtores em sequeiro e produtores de cana-de-açúcar, para assim analisar o contributo da actividade agrícola que desenvolvem no rendimento, na segurança alimentar e na qualidade de vida das famílias.

Neste estudo, entende-se por produtores de hortícolas os agricultores que produzem hortaliças em regadio, neste caso fazem rega gota-a-gota com água proveniente de um furo.

A presente dissertação está estruturada em seis capítulos. No primeiro capítulo faz-se uma introdução ao tema, apresentam-se os objectivos que se pretende alcançar e as hipóteses de trabalho delineadas.

No capítulo dois tem lugar a caracterização geral do país; entre outros pontos faz-se referência à localização, às condições edafo-climáticas, à demografia e às condições socio-económicas. A agricultura tem especial interesse nesta temática, pelo que a sua caracterização faz parte deste trabalho.

No capítulo três aborda-se o tema da segurança alimentar, o seu conceito, assim como a sua evolução histórica. Cabo Verde tem tido a preocupação de ter a segurança alimentar como um dos pilares do seu desenvolvimento e combate a pobreza, é pois importante perceber o que o país tem feito neste âmbito.

O capítulo quatro apresenta a metodologia seguida, a estrutura e a escolha das localidades de aplicação dos inquéritos e uma breve caracterização da região em estudo.

No capítulo cinco apresentam-se resultados e faz-se a sua discussão.

No sexto e último capítulo apresentam-se conclusões e considerações finais.

1.2 – Objectivos

Pode dizer-se que hoje a segurança alimentar em Cabo Verde é, cada vez mais, um desafio local, uma vez que do ponto de vista global, a nível geral do país (em termos macroeconómicos), obteve-se uma situação invejável no contexto internacional. Os indicadores alimentares a nível geral são dos melhores de toda a África em termos de abastecimento e consumo médio, mas verifica-se ainda um enorme desafio em termos de muitas famílias com elevado grau de vulnerabilidade.

A produção de hortícolas, localmente, pode dar um contributo efectivo na melhoria da segurança alimentar. Embora não se possa esquecer que as condições edafo-climáticas ainda não permitem dar um salto quantitativo como seria desejável. No caso de Santo Antão continuará a predominar as culturas de sequeiro e nas localidades em que há “abundância” de água, a cana-de-açúcar tende a ser dominante.

Com o presente trabalho pretende-se estudar o papel que a produção agrícola, designadamente a produção de hortícolas, a de sequeiro e a de cana-de-açúcar, tem na

geração de rendimentos, na segurança alimentar e na melhoria da qualidade de vida das famílias numa ilha rural cuja principal actividade é a agricultura.

Objectivos específicos:

- Estudar os hábitos alimentares da população local;
- Estudar a contribuição da produção agrícola no rendimento das famílias através da venda de produtos (hortícolas no caso dos horticultores, essencialmente milho e feijão no caso dos produtores em sequeiro e venda de “grogue” no caso dos produtores de cana-de-açúcar);
- Estudar, em especial, os níveis calóricos e proteicos na alimentação e a importância do consumo de frutas e hortícolas;
- Estudar o contributo da horticultura familiar para a alimentação da população local;
- Comparar e avaliar o nível/qualidade de vida dos agregados familiares produtores de hortícolas, em sequeiro e de cana-de-açúcar.

1.3 – Hipóteses

- A) A produção de hortícolas contribui significativamente para a geração de rendimentos e melhoria da qualidade de vida à semelhança do que acontece com a produção de cana-de-açúcar.
- B) Para quem faz hortícolas a sua produção tem reflexo na dieta alimentar do agregado familiar e consequentemente na segurança alimentar.
- C) Existem diferenças no consumo alimentar (calórico e proteico) dos agregados familiares produtores de hortícolas, produtores em sequeiro e produtores de cana-de-açúcar.
- D) Os níveis de consumo alimentar dos agregados familiares estão relacionados com o nível de rendimento, dimensão dos agregados e hábitos alimentares.

CAPÍTULO 2 – CARACTERIZAÇÃO DE CABO VERDE

2.1 – Localização e Geografia

A República de Cabo Verde, situa-se em pleno Oceano Atlântico entre o trópico de Câncer e o Equador, entre os paralelos 17° 12' e 14° 48' de latitude Norte e os meridianos 22° 41' e 25° 22' de longitude Oeste de Greenwich, dista cerca de 455 Km da Costa Ocidental de África (concretamente do Senegal) e cerca de 1400 Km a SSW das Canárias (Teixeira & Barbosa, 1958).

Trata-se de um arquipélago, com uma superfície total de 4033 Km² e uma Zona Económica Exclusiva estimada em 700000 Km² (DECRP, 2004), constituído por dez ilhas e treze ilhéus (Gomes, 2008), divididos em dois grupos, Barlavento e Sotavento, consoante a sua posição relativa ao vento dominante de NE (Teixeira & Barbosa, 1958). Constituem o grupo de Barlavento as ilhas de Santo Antão (779 Km²), São Vicente (227 Km²), Santa Luzia (35 Km², desabitada), São Nicolau (343 Km²), Sal (216 Km²) e Boa Vista (620 Km²); e os ilhéus Boi, Pássaros, Branco e Raso, Rabo de Junco, Curral de Dado, Fragata, Chano e Baluarte.

Fazem parte do grupo Sotavento as ilhas de Maio (269 Km²), Santiago (991 Km²), Fogo (476 Km²) e Brava (64 Km²); e os ilhéus, Santa Maria, Grande, Luís Carneiro e de Cima (Gomes, 2008).



Figura 2.1 – Mapa de Cabo Verde

Fonte: <http://lei-e-ordem.blogspot.com/2011/10/partida-para-cabo-verde.html>

As ilhas são todas de origem vulcânica, tendo sido formadas pela acumulação de rochas eruptivas, com predomínio de magma vulcânico, sobre plataformas submarinas (Teixeira & Barbosa, 1958). Com excepção do Sal, Boa Vista e Maio todas as ilhas são muito

acidentadas, com vertentes abruptas e vales profundos e estreitos (Enciclopédia Geográfica, 1989). O Pico do Fogo, situado na ilha com o mesmo nome, é o ponto mais alto de Cabo Verde com 2829 metros de altitude, segue-se o Topo de Coroa, em Santo Antão, com 1979 metros, e o Pico de Antónia, em Santiago, com 1392 metros.

2.2 – Condições Edafo-Climáticas e Recursos Hídricos

2.2.1 – Clima

Cabo Verde é um país marcado pelo seu clima, sendo as temperaturas relativamente amenas, em que a média anual raramente ultrapassa os 25 °C e desce abaixo dos 20 °C.

As precipitações em Cabo Verde são concentradas nos meses de Agosto, Setembro e Outubro, podendo chover também nos meses de Julho e Novembro. As precipitações são baixas (figura 2.2), raramente ultrapassam, em média, os 300 mm anuais. Podendo haver um ano ou outro que chove mais, mas são exceções.

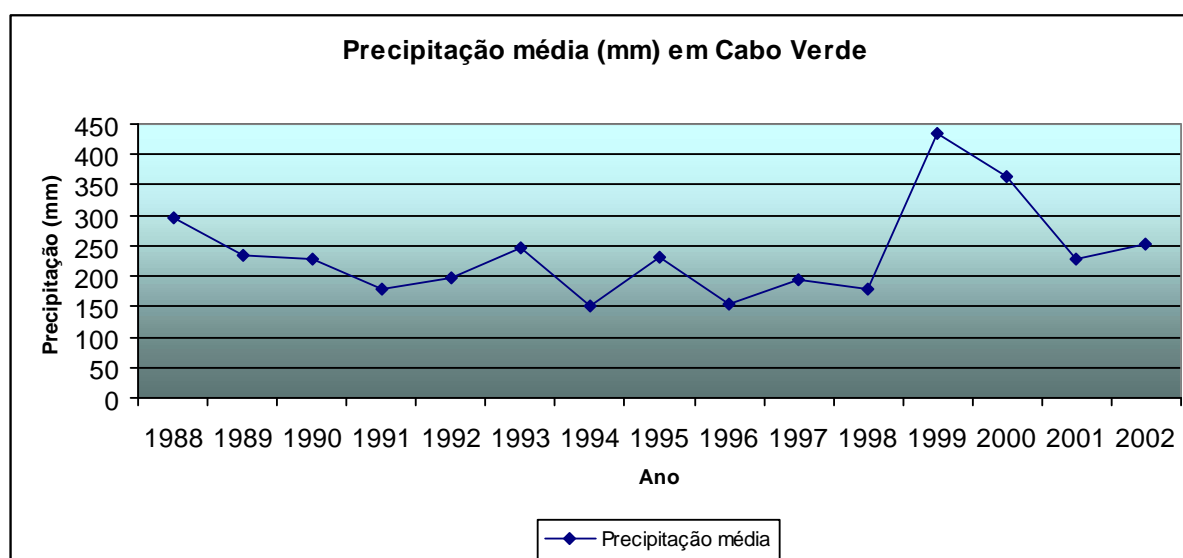


Figura 2.2 – Evolução da precipitação média anual em Cabo Verde

Fonte: Construído a partir de dados do Instituto Nacional de Geofísica e Meteorologia / Delegação da Praia cit in Anuário de Segurança Alimentar 2005, 2006

O arquipélago situa-se na zona dos 14º de latitude Norte e por isso já influenciado pela área do Sahel com características climáticas marcada pela aridez e chuvas concentradas e de efeitos erosivos consideráveis (Ferrão *et al.*, 1987).

As ilhas estão influenciadas pelos ventos alíseos, que sopram de Nordeste, carregados de humidade e que encontrando barreiras montanhosas que façam subir as massas de ar, criam ambiente de certa humidade que permite, se as chuvas forem favoráveis, a cultura de sequeiro com certo sucesso (Ferrão *et al.*, 1989).

As precipitações no arquipélago variam de ilha para ilha (quadro 2.1). Nas mais montanhosas, situadas mais para Oeste, as chuvas são mais abundantes e as possibilidades agrícolas são maiores (Ferrão *et al.*, 1989). Nas mais planas, as mais próximas do continente africano, as chuvas são mais escassas, podendo passar anos seguidos sem chover nalgumas delas (Ferrão *et al.*, 1987).

Quadro 2.1 – Evolução das pluviometrias médias nacionais (mm/ano)

Ilhas	1988	1989	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	Média
Santo Antão	326,8	463,8	303,5	330,8	196,6	381,9	456,8	408,9	397,6	330,5	221,4	989,9	646,4	236,9	454,0	409,7
São Vicente	59,6	185,9	132,8	34,0	76,0	8,4	27,8	134,5	66,0	26,0	103,4	105,7	92,4	69,8	-	80,2
São Nicolau	198,3	184,9	168,5	249,3	203,3	200,7	219,1	200,1	157,0	206,2	185,9	375,7	174,8	214,4	365,6	220,3
Sal	64,3	68,4	13,8	17,4	-	-	26,8	-	30,0	-	-	-	-	-	-	36,8
Boa Vista	159,9	77,7	55,1	-	-	-	-	99,2	119,2	58,5	73,2	93,5		34,1	50,0	82,0
Maio	222,2	183,4	191,0	140,9	128,4	128,6	30,1	28,9	39,0	161,5	43,7	328,1	137,6	107,2	49,6	128,0
Santiago	475,8	295,9	384,5	216,5	327,9	282,4	144,6	304,8	137,0	260,0	175,8	588,3	466,6	425,2	242,3	315,2
Fogo	854,2	439,5	431,7	315,5	360,5	451,8	172,7	288,8	386,1	372,2	315,0	779,1	518,2	597,3	418,5	446,7
Brava	289,8	208,6	368,7	124,4	87,0	280,3	139,9	375,6	42,4	136,9	322,7	207,3	509,9	146,2	196,7	229,1

Fonte: Instituto Nacional de Geofísica e Meteorologia / Delegação da Praia
cit in “Anuário de Segurança Alimentar 2005”

Do ponto de vista ecológico o país é fortemente influenciado pelo sistema dos ventos alíseos vindos de Nordeste, pelo harmatão vindo de Este e pela Frente Inter Tropical situada a Sudoeste e que avança mais ou menos de Nordeste e atinge as ilhas conforme o harmatão é mais ou menos intenso (Ferrão *et al.*, 1989).

Pode dizer-se que o clima de Cabo Verde é condicionado por três massas de ar principais: uma, soprando de NE, que, embatendo, durante a maior parte do ano nas ilhas de maior altitude ganha um movimento ascendente significativo e afecta, pela sua humidade e frescura, os solos e a vegetação para cima de uma determinada cota e com exposição NE ou N; outra, vinda de E, seca e normalmente quente, aumenta a aridez da estação seca, sobretudo nas exposições de Leste e nas ilhas orientais; a última, vinda de S e SW, húmida, é responsável pelas chuvas de Verão (Teixeira & Barbosa, 1958).

Teixeira e Barbosa esquematizaram seis zonas climáticas distintas para Cabo verde:

Zona 1 – A mais húmida, situada entre os 300 m e os 1000 m de altitude. Em sequeiro poderemos cultivar a cana sacarina, bananeira e cafeeiro;

Zona 2 – Envolvente e contígua da zona 1 na qual ainda se cultiva o café e se desenvolve intensivamente a agricultura de sequeiro;

Zona 3 – É a mais vasta, sub-húmida. Caracteriza-se pelas culturas de sequeiro especialmente milho, feijão e mandioca. Predomina na região norte mas pode aparecer no sul embora a cotas superiores. O limite inferior desta zona coincide com a “curva” que separa as zonas relativamente húmidas das zonas áridas de baixa altitude;

Zona 4 – Semi-árida. Estende-se sobretudo na zona sul. Comporta pastagens relativamente ricas em espécies de ciclo vegetativo mais longo e ainda algum milho e feijão;

Zona 5 – Árida. Estende-se pelo litoral e principalmente nas zonas sul apresentando pastagens pobres e efémeras;

Zonas 6 – Árida e sub-húmida. É a que normalmente aparece acima dos 1000 m ou 1200 m de altitude. Consoante os casos, ou aparecem pastagens de altitude ou então a batata, a batata-doce, rícino e algumas culturas mediterrânicas, em solos argilosos, por vezes compactos, ácidos, com afloramento rochosos abundantes e declives pronunciados.

Nas zonas 1, 2 e 3, mas sobretudo nas duas primeiras, encontram-se solos evoluídos, argilosos fortes, castanhos, ácidos. Os terrenos das zonas 4 e 5 são, por norma, pouco evoluídos, acinzentados, avermelhados e alcalinos.

Com variantes, maiores ou menores, sobretudo na grandeza relativa das áreas de cada zona, este esquema geral está presente em todas as ilhas com excepção das ilhas rasas Santa Luzia, Sal, Boa Vista e Maio. Nestas, só as zonas 4 e 5 é que aparecem bem definidas.

Se em 1958 foram definidas aquelas zona climáticas, actualmente e de acordo com o PEDA (2004), são consideradas, em função do relevo, clima e o tipo de vegetação, as seguintes Zonas Agro-Ecológicas (ZAE):

ZAE I – Zona árida, estende-se do litoral a 200 metros de altitude, esta zona de carácter desértico beneficia duma pluviometria média anual inferior a 300 mm. A vegetação é geralmente do tipo estepe herbácea.

ZAE II – Zona semi-árida, situa-se entre 200 e 400 metros de altitude, com uma pluviometria inter-anual de 300 a 400 mm. Embora considerada uma zona marginal para a agricultura, nos anos com boa pluviometria pratica-se agricultura de subsistência. A vegetação natural pouco difere da da zona árida, no entanto é mais diversificada.

ZAE III – Zona sub-húmida, localizada entre 400 a 600 metros de altitude, com uma pluviometria inter-anual de 400 a 600 mm. Em termos agrícolas, esta zona está mais vocacionada para várias espécies arbóreas e arbustivas. Silva (2009) faz referência a estas

espécies: *Acacia albida*, *Acacia farnesiana*, *Acacia nilotica*, *Adansonia digitata*, *Anacardium occidentale*, etc.

ZAE IV – Zona húmida, situada acima dos 700 metros de altitude, com uma pluviometria média anual superior a 600 mm, esta zona é a mais produtiva em termos de produção agrícola e forrageira. Estas zonas são consideradas de uma importância vital para a infiltração das águas pluviais e a recarga dos lençóis freáticos.

As zonas agro-ecológicas I e II, zonas de baixa pluviometria, mas com áreas planas e vales relativamente extensos, com alguma reserva de água subterrânea, são as que apresentam maior potencial de uso agrícola do solo, em especial para a agricultura de regadio, uma vez que se pode ir buscar água aos lençóis freáticos através de poços e furos.

As zonas agro-ecológicas III e IV, que correspondem às zonas com pluviometria elevada na época das chuvas, de grande altitude e acentuada inclinação, são mais apropriadas para as culturas de sequeiro, pois a única rega que se faz é aquela proporcionada pela natureza, isto é, a da chuva.

Quadro 2.2 – Distribuição das zonas agro-ecológicas por ilha (em km²)

Ilhas	Superfície total (km ²)	ZAE I Árida		ZAE II Semi-árida		ZAE III Sub-húmida		ZAE IV Húmida de altitude	
		0 - 200 mm		200 - 400 mm		400 - 600 mm		> 600 mm	
		Área (km ²)	%	Área (km ²)	%	Área (km ²)	%	Área (km ²)	%
Santo Antão	779	434	55,7	92	11,8	195	25,0	58	7,4
São Vicente	227	220	96,9	6	2,6	1	0,4	-	-
São Nicolau	345	200	58,0	89	25,8	48	13,9	8	2,3
Sal	216	216	100,0	-	-	-	-	-	-
Boa Vista	620	620	100,0	-	-	-	-	-	-
Maio	269	269	100,0	-	-	-	-	-	-
Santiago	991	385	38,8	344	34,7	245	24,7	17	1,7
Fogo	476	267	56,1	96	20,2	80	16,8	33	6,9
Brava	64	41	64,1	4	6,3	12	18,8	7	10,9
Santa Luzia e Ilhéus	46	46	100,0	-	-	-	-	-	-
Totais	4033	2698	66,9	631	15,6	581	14,4	123	3,0

Fonte: Carta de Zonagem Agro-Ecológica e da Vegetação de Cabo Verde. 1987 – 1999. (A. Castanheira Diniz & G. Cardoso de Matos, 1986-1999) (*cit in* PEDA, 2004)

2.2.2 – Solos

Apesar de ser um território tão pequeno, Cabo Verde apresenta grande variabilidade de solos, com a predominância de litossolos e afloramentos rochosos (Faria, 1992).

O clima tem a sua influência na formação dos solos e podemos fazer corresponder um tipo de solo a uma zona climática. Teixeira e Barbosa (1958), associam à zona de clima árido os grandes grupos de solos desérticos, vermelhos desérticos e cinzentos; à zona de clima

semi-árido os grandes grupos de solos castanhos, pardos e pardo-avermelhado; e à zona de menor aridez os solos castanho-avermelhados e chernozémicos.

Os solos de Cabo Verde, são marcados pela forte tendência para a erosão. As ilhas montanhosas apresentam terrenos bastante declivosos, em que basta uma chuva mais ou menos forte para arrastar boa parte do solo. As ilhas planas, devido ao clima, apresentam solos nus, com pouca vegetação; a acção do vento e a precipitação, que das poucas vezes que cai, sendo forte causa erosão.

Os solos das ilhas são pobres e apenas cerca de 10% da superfície do país é utilizada para a actividade agrícola (Anuário de Segurança Alimentar 2005, 2006). Tal acontece muito por força do que Silva (2009) refere: os solos são, de uma forma geral, pouco evoluídos, pouco profundos, e bastantes pedregosos, apresentam tendência para a alcalinidade, um baixo teor em matéria orgânica e fraca capacidade de retenção de água, sendo, contudo, ricos em elementos minerais que se encontram bastantes erodidos.

Correia (1990) apresenta uma divisão dos solos em três diferentes categorias, que em termos agrícolas são muito importantes: solos de encosta com declives variados; solos planálticos a diferentes altitudes conhecidas por “achadas”; e solos do leito das ribeiras, principalmente aluviões recentes.

As duas primeiras categorias apresentam terrenos em diferentes estados de degradação tendo em conta as condições registadas no seu desenvolvimento. Nestes terrenos fazem-se as culturas de sequeiro e algumas de regadio mediante técnicas de terraceamento quando as suas características morfológicas o permitem.

O leito das ribeiras é formado por aluviões, como regra argilo-limosos, profundos e com um nível de fertilidade geralmente elevado. Alguns, situados junto à foz das ribeiras, podem apresentar altos teores salinos que é preciso ter em conta aquando da escolha das técnicas culturais a executar.

Em termos agrícolas, os três tipos de terrenos apresentam uma característica comum que é uma fraca ou nula estrutura, a qual deve ser melhorada afim de se conseguir não só uma maior capacidade de retenção de água como também uma mais eficaz infiltração da mesma.

2.2.3 – Recursos Hídricos

“Rodeado de água, encontra, porém, na água uma poderosa limitação. Vítima do paradoxo decorrente da sua localização geográfica que, embora o tenha colocado na água, vitimou o país de dispor de tão precioso factor de desenvolvimento, impondo-lhe constrangimentos constantes ao longo da sua história” (Borges, 2001).

“A água tem um valor económico em todos os seus usos competitivos e deve ser reconhecida como um bem económico assim como um bem social. De acordo com esse princípio, é imprescindível reconhecer antes de mais o direito básico a todas as pessoas um acesso à água tanto em qualidade como em quantidade adequadas e serviços de saneamento a um preço acessível” (INGRH, 2008).

A utilização de água dos rios que se perde para o mar poderia, nos países africanos, contribuir para um forte aumento da produção se fosse possível a sua aplicação na rega das culturas (Ferrão, 1991a). Cabo Verde não tem rios, nem outros cursos permanentes de água, mas o precioso líquido que se perde por aquelas ribeiras aquando das chuvas seria de grande utilidade, se bem aproveitada, para desenvolver uma agricultura de regadio onde as hortícolas tivessem um lugar de destaque.

Cabo Verde tem um grave problema com as chuvas, são escassas e como diz Ferrão (1991a), concentram-se em poucos dias, caem fortemente, a percentagem de escoamento é muito elevada e os efeitos erosivos são consideráveis.

Encontramos em Cabo Verde várias bacias hidrográficas, a de maior superfície, localiza-se na ilha da Boa Vista, é a de Rabil com 199,2 Km², onde o comprimento da linha de água atinge os 27,5 Km, as ribeiras nas restantes ilhas alcançam um máximo de 18 Km de extensão. Nas outras ilhas as bacias apresentam uma superfície inferior a 70 Km². Na ilha da Brava nenhuma ultrapassa os 6 Km² (Silva, 2009).

No arquipélago a água natural provém fundamentalmente do solo, nascentes, galerias, poços, furos (Cruz, 1996). Nas zonas rurais a busca de água subterrânea através de poços e ultimamente por abertura de furos, cada vez mais generalizado nas diversas ilhas, é das poucas formas que se tem para conseguir água. A agricultura é o sector que mais água utiliza, cerca de 70% do total de água subterrânea (INGRH, 2008).

A construção da barragem do Poilão, no concelho de Santa Cruz – ilha de Santiago, parece ter sido uma boa novidade para o país, não só por satisfazer as necessidades da população local, mas também por abrir caminho a construção de outras barragens nas outras ilhas. A construção de barragens deve ser acompanhada de estudos que garantam que os benefícios que se venham a conseguir são superiores às perdas que se possam vir a registar, em especial para a população que vive a jusante das barragens.

Ao longo dos últimos tem-se aberto um grande número de furos, que têm vindo a satisfazer as necessidades das populações, principalmente das zonas rurais, que assim começa a ter água da rede pública nas suas habitações.

A dessalinização da água também é uma realidade. A capacidade instalada, em 2009, para a produção de água dessalinizada em Cabo Verde era de 25950 m³/dia. Em Santo Antão, só no concelho de Porto Novo é que se obtém água potável por este processo, no referido ano a capacidade instalada era de 1000 m³/dia (Carvalho *et al.*, 2010).

Nunca é de mais evidenciar a importância da água. Pois como afirma Correia (2001), a água, ou a sua escassez, é um dos factores que mais condiciona o desenvolvimento em alguns países africanos (também em Cabo Verde), principalmente os mais pobres, afectando não apenas a produção de alimentos como a saúde pública e a competitividade da indústria existente, sendo ainda de esperar reflexos negativos na degradação do meio ambiente e nos recursos naturais.

2.3 – Caracterização Socio-económica

2.3.1 – Características Demográficas

A figura 2.3 apresenta-nos a evolução da população de Cabo Verde desde 1940. A população tem vindo sempre a crescer com excepção do ano de 1950. De 1950 a 2010 a população mais que triplicou. De acordo com o censo de 2010 realizado pelo INE a população situa-se nos 491875 habitantes.

Pela observação da figura 2.4, verifica-se que a população concentra-se maioritariamente na ilha de Santiago (55,7%), onde se situa a capital, cidade da Praia. O segundo centro populacional é São Vicente (15,5%), seguido Santo Antão (8,9%) e Fogo (7,5%). As outras ilhas apresentam uma população muito reduzida.

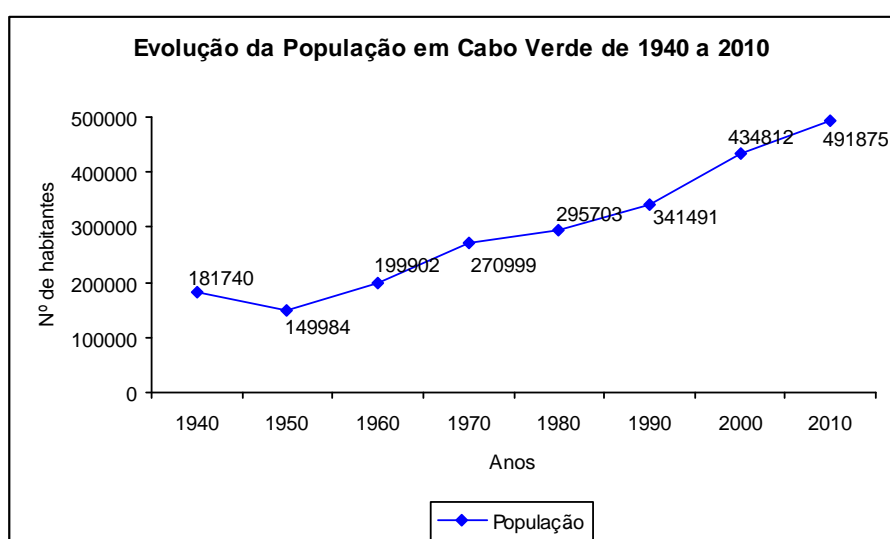


Figura 2.3 – Evolução da população de Cabo Verde de 1940 a 2010
Fonte: INE, 2011

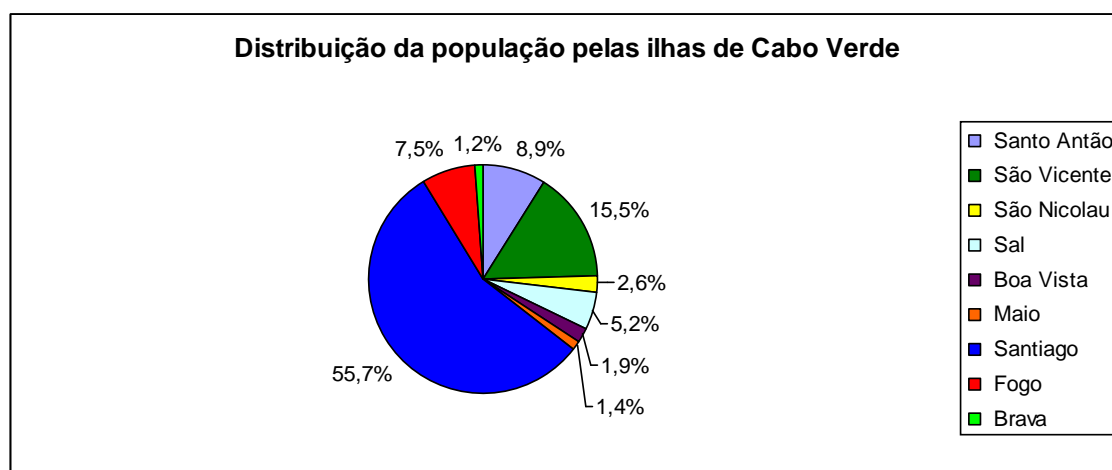


Figura 2.4 – Distribuição da população pelas ilhas de Cabo Verde

Fonte: INE, 2011

Cabo Verde pode ser considerado ainda um país rural. Mas, curiosamente, a população a viver em meio urbano (61,8%) é muito superior à que vive em meio rural (38,2%). Para tal contribuem as populações que vivem nos grandes centros urbanos com destaque para o concelho da Praia (97,1%), de São Vicente (92,6%) e do Sal (92,5%).

Os agregados têm uma dimensão média de 4,4 elementos. São mais os agregados chefiados por homens do que por mulheres, 51,9% e 48,1%, respectivamente.

Uma característica a destacar na população do arquipélago é ser extremamente jovem, o que podemos verificar pela observação da figura 2.5 e do quadro 2.3. Cerca de 43,6% da população tem menos de 20 anos e mais de 50% tem menos de 25 anos.

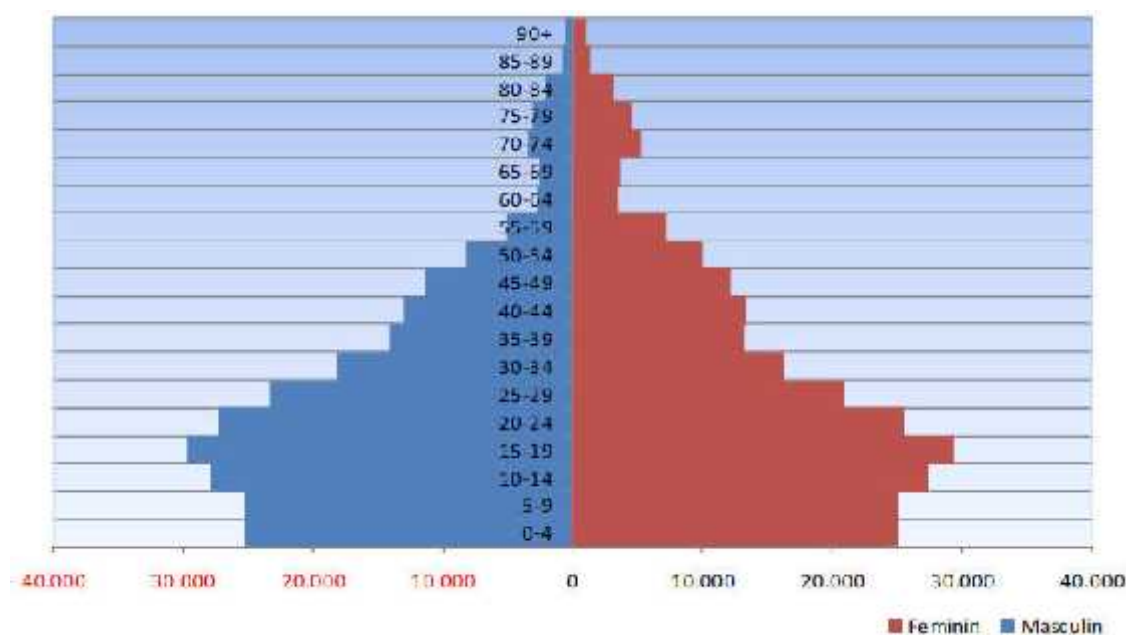


Figura 2.5 – Estrutura etária da população de Cabo Verde

Fonte: INE, 2011

Quadro 2.3 – Estrutura etária da população de Cabo verde

Idades	Homens		Mulheres		Total	
		%		%		%
0-14 anos	78159	32,1	77476	31,2	155635	31,6
15-19 anos	29679	12,2	29400	11,8	59079	12,0
20-59 anos	120537	49,5	118713	47,8	239250	48,6
60 + anos	15002	6,2	22545	9,1	37547	7,6
ND	216	0,1	148	0,1	364	0,1
Total	243593	100,0	248282	100,0	491875	100,0

Fonte: INE, 2011

2.3.2 – Pobreza

“A pobreza corresponde a todo tipo de privação decorrente do acesso inadequado a recursos ou capitais, especialmente, os de natureza económica: a falta de alimentos, de habitação adequada, de cuidados de saúde e de higiene, de educação, de participação, etc.” (Osmani, 2003 cit in PNSA, 2006).

A pobreza constitui uma questão relevante para Cabo Verde, não só pelo número de pessoas que são atingidas por este fenómeno mas, também, pelo que significa em termos de condições de vida e desenvolvimento humano do povo cabo-verdiano.

Quadro 2.4 – Incidência da Pobreza em Cabo Verde

	População pobre (%)		População muito pobre (%)
	(2007)	(2002)	(2002)
Cabo Verde	26,6	36,7	19,7
Urbano	13,2	25,0	11,5
Rural	44,3	51,1	29,8

Fonte: INE, 2009 (QUIBB 2007)

Fonte: INE, 2007 (IDRF 2001-2002)

De acordo com o Questionário Unificado de Indicadores Básicos de Bem-estar 2007 realizado pelo INE (2009), a pobreza incidia sobre 26,6% da população cabo-verdiana enquanto que em 2002, e segundo o Inquérito às Despesas e Receitas Familiares 2001-2002, incidia sobre 36,7% da mesma população (quadro 2.4). Comparativamente, a pobreza é maior em meio rural (44,3%) que em meio urbano (13,2%) (QUIBB 2007), tendo sofrido uma diminuição mais acentuada em meio urbano do que em meio rural (12,2% e 6,8% respectivamente).

Apesar da redução que se tem verificado, a situação de pobreza continua significativa e decorre essencialmente da fragilidade do tecido produtivo e da sua fraca capacidade de gerar emprego, rendimentos e bem-estar às populações (DECRP, 2008).

Santo Antão, Fogo e Santiago, as três ilhas predominantemente agrícolas é onde se concentram as maiores bolsas de pobreza (Ferreira & Pina, 2004). No meio rural, os pequenos e médios agricultores, alguns a trabalhar por conta de outrem constituem um importante contingente de pobres, que vivem sujeito às contingências climáticas e ao desemprego temporário e sem qualquer tipo de cobertura (EDPS, s/ data).

O êxodo rural é natural nos países pobres. Em Cabo Verde, a seca e os sucessivos maus anos agrícolas empurram para o desemprego boa parte das populações rurais, sobretudo jovens que, na falta de alternativas para a satisfação das necessidades básicas de subsistência, se vêm obrigados a imigrar para os principais centros urbanos (EDPS, s/ data). Aqui chegados arranjam trabalho ou desenvolvem pequenos negócios que possibilitam ter algum rendimento.

Para Ferreira e Pina (2004) podem ser identificadas três grandes formas de manifestação de pobreza: baixo nível de rendimentos, insuficientes recursos produtivos e fracas potencialidades básicas.

A pobreza e as desigualdades sociais reflectem-se nas difíceis condições de vida em que vivem muitas famílias cabo-verdianas que não conseguem satisfazer as suas necessidades básicas de subsistência, em termos de alimentação e habitação, bem como do acesso aos serviços sociais de base (saúde, educação) (EDPS, s/ data).

A alimentação é na verdade a necessidade básica que mais espelha a situação de pobreza. Ela condiciona a aquisição de bens alimentares e o acesso a uma alimentação adequada, tanto em qualidade como em quantidade, na medida em que a questão financeira assume aqui uma importância decisiva (Pinto *et al.*, 2002).

A redução da pobreza, a eliminação da pobreza extrema e a redução das desigualdades sociais constitui um dos maiores desafios de Cabo Verde, no quadro da estratégia global de desenvolvimento do país, o que exige a reorientação das políticas públicas no sentido de promover o crescimento económico e a redistribuição de riquezas (EDPS, s/ data).

A redução da pobreza não é apenas um imperativo moral, mas igualmente um imperativo do desenvolvimento económico e social, ao qual todas as sociedades devem responder (Pinto, *et al.*, 2002).

2.3.3 – Indicadores Socio-económicos

Cabo Verde tem no seu povo a sua maior riqueza. Um povo que sabe suportar as dificuldades e que constrói, com a força do seu trabalho, o seu bem-estar. Um país que não foi bafejado pela mãe natureza, mas não é por isso que deixa de criar o seu próprio sustento e que nos últimos anos tem alargado horizontes, explorando outras potencialidades concedidas pela própria natureza.

Quadro 2.5 – Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) dos PALOP e Portugal

País/Região	Posição Mundial	Ano							
		2011	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2000
Angola	148	0,486	0,482	0,481	0,476	0,471	0,459	0,445	0,384
Cabo Verde	133	0,568	0,566	0,564	0,563	0,560	0,555	0,543	0,523
Guiné-Bissau	176	0,353	0,351	0,348	0,346	0,345	0,344	0,340	-
Moçambique	184	0,322	0,317	0,312	0,304	0,299	0,290	0,285	0,245
Portugal	41	0,809	0,808	0,805	0,802	0,798	0,791	0,789	0,778
São Tomé e Príncipe	144	0,509	0,506	0,503	0,496	0,496	0,489	0,483	-
África Sub-Sahariana	-	0,463	0,460	0,456	0,451	0,445	0,438	0,431	0,401
Mundo	-	0,682	0,679	0,676	0,674	0,670	0,664	0,660	0,634

Fonte: PNUD, 2011

Os vários indicadores revelam que Cabo Verde tem vindo a melhorar significativamente o seu desenvolvimento, ao ponto de ser uma referência para a África Sub-Sahariana. No quadro 2.5 estão inscritos os valores de Índice de Desenvolvimento Humano¹ (IDH) dos PALOP mais Portugal. Verifica-se que o valor de IDH tem crescido em todos os países ao longo dos anos.

Portugal é um caso à parte, aparece neste quadro a título indicativo de um país mais desenvolvido, com um valor de 0,809 obtém a classificação de país de desenvolvimento humano muito elevado.

De entre os PALOP, Cabo Verde é o que apresenta melhor IDH, com 0,568 é classificado como país de desenvolvimento humano médio. Todos os outros países obtêm a classificação de desenvolvimento humano baixo.

¹ **Índice de Desenvolvimento Humano (IDH):** Um índice composto que mede as realizações em três dimensões básicas do desenvolvimento humano - uma vida longa e saudável, o conhecimento e um padrão de vida digno.

Quadro 2.6 – Esperança média de vida à nascença nos PALOP, Brasil, Portugal, Timor Leste

País/Região	Idade (anos)
Angola	51,1
Brasil	73,5
Cabo Verde	74,2
Guiné-Bissau	48,1
Moçambique	50,2
Portugal	79,5
São Tomé e Príncipe	64,7
Timor Leste	62,5
África Sub-Sahariana	54,4
Mundo	69,8

Fonte: PNUD, 2011

Quadro 2.7 – Alguns indicadores de desenvolvimento de Cabo Verde

Indicadores		Obs. (ano)
Taxa de crescimento médio anual da população (2000-2010)	1,2%	2010
Taxa de mortalidade infantil (< 1ano)	29	2010
Taxa de mortalidade (< 5 anos)	36	2010
Taxa de alfabetização (> 15 anos)	82,9%	2010
Taxa de desemprego	10,7%	2010

Fonte: INE, 2011; UNICEF, 2012

Com 74,2 anos (quadro 2.6) faz com que Cabo Verde seja dos países africanos de língua oficial portuguesa (PALOP) o com maior esperança média de vida à nascença². Os cabo-verdianos vivem, em média, mais de 20 anos que os angolanos, guineenses e moçambicanos e cerca de 10 anos a mais que os santomenses e menos 5 anos que os portugueses.

Sabe-se que o continente africano tem registado taxas de crescimento da população relativamente elevadas. Tal não aconteceu com Cabo Verde na última década. De acordo com o censo 2010 realizado pelo INE (2011), a taxa em 2000-2010 foi de 1,2% (quadro 2.6), tendo caído para metade relativamente a década de 1990-2000 (2,4%).

A educação, a saúde e o emprego são indicadores que nos dão uma ideia do grau de desenvolvimento dum país. Cabo Verde tem apostado na educação, levando a um aumento da taxa de alfabetização (> 15 anos), os resultados indicam que a taxa, em 2010, era de 82,9%.

² **Esperança média de vida à nascença:** Número de anos que uma criança recém-nascida poderia esperar viver se os padrões prevaletentes das taxas de mortalidade por idades a data do nascimento permanecessem iguais ao longo da sua vida.

Quanto a saúde, podemos analisá-la através da mortalidade infantil (< 1 ano) que, apesar dos progressos, continua relativamente elevada. De acordo com os dados da UNICEF (2012) em Cabo Verde registaram-se, em 2010, 29 óbitos por cada 1000 nados vivos; muito abaixo dos 46 registados em 1990. No entanto, estes valores estão muito longe dos considerados aceitáveis pela Organização Mundial de Saúde (OMS) que é de 10 mortes por cada 1000 nascimentos (Wikipedia, 2012).

De acordo com o INE (2011), em 2010, a taxa de desemprego situava-se nos 10,7%, atingia mais os jovens, as mulheres e os que residiam nos centros urbanos.

Quadro 2.8 – Principais indicadores económicos de Cabo Verde

	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
PIB (Current US\$) (milhões de US\$)	531,39	550,20	616,21	797,31	924,64	999,33	1107,88	1331,22	1550,55	1586,93	1648,09
PIB per capita (Current US\$)	1215	1236	1361	1733	1981	2113	2316	2756	3181	3228	3323
Remessas (Milhões de ECV)	7733,5	8851,8	8010,0	7928,5	8450,8	11002,0	10827,6	10159,0	10424,3	10194,8	10333,4
Balança Comercial (Milhões de ECV)	-22437,7	-23957,7	-27693,0	-30065,0	-33656,3	-30960,0	-40693,6	-53243,1	-57232,7	-53732,0	-56550,8
Exportações (Milhões de ECV)	4598,1	4576,8	4909,3	5150,0	5092,6	7891,4	8429,2	6544,7	8640,2	7368,4	11249,0
Importações (Milhões de ECV)	-27035,8	-28534,5	-32602,3	-35215,0	-38748,9	-38851,4	-49122,8	-59787,8	-65872,9	-61100,4	-67799,8
Taxa de Inflação (%)	-2,4	3,7	1,9	1,2	-1,9	0,4	5,4	4,4	6,8	1,0	2,1

Fontes: Banco de Cabo Verde (BCV), 2012; Banco Mundial, 2012; INE (*cit in* BCV)

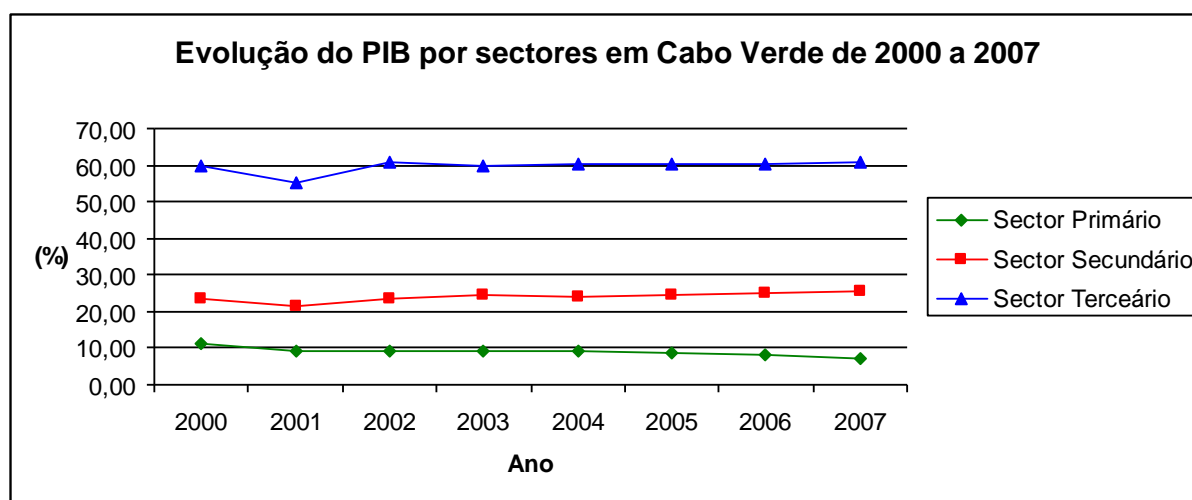


Figura 2.6 – Evolução do Produto Interno Bruto (PIB) por sectores em Cabo Verde de 2000 a 2007 (%)

Fonte: Adaptado de BCV, 2012

Os indicadores económicos que Cabo Verde apresenta são sinal do seu actual desenvolvimento. O Produto interno bruto (PIB) tem vindo a crescer sistematicamente, sendo o valor no ano de 2010 de 1648 milhões de dólares, três vezes superior ao de 2000 (quadro 2.8).

Pela observação da figura 2.6, verificamos que existe uma certa estabilidade no contributo dos diferentes sectores de actividade para o PIB. O sector primário contribui com cerca de 8%, o que mostra o quanto a agricultura é débil, no entanto muito importante para as famílias que nela vão buscar muito da sua alimentação e algum rendimento. O sector secundário contribui com cerca de 25%. O sector terciário é de longe o mais importante, é o que mais contribui para o PIB, acima dos 60% nos últimos anos. Num país que não tem como produzir, porque lhe faltam matérias-primas, volta-se para o sector dos serviços e, aqui, Cabo Verde pode ser forte e tem sido forte. O turismo é a mais valia que as ilhas têm para oferecer ao país e que este tem sabido tirar o melhor proveito.

No que diz respeito ao PIB *per capita*, este também tem crescido consistentemente. Em 2010 foi de 2323 dólares, valor muito superior ao do ano de 2000, que tinha sido de 1215 dólares. Os valores apresentados por Cabo Verde nos últimos anos têm sido muito positivos, tendo por isso alcançado a classificação de país de rendimento médio baixo, atribuído pelo Banco Mundial, superando assim a classificação de país de rendimento baixo. Sabemos que a distribuição do rendimento não é uniforme no país, as populações das zonas rurais são as que possuem menores rendimentos, logo as mais pobres.

Por razões endógenas o arquipélago passa por dificuldades, actualmente não tão acentuadas como aquelas por que passou até meados da década de noventa do séc. XX. O país sempre teve fracos recursos e os vários sectores de actividade não são suficientemente fortes para gerar riqueza que permite desenvolver uniformemente o país, ressentindo dessa situação as regiões longe dos grandes centros urbanos e mesmo as ilhas mais afastadas dos centros de poder.

Há duas características que marcam muito dos cabo-verdianos, o bem receber e a solidariedade. O cabo-verdiano que emigra não esquece do familiar que deixou na terra. Esse não esquecimento traduz-se de duas formas, enviam, a quem ficou, sempre algum dinheiro para que possa minorar as dificuldades por que passam e fazem de tudo para que se dê a reunião familiar no novo país de acolhimento.

As remessas dos emigrantes são um grande contributo para os rendimentos totais das famílias. As remessas tem sido elevadas, nos últimos 6 anos têm ultrapassado os 10 milhões de ECV. Nos últimos anos, são os emigrantes em Portugal que enviam mais dinheiro, seguidos dos de França, Estados Unidos da América e Holanda, respectivamente. Apesar das dificuldades sentidas por todos nós em Portugal, os emigrantes cabo-verdianos não deixam de atender às necessidades dos seus irmãos na terra natal.

Cabo Verde apresenta uma balança comercial fortemente negativa. A título de exemplo, veja-se o caso do ano de 2010 em que as importações (67799,8 milhões de ECV) superaram e muito as exportações (11249,0 milhões de ECV) originando um défice na balança comercial de (56550,8 milhões de ECV) (quadro 2.8).

A estrutura produtiva é muito deficitária. A produção agrícola apenas satisfaz 20% das necessidades do país. A indústria tem pouca expressão. De acordo com o “Boletim de Estatística 20 Anos” do Banco de Cabo Verde os bens de consumo ocupam o primeiro lugar nas importações e dentro destes os produtos alimentares transformados e os produtos alimentares primários.

Portugal sempre foi um parceiro privilegiado no comércio com Cabo Verde, mas o panorama tem vindo a sofrer algumas alterações.

Os dados de 2010 inscritos no Boletim do Banco de Cabo Verde indicam que Portugal (31795,5 milhões de ECV) é o maior fornecedor do país, seguindo-se a Holanda (10373,9 milhões de ECV), Espanha (6577,5 milhões de ECV) e França (2265,2 milhões de ECV).

Quanto às exportações, se Portugal no ano de 2000 era o país que mais importava de Cabo Verde com 1019 milhões de ECV e a Espanha ocupava o terceiro lugar com 44 milhões de ECV, já em 2010 é diferente a Espanha é quem mais compra a Cabo Verde, deixando nos cofres cabo-verdiano 2685,3 milhões de ECV e Portugal é o outro grande comprador de produtos do arquipélago com 839,6 milhões de ECV.

Pelo quadro 2.8 verifica-se alguma variação na inflação ao longo dos anos, com taxas relativamente baixas e até negativas em alguns anos. A produção agrícola nacional tem muita influência sobre a taxa de inflação, num bom ano agrícola a produção aumenta e os preços baixam, levando a diminuição da taxa de inflação. Em 2008 os combustíveis sofreram um forte aumento nos mercados internacionais que teve reflexos no preço nacional, quer dos combustíveis, quer dos bens de consumo, os alimentares inclusive, daí a maior taxa de inflação.

2.4 – Caracterização da Agricultura

“A convicção de que uma aposta no mundo rural e em toda a sua envolvente é vital para o desenvolvimento africano, advém da experiência que é possível obter de outros países tropicais e ainda o facto de, ainda hoje, a grande maioria da população africana viver da ou para a agricultura” (Correia, 2000).

O Recenseamento Geral da Agricultura 2004 (RGA 2004) permitiu caracterizar a agricultura de Cabo Verde. Apresentamos de seguida algumas dessas características.

As explorações agrícolas são na sua maioria do tipo familiar, 44450 (99,87%). Apenas 56 são do tipo não familiar. A área total cultivável é de 445306 litros³ (44530,6 ha), da qual 99,6% pertence às explorações agrícolas familiares.

Santiago com 23467,6 ha (52,7%) é a ilha com maior área agrícola cultivável, seguida de Santo Antão com 9262,4 ha (20,8%) e da do Fogo que tem 7035,8 ha (15,8%) do total. As restantes ilhas detêm apenas 4764,8 ha (10,7%).

As três principais ilhas agrícolas detêm 83,5% das explorações agrícolas familiares: 55% em Santiago, 15% em Santo Antão e 13% no Fogo. As restantes explorações agrícolas familiares distribuem-se pelas outras ilhas da seguinte forma: 4,6% em São Vicente, 4,5% em São Nicolau, 2,8% na Brava, 2,5% no Maio, 1,1% na Boa Vista e 0,9% no Sal (DEGI, 2007).

A agricultura de Cabo Verde, no geral, sempre foi pouco expressiva devido a factores limitantes, o maior deles a água, podemos acrescentar a terra arável, a orografia, os fertilizantes, a tecnologia empregue. O certo é que as produções resumem-se a poucas culturas e a quantidades reduzidas.

Segundo Ferrão (1991a) uma das soluções que, geralmente, tem sido apontada para o aumento da produção é o recurso à rega. Sabe-se que, em muitas circunstâncias, a água é factor limitante da produção e também é conhecido que a agricultura intensiva com a aplicação de água pode fazer aumentar de forma muito significativa as produções globais e unitárias.

Tendo em conta a predominância da agricultura de sequeiro, a irregularidade e a escassez das chuvas, as precárias condições edáficas, o agricultor, de um modo geral, não consegue gerar excedentes para o mercado, já que mesmo num bom ano de chuvas, a produção de milho apenas satisfaz em 50-60% as suas necessidades (Cruz, 1996).

Os portugueses quando chegaram ao arquipélago de Cabo Verde deram conta que as ilhas eram despovoadas. O primeiro povoamento dá-se com portugueses e escravos oriundos da costa ocidental de África. É interessante perceber como era a agricultura nos primeiros tempos de povoamento do arquipélago. Teixeira e Barbosa (1958) fazem esse retrato: *“Todas as ilhas possuíam gado caprino e apenas duas, Santiago e Fogo, eram povoadas. Ambas produziam principalmente algodão, mas no Fogo só de sequeiro, dada a falta de*

³ 1 Litro corresponde a 1000 m². A superfície das parcelas é expressa em litros tanto em regime de regadio como de sequeiro. Esta medida é utilizada pela grande maioria dos agricultores de Cabo Verde.

água, que aparecia apenas junto do mar. Além de algodão, Santiago apresentava outras culturas, sobretudo frutícolas e hortícolas de proveniência europeia, e alguns cereais, pobres, da costa de África, provavelmente dos géneros Pennisetum e Sorghum. As culturas regadas de arroz, cana e algodão limitavam-se certamente a pequenas áreas aluvionares”.

Os descobrimentos portugueses serviram de porta de entrada de muitas culturas em Cabo Verde. Ferrão (1987) refere: *“Trazidos pelos portugueses da América do Sul chegaram por via directa a Cabo Verde, entre outras plantas, o amendoim, a batata-doce, a mandioca, o ananaseiro, a papaieira, a goiabeira e mais tarde os abacateiros, o tabaco, as anoneiras e outras fruteiras. Através de Portugal, embora com origem americana, a batateira, o tomate, os pimentos, além do milho maiz. Do continente africano, em épocas mais ou menos remotas, chegou o rícino. Do Oriente, muitas vezes como estação intermédia para o Brasil, recebeu Cabo Verde, entre muitas, o arroz, o coqueiro, as bananeiras e a mangueira. O cafeeiro chega a Costa Ocidental Africana através de São Tomé e de São Nicolau nos fins do séc. XVIII”.*

Nem todas as ilhas têm o mesmo potencial agrícola. Há ilhas como Sal, Maio e Boa Vista que, pela ausência de água, produzem muito pouco, longe de satisfazer as necessidades mínimas da população, por isso recorrem aos produtos das outras ilhas. De acordo com Teixeira e Barbosa (1958) Santiago é a ilha que oferece melhores possibilidades agrícolas, seguindo-se Santo Antão. As condições agrícolas de Santo Antão são-lhe dadas não pelos seus solos, ao contrário de Santiago, mas pela sua relativa riqueza em água, que permite, sobretudo na parte norte da ilha, a exploração intensiva, pela rega, de uma área importante.

Em 1987, Ferrão afirmava: *“para Cabo Verde o futuro da agricultura não pode centrar-se apenas e só no binómio milho-feijão e floresta. Já hoje assim não é, em particular depois do grande esforço, mas só parcialmente conseguido, da consolidação do leite das ribeiras. A cultura hortícola, alguma cultura arvense e pastagens vão tendo cada vez maior peso na economia local”.*

As culturas de sequeiro continuam a dominar no país, o milho e o feijão são as culturas de eleição, mas faz-se também mandioca, batata, abóbora, amendoim e pouco mais. Nas zonas de regadio faz-se cana-de-açúcar, bananeira, inhame, estas com rega por alagamento; a aposta nas hortícolas é uma realidade em Santiago, Fogo, São Nicolau e Santo Antão, onde é utilizada a rega gota-a-gota nestas culturas.

Quanto à produção animal, a cabra continua a ser o animal de criação predilecto dos cabo-verdianos, em todas as ilhas encontramos numerosos caprinos. A importância da cabra advém do leite que elas dão, que, por exemplo em Santo Antão tem como destino a produção de queijo, para além de sempre se poder vender cabritos. O porco também é de

criação por muitas famílias, que por ano sempre matam um para consumo caseiro e os leitões, quando os têm, são vendidos ainda pequenos. Já o gado bovino concentra-se mais em Santiago, maior ilha e com algumas pastagens naturais. Depois temos as pequenas aves, com destaque para as galinhas.

2.4.1 – Agricultura de Sequeiro

A agricultura constitui a principal actividade de muitas famílias que vivem em meio rural. Pela observação da figura 2.7 verificamos que a agricultura de sequeiro ocupava, em 2004, 91% da área cultivável e o regadio apenas 8%, que corresponde a 40522,8 ha e 3562,4 ha, respectivamente. É natural que assim seja, uma vez que, em Cabo Verde, a estação seca é muito longa, decorre de Novembro a Junho, e a água escasseia.

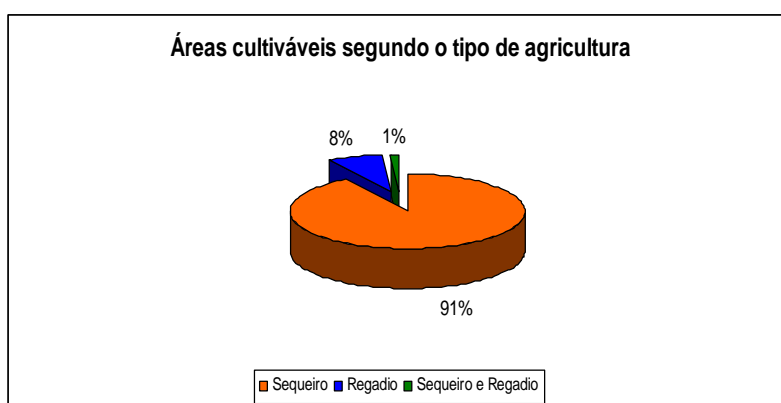


Figura 2.7 – Áreas cultiváveis segundo o tipo de agricultura
Fonte: Adaptado do RGA 2004 (DEGI, 2007)

Das parcelas agrícolas familiares 86% são de sequeiro, em que maioritariamente o sistema de produção não é rentável devido ao alto grau de risco derivado das condicionantes agro-climáticas. Assim produz-se principalmente para auto-consumo (PNSA, 2006).

Em Santiago, com 22247 ha, encontra-se mais de metade da área total disponível de sequeiro (54,9%) e as ilhas de Santo Antão, com 7132 ha, e do Fogo, com 7010,4 ha, têm quase a mesma área, 17,6 e 17,3%, respectivamente (DEGI, 2007).

As culturas fundamentais do país são o milho e o feijão que constituem a base da alimentação da população cabo-verdiana conjuntamente com a banana, entre os produtos de origem vegetal (Ferrão *et al.*, 1989). O milho é conhecido como “milho da terra”, tradicionalmente semeado em consociação (Teixeira & Barbosa, 1958).

De acordo com Correia (1990), nas regiões mais altas ou demasiado ventosas o milho associa-se à batata-doce. O milho é então semeado no cedo e os pedaços de caule (cordas) utilizados para a propagação da batata-doce são plantados na primeira amontoa.

Nos regadios ou zonas húmidas, a consociação mais comum é milho-feijão. Contudo o milho pode aparecer consociado com uma outra cultura.

A sementeira do milho é feita no pó ou depois das primeiras chuvas, que normalmente ocorrem em Junho. Mas é no mês de Julho até meados de Agosto que se concentram as sementeiras.

Pode dizer-se que, em termos médios, entre a sementeira e a colheita decorrem três a quatro meses. Colhem-se as maçarocas e o colmo é deixado no terreno para servir de tutor à cultura do feijão.

As produções são muito baixas dependendo muito da forma como caem as chuvas mas, em valores médios, situam-se entre 300 a 400 Kg/ha (Ferrão *et al.*, 1989).

Quadro 2.9 – Área (ha), Produção (t) e Rendimento (kg/ha) de Milho em Cabo Verde

Ano	2000		2001		2002		2003		2004		2005		2006		2007		2008		2009		2010	
Área (ha)	30626		30674		34122		32053	*	25963		15000	F	29263		27873		34385		33000	P	34300	Im
Produção (t)	24341		19549		5067		12154	*	10000	*	3648		4116		3068		11584		7380	P	7600	Im
Rendimento (Kg/ha)	795	Fc	637	Fc	149	Fc	379	Fc	385	Fc	243	Fc	141	Fc	110	Fc	337	Fc	224	Fc	222	Fc

Fonte: FAO (2012)

Nota: * = Unofficial figure | [] = Official data | F = FAO estimate | Im = FAO data based on imputation methodology | P = Provisional official data | Fc = Calculated data

Quadro 2.10 – Área (ha), Produção (t) e Rendimento (kg/ha) de Feijão em Cabo Verde

Ano	2000		2001		2002		2003		2004		2005		2006		2007		2008		2009		2010	
Área (ha)	234	Im	199	Im	247	Im	252	Im	231	Im	210	F	220	F	230	F	253	Im	204	Im	210	F
Produção (t)	1718	Im	2144	Im	2197	Im	1364	Im	1435	Im	2100	F	2200	F	2250	F	2925	Im	2326	Im	2800	Im
Rendimento (kg/ha)	7342	Fc	10774	Fc	8895	Fc	5413	Fc	6212	Fc	10000	Fc	10000	Fc	9783	Fc	11561	Fc	11402	Fc	13333	Fc

Fonte: FAO (2012)

Nota: F = FAO estimate | Im = FAO data based on imputation methodology | P = Provisional official data | Fc = Calculated data

Os quadros 2.9 e 2.10 dizem respeito a área cultivada, quantidade produzida e rendimento das culturas de milho e feijão, respectivamente. É de destacar a baixa produção da cultura do milho que conduz a um rendimento igualmente baixo, neste caso varia entre 140 e 800 kg/sem.

A área dedicada ao feijão, pouco mais que 200 sem, é muito menor que a dedicada ao milho, nos últimos acima dos 30000 sem. O rendimento é elevado, nos anos mais recentes acima dos 10000 kg/sem.

Como referem Teixeira e Barbosa (1958), depois do milho o feijão é a cultura mais importante, tanto pela área que ocupa como pelas produções totais que atinge nos anos de muita produção. É largamente consumido pela população e a rama serve de alimento forrageiro para os animais.

Ainda Teixeira e Barbosa (1958) apresentam uma lista de feijões cultivados em Cabo Verde: *Cajanus cajan* (L.) Millsp. – feijão congo, figueira ou ervilha, pigeon pea; *Lablab tal* (L.) Medik – Feijão pedra, careca, vaca ou Araújo; *Vigna unguiculata* (L.) Walp – feijão bongolon; *Phaseolus lunatus* L. – feijão bonje ou bonjinho; *Phaseopus vulgaris* L. feijão de Lisboa, sapatinho; *Mocuna pruriens var utilis* (*Stizolobium*) – feijão bitcho, feijão lagarta; *Canavalia ensiformis* (L.) DC. – fava rica.

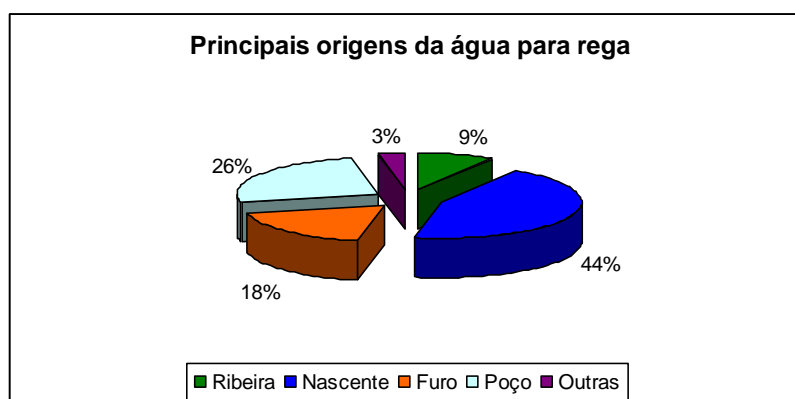
Segundo Correia (1990) os feijões mais apreciados são o bombone (uma das cultivares do *Lablab tal*), o bongong fava branca ou favona e feijão pedra branco. O feijão congo, igualmente muito apreciado, e o feijão bongolon são os mais importantes. O feijão congo é o mais utilizado em consociação com a cultura do milho, por ser uma planta arbustiva que pode ocupar o terreno durante três a sete anos. O bongolon, por ser uma espécie de crescimento rápido que pode ser colhido ao fim de dois meses e meio a três meses e oferecer um feijão de muito boa qualidade.

A cultura do milho e feijão é feita nos terrenos de encosta, às vezes mal protegidos dos efeitos erosivos da água das chuvas que cai concentrada. A sementeira é feita ao covacho. Numa pequena abertura feita com um pequeno sacho triangular colocam 3 a 5 grãos de milho e 1 a 3 feijões, tapando tudo com o pé. Os covachos ficam a cerca de 50-60 cm uns dos outros (Ferrão *tal.*, 1989).

Teixeira e Barbosa (1958) reconhecendo a importância do milho e do feijão para o povo cabo-verdiano escreveram o seguinte: “A clássica e monótona cultura de milho e feijão espraia-se pelas encostas e achadas semi-áridas e invade as zonas húmidas e os regadios, com um fim principal – a “cachupa”. Esta, base tradicional da alimentação do trabalhador cabo-verdiano, consta principalmente de milho e feijão bem cozidos. No caso da “cachupa rica”, inclui carne de porco, feijão “bonje”, “fava”, ou “favona” e até galinha. Com milho cozinham-se também o “xerém” com grão mal moído; a “papa” geralmente com leite de cabra; os “cusuz”, espécie de broa fabricada com farinha bem pilada cozida em vapor de água; bolos, etc. Empregam, em certas regiões, um milho do tipo “pop corn” para assar. O milho constitui assim o alimento indispensável do povo”.

2.4.2 – Agricultura de Regadio

“Entre os factores de produção mais importantes, a água, ou a sua disponibilidade para a rega, é usualmente apontada como a principal limitação da agricultura africana e muitas vezes o parâmetro técnico mais condicionante para a introdução a adaptação de novas tecnologias” (CGIAR, 1999, cit in Correia, 2001).

**Figura 2.8** – Principais origens da água para rega em Cabo Verde

Fonte: Adaptado do RGA, 2004

Quadro 2.11 – Principais origens da água para rega em Cabo Verde e Ilhas

	Nascentes %	Poços %	Furos %
Cabo Verde	44	26	18
Santo Antão	66	4	15
São Vicente	3	48	3,5
São Nicolau	45	8	14
Sal	-	83	-
Boa Vista	-	83	5
Maio	-	88	15
Santiago	32	39	21
Fogo	20	1	54
Brava	89	-	-

Fonte: DEGI, 2007 (Adaptado do RGA 2004)

Cabo Verde não tendo rios, nem cursos de água permanente, tem de socorrer da água subterrânea para satisfazer as suas necessidades. De acordo com o RGA de 2004 (figura 2.8), as nascentes (44%) são a principal fonte de fornecimento de água para a rega das explorações agrícolas. À época, os poços (26%) ocupavam o segundo lugar, seguido dos furos (18%).

Pela observação do quadro 2.11, verificamos que as ilhas da Brava, Santo Antão e São Nicolau têm as nascentes como principal fonte de abastecimento de água às explorações agrícolas. Já as ilhas em que pouco chove, Sal, Boa Vista e Maio têm nos poços a principal origem da água para rega. A ilha do Fogo satisfaz as necessidades dos seus agricultores, em mais de 50% através de furos. Em Santiago é tudo mais equilibrado entre as três fontes de água para a rega.

A cana sacarina é a cultura regada de Cabo Verde mais importante. Além de ocupar a maior parte dos regadios, absorve ainda os melhores terrenos de sequeiro, os mais húmidos (Teixeira & Barbosa, 1958). É a mais cultivada por proporcionar maiores rendimentos aos

agricultores. A bananeira é a outra cultura que, de acordo com Ferrão *tal.*, 1989), ocupa os bons terrenos de regadio das ribeiras, em especial perto da foz.

A mandioca, a batata-doce e o inhame são culturas que normalmente se realizam nas áreas regadas. As hortícolas: tomate, pimento, cenoura e batata comum, são realizadas nas áreas regadas dos vales das ribeiras (Ferrão *tal.*, 1989). Actualmente com a generalização da rega gota-a-gota (numa escala ainda reduzida) a área cultivada expandiu e a produção de hortícolas tem crescido de forma significativa.

A horticultura é considerada um dos sectores mais rentáveis da agricultura em Cabo Verde. A produção tem sido suficiente para abastecer os mercados em quase todos os seus principais produtos (Africainfomarket, 2004).

A agricultura é a maior consumidora de água (Cruz, 1996), no regadio que utiliza rega tradicional e gota-a-gota, seguindo-se a utilização urbana doméstica e, por último, a utilização na indústria transformadora (INGRH, 2008).

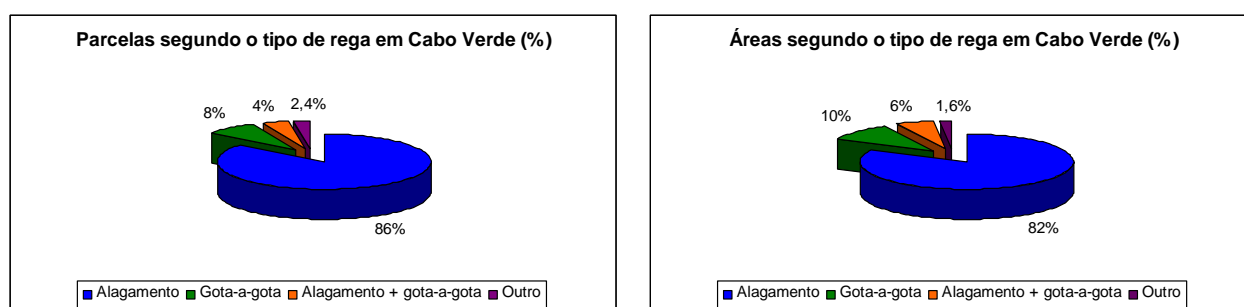


Figura 2.9 – Percentagem de parcelas e áreas segundo o tipo de rega em Cabo Verde
Fonte: DEGI, 2007 (Adaptado do RGA 2004)

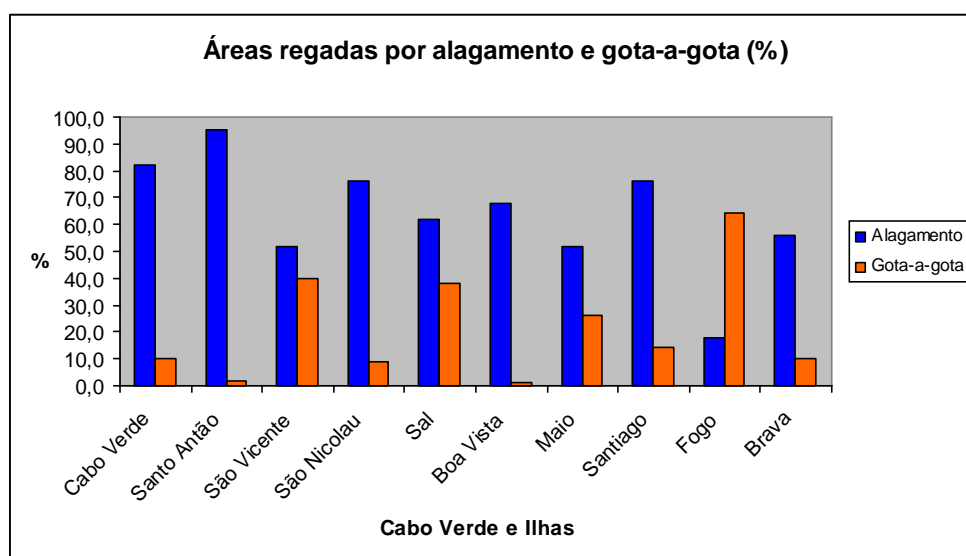


Figura 2.10 – Percentagem de áreas irrigadas pelos principais sistemas de rega utilizados em Cabo Verde.

Fonte: DEGI, 2007 (Adaptado do RGA 2004)

A rega por alagamento é de longe a mais utilizada em Cabo Verde, acima dos 80% como se pode observar na figura 2.9. As culturas de cana sacarina e bananeira, e as hortícolas em menor expressão, recorrem principalmente a este tipo de rega.

A rega gota-a-gota, utilizada principalmente em hortícolas, está a ganhar o seu espaço. Pela simples razão de a água escassear e a gota-a-gota ser um sistema que permite racionalizá-la e assim ganhar eficiência na sua utilização.

Em todas as ilhas predomina a rega por alagamento (figura 2.10), a exceção é a ilha do Fogo em que o sistema gota-a-gota é dominante. Se em algumas ilhas há um certo equilíbrio na área ocupada pelos dois sistemas, caso de São Vicente e Sal, já noutras, Santo Antão, São Nicolau, Santiago e Brava, a rega por alagamento é largamente a mais utilizada.

A rega gota-a-gota é uma inovação tecnológica com que muitos agricultores ainda não estão familiarizados. A sua instalação implica um grande investimento, e os agricultores de fracos recursos financeiros não têm como fazê-lo. Assim a rega por alagamento é aquela que ainda vai satisfazendo as necessidades do agricultor mais pobre.

De acordo com o RGA 2004, Santo Antão, a ilha com mais água, é, também, a que tem maior área de regadio do país, cerca de 1827,5 sem (51,3%), seguida de Santiago, com 1132,8 sem (31,8%). São Vicente é a terceira ilha com mais área disponível para o regadio, 213,7 sem (6%) (DEGI, 2007).

Na rega por alagamento a distribuição de água às parcelas é feita por levadas. São de grande importância na forma de condução da água. A nível nacional, em 50% das explorações agrícolas com regadio a distribuição da água é feita por levadas abertas em cimento, em 41% por levadas abertas em terra batida e em 45% por tubos (DEGI, 2007).

Ferrão (1991^a) afirma: *“porque se tem consciência da importância da água no aumento da produção, em todo o mundo se tem feito um esforço no sentido de tornar a agricultura menos dependente do regime das chuvas e sobretudo quando elas são anualmente mal distribuídas e irregulares conforme os anos”*. Tal tem acontecido com Cabo Verde, o investimento em abertura de furos e em barragens são sinais de forte aposta numa agricultura de regadio, em que predominam as hortícolas e permitem uma variedade de produtos que, com certeza, melhoram a dieta alimentar do cabo-verdiano.

2.4.3 – A Cultura da Cana-de-açúcar

A cana-de-açúcar (*Saccharum officinarum* L.), originária da Nova Guiné e característica de climas tropicais e húmidos, foi a primeira planta a ser usada na produção de açúcar (Amaral, 1988).

O início do povoamento de Cabo Verde deu-se em 1462, tendo começado pela ilha de Santiago, a mais vasta e de condições naturais mais favoráveis (Santos, 1992). Ferrão (1993) refere que a cana-de-açúcar foi introduzida no país, aquando do seu povoamento, com plantas oriundas da ilha da Madeira.

A produção de açúcar, em Santiago, esteve sempre associada a pequenas instalações (Santos, 1992). André Faro, em 1662, referindo-se a Santiago, informava que *“dá esta ilha açúcar em boa quantidade mas não se fazem engenhos grandes como no Brasil”* (Ferrão, 1993).

Pensa-se que só em finais do séc. XVII ou começos do séc. XVIII terá sido introduzida a cana sacarina na ilha de Santo Antão e, com menor significado económico, nas ilhas de São Nicolau e Brava. Em Santo Antão a cultura ocupou os vales fundos, substituindo a vinha que tinha sido aniquilada pela filoxera. Posteriormente, tentou-se a cultura do cafeeiro com regadio mas, perante intensos ataques de ferrugens, continuou a cana a dominar nas terras regadas da ilha (Santos, 1992).

Como refere Santos (1992), *“por todo o Mundo, nas regiões produtoras de cana, o açúcar anda sempre de mãos dadas com a aguardente, legal ou clandestinamente”*. Em Cabo Verde não é excepção, chegando ao ponto de, como afirma Ferrão (1993), levar ao desaparecimento da indústria do açúcar, mas continuar a produção de cana que, por vezes, ocupa os terrenos mais férteis para sustentar a produção de “grogue”, situação que ainda hoje ocorre.

Santo Antão é a ilha com maior área cultivável dedicada à cana sacarina. De acordo com o PDSA (1999) ocupava 750 sem dos 855 sem em que há regadio. Os dados apresentados no quadro 2.12 resultam de estimativas da FAO. Comparando os valores do quadro e o valor que apresenta o PDSA confirma-se a informação anterior.

Quadro 2.12 – Área, Produção e Rendimento de Cana-de-açúcar em Cabo Verde

Ano	2000	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Área (ha)	900	1200	1476	1500	1500	1500	1500
Produção (t)	14000	22800	28190	28500	28500	28500	28500
Rendimento (t/ha)	15,6	19	19,1	19,0	19,0	19,0	19,0

Fonte: FAO (2012)

Nota: Os dados são estimativas da FAO

Teixeira e Barbosa (1958) fazem referência às variedades de cana cultivadas à época: “ervastim” ou “cana riscada”; “crioula” ou “preta” “bourbon” (branca), de maior rendimento; “roxa”, “preta” e “raiada”, mais resistentes à secura; “caneca”, a melhor para se comer. Com o tempo e a carência de água, reduziu-se imenso (quase extinção) a cultura das variedades tradicionais ricas em açúcar, nomeadamente: “bourbon”, “desvestina”, “cana caneca” e “cana de terra”.

Actualmente o que mais se usa são híbridos de cana sacarina, como a *S. violaceum* Tussac, a melhor para terrenos menos férteis; e a Hawai, a mais resistente a ventos fortes (Ferreira, 2006).

A melhor época de plantação é de Março a Maio (Teixeira & Barbosa, 1958). A colheita é realizada em função da época de produção de “grogue” e ocorre entre os meses de Janeiro e Julho, sendo mais concentrada nos meses de Janeiro a Abril. A cana-de-açúcar tem como principal destino a produção de “grogue”, mas também se faz “mel” de cana, ainda que em quantidades reduzidas.

Teixeira e Barbosa (1958) referem que o fabrico de açúcar, “mel” e aguardente é feito de uma forma rudimentar. Actualmente não se faz açúcar, e o fabrico de aguardente segue os mesmos princípios de antigamente. Muitos deixaram de usar bois ou mulas no trapiche (obtenção da calda), passando a usar motores eléctricos.

Santo Antão é a ilha que mais “grogue” produz. De acordo com o PDSA (1999), a produção era estimada em cerca de 1100000 litros, tendo em conta a área coberta com cana. Contudo a produção real é muito maior levando em conta a quantidade produzida a partir do açúcar importado.

A qualidade do “grogue” é posta em causa quando alguns produtores, como afirma Ferreira (2006) adicionam produtos químicos impróprios para potenciar a calda no processo de fermentação e, até, para confundir a qualidade da aguardente de açúcar.

O ponche – mistura de “grogue”, mel, limão e/ou plantas aromáticas, é o produto à base de “grogue” que os cabo-verdianos mais apreciam. Mas há múltiplos produtos em que o “grogue” serve de matéria-prima: caipirinha, licor, essências, tinturas e infusões, xaropes e, até, produtos medicinais (Ferreira, 2006).

A cana proporciona um largo número de subprodutos com aplicação na propriedade agrícola: o bagaço serve de combustível na destilação da aguardente; palha da cana para alimentação dos animais; fertilização dos terrenos; artesanato e cobertura das casas.

CAPÍTULO 3 – SEGURANÇA ALIMENTAR

3.1 – Conceito de Segurança Alimentar

“A importância das questões referentes à segurança alimentar, aos mais variados níveis, é hoje, cada vez mais, uma preocupação presente na definição das políticas de desenvolvimento, muito particularmente no que diz respeito ao sector da produção agrícola e consumo alimentar. Este tipo de preocupação, embora com enfoques diferentes, é comum aos países industrializados e países menos desenvolvidos, a maior parte dos quais se localizam em meio tropical ou subtropical” (Carvalho, 1995).

As questões de segurança alimentar dizem respeito a toda a humanidade, pois como refere Ferrão (2002), *“o direito básico de todo o ser humano é ter garantida a alimentação de todos os dias”*.

Na linguagem de comunicação internacional, como afirma Ferrão (2002), criaram-se a *food security* e a *food safety*, para designarem coisas com uma certa relação entre si, mas estruturalmente diferentes. Em português ficamos só pela segurança alimentar quando nos referimos aos dois conceitos.

Costa (2002), explicita o que se entende por segurança alimentar (do *food safety*), *“produzir e comercializar alimentos cujo consumo seja seguro, ou seja, isentos de agentes causadores de doença”*. Continua Costa (2002), *“para garantir segurança alimentar é necessário evitar a ocorrência de riscos biológicos, físicos e químicos”*.

Ferrão (2002), explicita o que se entende por segurança alimentar (do *food security*), garantia de disponibilidade de alimentos, produzidos localmente ou com origem no exterior, e possibilidade de acesso a eles por todo o ser humano.

“Os problemas de segurança alimentar, sensu lato, que se vivem nos países mais pobres, são da mesma natureza, se bem que consideravelmente mais agravados e diversificados e, por isso, muito mais prioritários, que aqueles que preocupam actualmente os países mais desenvolvidos. Aqueles que se referem ao food safety que hoje muito justamente preocupam mais os segundos porque já têm orientados aqueles que se referem à food security, colocam-se também aos países pobres, mas quando nestes a fome está instalada e a carência de alimentos é regra a food security assume prioridade porque está em causa a sobrevivência” (Ferrão, 2002).

Ainda, segundo Ferrão (2002), nos países menos desenvolvidos a prioridade é assegurar quantitativamente e tanto quanto possível a alimentação da sua população, já que a fome e

a subnutrição são preocupantes, havendo o perigo de se subestimarem todos os aspectos do *food safety*.

Nos últimos anos tem-se verificado que a segurança alimentar (*food security*) já não é apenas um problema dos países menos desenvolvidos, na medida em que a crise dos combustíveis fósseis, as alterações climáticas e outras vulnerabilidades na cadeia alimentar, podem também ameaçar as regiões que actualmente apresentam segurança alimentar (Mourão, 2009).

A melhor definição de segurança alimentar que podemos encontrar é aquela que resultou da Cimeira Mundial de Alimentação organizada pela FAO, em 1996. Segundo esta, *“existe segurança alimentar quando as pessoas têm, a todo momento, acesso físico, social e económico a alimentos seguros, nutritivos e suficientes para satisfazer as suas necessidades dietéticas e preferências alimentares, a fim de levarem uma vida activa e sã”* (FAO, 1996).

De acordo com Simon (2009), da definição podemos extrair as quatro dimensões da segurança alimentar:

Disponibilidade, na definição equivale ao termo suficiente, quantidade de alimentos que está presente num país ou região, graças a qualquer forma de produção interna, importações, reservas alimentares ou ajuda alimentar (WFP, 2009 *cit in* Simon, 2009).

Acesso, na definição está na referência acesso físico, social e económico. Acesso físico, ter um lugar onde se possa adquirir alimentos; acesso económico, os alimentos estarem disponíveis onde as pessoas os necessitam e as famílias terem capacidade financeira de adquirir com regularidade quantidades suficientes de alimentos para satisfazer as suas necessidades; acesso social ou socio-cultural, trata-se de situações em que o produto está disponível fisicamente para o consumidor, este dispõe de recursos económicos para adquiri-los, mas podem existir barreiras socio-culturais que limitam o acesso a eles, em especial a certos grupos da população, por exemplo, por razões sociais ou de género.

Utilização, na definição refere-se a alimentos seguros e nutritivos que satisfaçam as suas necessidades dietéticas. Aqui é importante a selecção dos produtos alimentares, sua conservação e preparação, assim como a ingestão e absorção dos nutrientes. Os alimentos têm de ser seguros e de boa qualidade.

A utilização dos alimentos também está relacionada com a água potável, as condições higiénicas e assistência sanitária. Assim, esta dimensão não só se refere à nutrição, mas também a outros elementos relativos ao uso, à conservação, ao tratamento e preparação

dos produtos alimentares. Toda ela mostra uma estreita relação entre nutrição e segurança alimentar, não se pode ter segurança alimentar sem uma nutrição adequada.

Estabilidade, na definição compreende à expressão “em todo o momento”. A estabilidade aplica-se às três primeiras dimensões de segurança alimentar mencionadas anteriormente. A segurança alimentar é uma situação que não tem de se dar só num momento, num dia ou estação, tem que ter carácter permanente e sustentável.

Com base na dimensão estabilidade define-se a insegurança alimentar crónica e transitória: Insegurança alimentar crónica – é a incapacidade a longo prazo ou persistente para satisfazer as necessidades alimentares mínimas.

Insegurança alimentar transitória – é um défice alimentar a curto prazo ou temporal.

A segurança alimentar é difícil de medir e, portanto, o que geralmente se mede, avalia-se ou analisa-se é a insegurança alimentar, com o objectivo de determinar os factores que tenham podido provocar esta situação ou causá-la no futuro e decidir medidas de correcção.

A FAO define insegurança alimentar como uma situação em que algumas pessoas não têm acesso a quantidades suficientes de comida segura e nutritiva e, portanto, não consomem alimentos de que necessitam para crescer normalmente e levar uma vida activa e saudável.

3.1.1 – Segurança Alimentar: Evolução do Conceito

As questões relativas à pressão do homem sobre o meio no que se refere à alimentação remontam ao tempo de Thomas Malthus (ano de 1798). Este simplificava a questão, dizendo que a população cresce de forma geométrica, enquanto a produção de alimentos cresce de forma aritmética, o que matematicamente nos conduz a uma situação de carência alimentar” (Carvalho, 2001).

Simon (2009) descreve a evolução do conceito de Segurança Alimentar revisitando quatro períodos, por ele considerados importantes, e que passamos a enunciar de seguida:

1º Período: 1930 – 1945

É após a I Guerra Mundial, nos anos trinta do século passado, que a segurança alimentar deixa de ser apenas uma preocupação à escala nacional, provincial, local e familiar, e começa a ser uma preocupação à escala mundial.

John Shaw, na obra intitulada “World Food Security”, refere-se aos escritos de Sir John Boyd Orr relativos ao que pode considerar-se como as origens da segurança alimentar como a conhecemos actualmente: “No início da década de 1930, a Jugoslávia (como membro da Sociedade das Nações) propôs que, dada a importância dos alimentos para a saúde, a Divisão de Saúde da Sociedade das Nações difundisse informações sobre a

situação alimentar nos países representativos do mundo. Esta informação foi a primeira introdução ao problema alimentar mundial no âmbito da política internacional” (Shaw, 2007 *cit in* Simon, 2009).

A informação sobre “Nutrição e Saúde Pública”, apresentada em 1935, pôs em relevo um grave défice alimentar nos países pobres, e constituiu a primeira consideração sobre o alcance da fome e malnutrição no mundo.

Como consequência desta informação os governos da Europa e da América do Norte mostraram reais preocupações pelo aumento da produção com o objectivo de garantir, finalmente, alimento suficiente para todos. As políticas desenvolvidas tiveram tanto êxito que, rapidamente, a produção superou o consumo e se obtiveram excedentes. Parte destes seriam encaminhados para as ajudas alimentares. Em 1943, durante a guerra, numa Conferência sobre Alimentação e Agricultura convocada pelo Presidente dos E.U. América, Franklin D. Roosevelt, as nações do mundo decidiram criar a Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO).

2º Período: 1945 – 1970

Em 1946, a recém criada FAO organizou a sua primeira Pesquisa Alimentar Mundial, cujo objectivo era de averiguar se havia alimentos suficientes, medidos em termos de energia ou macronutrientes (calorias), para todo o mundo. Chegou-se à conclusão que menos de um terço da população mundial (em 1945) não recebia quantidade de energia suficiente.

A ajuda alimentar é a ferramenta mais usada tanto em quantidade como em valor (mas não necessariamente em eficiência) para combater a insegurança alimentar.

Em 27 de Outubro de 1960, a Assembleia Geral das Nações Unidas aprovou uma resolução relativa a “ministração de excedentes alimentares aos povos com défice alimentar, através do sistema das Nações Unidas” (UN, 1960 *cit in* Simon, 2009), criando o Programa Alimentar Mundial (PAM).

Em 1961, a Organização Mundial de Saúde (OMS) e a FAO criaram conjuntamente a Comissão do *Codex Alimentarius* a fim de regular a inocuidade dos alimentos, mediante o estabelecimento de medidas internacionais relativas ao tratamento, etiquetagem, toma de amostras para análise, requisitos higiénicos, etc., dos produtos alimentares.

3º Período: 1970-1990

No período anterior, durante os anos 50 e 60 a produção mundial de alimentos aumentou em mais de 50% e a produção *per capita* cresceu em mais de 20%. Em finais dos anos 60, os mercados mundiais de cereais tinham quantidades consideráveis de excedentes.

O ano de 1972 foi muito mau para a produção de cereais devido às más condições climáticas verificadas em várias regiões do mundo. Os stocks mundiais de cereais desceram de mais de 200 milhões de toneladas, em 1970, para pouco mais de 100 milhões de toneladas em 1974.

Igualmente em 1974 dá-se a crise do petróleo. A Organização dos Países Exportadores de Petróleo – OPEP, decidiu elevar os preços do petróleo até níveis sem precedentes. O que afectou os custos de transporte de cereais, tornando estes mais caros no mercado internacional.

Crise de cereais é sinónimo de crise mundial de alimentação. A pedido de vários países, tanto mais desenvolvidos como menos desenvolvidos, teve lugar em Novembro de 1974, em Roma, a Conferência Mundial de Alimentação das Nações Unidas, concordaram em tomar medidas para garantir este objectivo: “ num decénio ninguém padeceria de insegurança alimentar”.

Foram aprovadas uma série de recomendações entre elas um Compromisso Internacional sobre Segurança Alimentar Mundial em que, pela primeira vez, se reconheceu a segurança alimentar como uma preocupação de todas as nações. Começa aqui a construir-se a definição de Segurança Alimentar, **disponibilidade** de uma quantidade adequada de alimentos a todo o momento.

Foram várias as propostas formuladas pela Conferência: a criação da FIDA, Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola; o estabelecimento de um Comité de Segurança Alimentar – CSA; o Sistema Mundial de Informação e Alerta – SMIA; o Conselho Mundial de Alimentação; o Comité de Políticas e Programas de Ajuda Alimentar; a Reserva Alimentar Internacional de Emergência – RAIE, actualmente uma das principais fontes de financiamento das operações de emergência do PAM.

A partir de 1981 o conceito de Segurança Alimentar ganha uma nova dimensão. Já se tinha alcançado a dimensão disponibilidade, voltou a produzir-se alimento suficiente para alimentar a população mundial. O indiano Amartya Sen, futuro prémio Nobel, argumenta que em épocas passadas de fome extrema, o principal problema não tinha sido tanto a falta de alimento mas sim a impossibilidade dos mais pobres acederem aos mesmos.

Sem, explicou que a maioria dos casos de inanição e fome extrema no mundo não eram resultado das pessoas terem sido privadas daquilo a que tinham direito, mas que, nos sistemas jurídicos e sociais existentes aonde viviam, as pessoas não tinham direito aos meios adequados de sobrevivência. Assim, durante as fomes extremas, as pessoas pobres viram-se muito mais afectadas que outras, devido a ausência desse direito (Sem, 1981 *cit in* Simon, 2009).

A dimensão **acesso** só foi reconhecida oficialmente em 1996 na Cimeira Mundial de Alimentação em Roma.

4º Período: 1990 – 2005

O período começa, após a queda do muro de Berlim, com a crise alimentar devida à seca de 1992 na África Meridional.

A Conferência Internacional sobre Nutrição de 1992, organizada pela FAO e OMS, em Roma, constitui um importante marco na evolução recente da segurança alimentar. Na declaração final da conferência advertiu-se, com preocupação, de *“ser inaceitável que cerca de 780 milhões de pessoas nos países menos desenvolvidos não tivessem acesso a alimentos suficientes para satisfazer as suas necessidades básicas diárias”* (FAO & WHO, 1992 cit in Simon, 2009).

O conceito de segurança alimentar actualmente em vigor foi definido em 1996 na Cimeira Mundial de Alimentação, organizada pela FAO, realizada em Roma.

No plano de acção da Cimeira estava inscrito o objectivo de erradicar a fome em todos os países e, entre outras resoluções, o propósito de reduzir o número de pessoas malnutridas no mundo a metade antes de 2015.

Em Setembro de 2000, a Cimeira do Milénio das Nações Unidas reunida em Nova Iorque aprovou os 8 Objectivos do Milénio (ODM) o primeiro dos quais se refere a *“erradicar a pobreza extrema e a fome”*. Praticamente um dos propósitos desse objectivo consiste em reduzir a metade, entre 1990 e 2015, a proporção de pessoas que padecem de fome.

A crise alimentar de 2005 no Níger, em que um considerável número de pessoas sobrevivia com enorme sofrimento devido à fome por que passavam, pôs em evidência a dimensão económica do acesso em segurança alimentar.

Realmente, no conceito de segurança alimentar, o poder económico é de grande importância e limita em muitos casos o acesso aos produtos alimentares. Em 2008, o preço dos cereais sofreu um forte aumento, o que resultou numa crise alimentar pois, por questões económicas, muitas pessoas não tiveram como adquirir alimentos.

3.2 – Segurança Alimentar em Cabo Verde

“A Segurança Alimentar é sem dúvida uma das primeiras preocupações de uma determinada sociedade, em termos da sua sobrevivência e em termos de desenvolvimento. Esta preocupação não está ultrapassada em grande número de países, designadamente colocando-se com mais acuidade nos países menos desenvolvidos. Entre estes temos que salientar forçosamente os países Africanos, onde esse problema se coloca com maior dimensão” (Carvalho, 1996).

“A segurança alimentar em Cabo Verde sempre dependeu em grande medida das relações com o exterior, isto é, dadas as condições ecológicas e recursos disponíveis no sector de produção agrícola e alimentar, o abastecimento do país sempre dependeu de importações” (Anuário Segurança Alimentar 2005, 2006).

Em 2005, 21% das famílias rurais estavam em situação de insegurança alimentar, com especial incidência nos concelhos de S. Domingos, Paul, Mosteiros, Porto Novo, Praia e Santa Catarina. Em contraste com situações de pobreza extrema, muitas dessas famílias não prioriza a ausência ou insuficiência de alimentos no rol das suas necessidades imediatas (DECRP, 2008).

Ferreira e Pina (2004) referem que a segurança alimentar do país envolve alguma complexidade tendo em conta a incipiente produção alimentar, a difícil manutenção dos circuitos de distribuição através de vias marítimas, rodoviárias e pedonal e o fraco poder de compra dos pobres.

No passado, a segurança alimentar foi, muitas vezes, reduzida ao equilíbrio do balanço cerealífero nacional. Actualmente, a segurança alimentar das famílias e dos indivíduos aparece como uma noção mais complexa, apresentando um carácter simultaneamente estrutural e conjuntural e necessitando de uma intervenção multi-disciplinar/sectorial.

Ela entra em linha de conta com a disponibilidade dos bens alimentares no mercado, os transportes e o armazenamento bem como o acesso económico e físico à alimentação e à qualidade biológica, sanitária, nutricional e tecnológica dos alimentos e da água assim como a utilização dos alimentos (Pinto *et al.*, 2002).

Nos últimos anos as produções agrícolas têm sido animadoras, tem chovido e isso faz toda a diferença. Mas como diz Correia (1990) mesmo que se verificasse condições ideais (climáticas e culturais), é impossível Cabo Verde atingir a auto-suficiência alimentar. Como tal, será sempre necessário recorrer à importação de bens alimentares, em maior ou menor quantidade, dependerá de como decorrer o ano agrícola.

Reconhecendo as dificuldades do país em produzir alimentos, a comunidade internacional sempre procurou ajudar através de doações de produtos alimentares (quadro 3.1), o que vem ocorrendo até aos dias de hoje. A Agência Nacional de Segurança Alimentar (ANSA) tem a responsabilidade de promover a distribuição das ajudas de forma a não perturbar o funcionamento do mercado (Anuário Segurança Alimentar 2005, 2006).

Quadro 3.1 – Ajudas Alimentares recebidas por Cabo Verde (toneladas)

Ano	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
Arroz	11724	16680	10015	16115	5676	11205	4009	5089	5493	3848
Cereais	50048	60647	53807	53861	33035	44179	24718	41323	24869	15845
Grãos Grosseiros	19750	26926	20358	21704	15524	26411	14168	27606	15376	5027
Não Cereais	3853	2545	627	82	553	2069	851	721	192	630
Trigo e Farinha de Trigo	18078	16047	22509	16042	11500	5971	5904	7875	4000	6970

Fonte: FAO, 2012

A missão principal da ANSA é a regulação do mercado, isto é, o abastecimento correcto do país, o equilíbrio do abastecimento das várias regiões e a responsabilidade de supervisionar a existência de preços "normais" a vigorar no mercado, devendo zelar para a manutenção de um *stock* de segurança alimentar (Pinto *et al.*, 2002), ou seja, que não falem produtos alimentares considerados básicos (milho, arroz, açúcar, trigo e farinha de trigo, feijão, óleo alimentar e leite em pó (DECRP, 2008).

As ajudas alimentares causam um sério problema, como afirma Ferrão (2002), os países pobres aceitam as ajudas no dia-a-dia simplesmente por uma questão de sobrevivência, muito embora, a médio prazo, estejam a dificultar o seu desenvolvimento. Acrescenta Ferrão: *“quando está em causa a fome quantitativa, a qualidade do produto perde relevância num mundo onde, antes que tudo, é necessário sobreviver”*.

As ajudas alimentares quando não são somente pontuais, isto é, quando se estendem por períodos alargados colocam grandes riscos de impacto negativo na produção local de alimentos, designadamente levando a alteração de hábitos alimentares e fazendo cair preços à produção.

Está bem que as ajudas alimentares são necessárias para os países pobres, principalmente para os de fracos recursos e em que as condições naturais não são favoráveis. Mas não seria mais decisivo para estes países, como diz Ferrão (2002): *“enviar sementes melhoradas e adaptadas aos seus condicionalismos, adubos e pesticidas, equipamento mecânico com os quais possam ter muito maior produtividade dos seus trabalhos e sobretudo transmitir-lhes não só experiência que ao longo dos tempos se foi acumulando,*

fornecendo-lhes os estudos de interesse incalculável que já foram feitos nesses territórios que enchem os nossos centros de informação e bibliotecas”.

Os Chefes de Estado e de Governo aquando da Cimeira Mundial da Alimentação, organizada pela FAO, em Roma, em 1996, afirmaram “o direito de toda pessoa a ter acesso a alimentos seguros e nutritivos, em consonância com o direito à alimentação adequada e com o direito fundamental de toda pessoa de estar livre da fome”, e comprometeram-se a implementar esse direito na sua totalidade e a realizá-lo, de uma forma gradativa, com o objectivo de garantir a segurança alimentar para todos até o ano de 2015 (FAO, 1996).

Cabo Verde é um dos signatários da Declaração de Roma. O país tem trabalhado no sentido de garantir a segurança alimentar do povo cabo-verdiano, oxalá tal venha a acontecer tão breve quanto possível.

3.3 – A Questão da Fome

“É um escândalo que no séc. XXI, onde as pessoas supostamente vivem muito melhor, ainda haja pessoas que têm fome e que estejam privadas dos cuidados médicos mais elementares e que não tenham casa. Mais do que tudo acho a privação da alimentação o maior escândalo de todos. O alimento é um bem de consumo que não tem equivalência com mais nenhum outro bem de consumo, uma vez que o alimento é o próprio elemento de vida. Sem comida morre-se. Sem casa não se morre, vive-se pior, com frio, sem condições humanas, mas não se morre” (Isabel Jonet in Jornal Voz da Verdade⁴, 2012).

De acordo com as estimativas da FAO (2010) o número de pessoas com fome era de 925 milhões (figura 3.1), representando 16% da população mundial dos países em vias de desenvolvimento.

Este valor extremamente elevado de pessoas com fome resulta de muitos factores, entre eles estão os conflitos armados e desastres naturais, muitas vezes em combinação com a má governação e administração pública, escassos recursos, insustentáveis sistemas de meios de subsistência e degradação das instituições locais (FAO, 2010).

A maioria das pessoas com fome no mundo vive em países em vias de desenvolvimento. Dois terços vivem em sete países (Bangladesh, China, República Democrática do Congo, Etiópia, Índia, Indonésia e Paquistão) e acima de 40% vivem somente na China e na Índia (FAO, 2010).

Dos sete países referidos cinco situam-se na Ásia e Pacífico, região mais populosa. De acordo com a figura 3.2 é onde se encontram mais pessoas subnutridas, num valor superior

⁴ Jornal Voz da Verdade, Domingo, 29 de Janeiro de 2012 – Ano 80, Nº 4016

a 200 milhões ao conjunto de todas as outras regiões. A África Sub-Sahariana também apresenta um valor bastante elevado, próximo dos 240 milhões. Os 19 milhões de pessoas com fome que os países desenvolvidos têm, vem demonstrar que nenhuma região do mundo está livre deste flagelo que muito devia nos envergonhar.

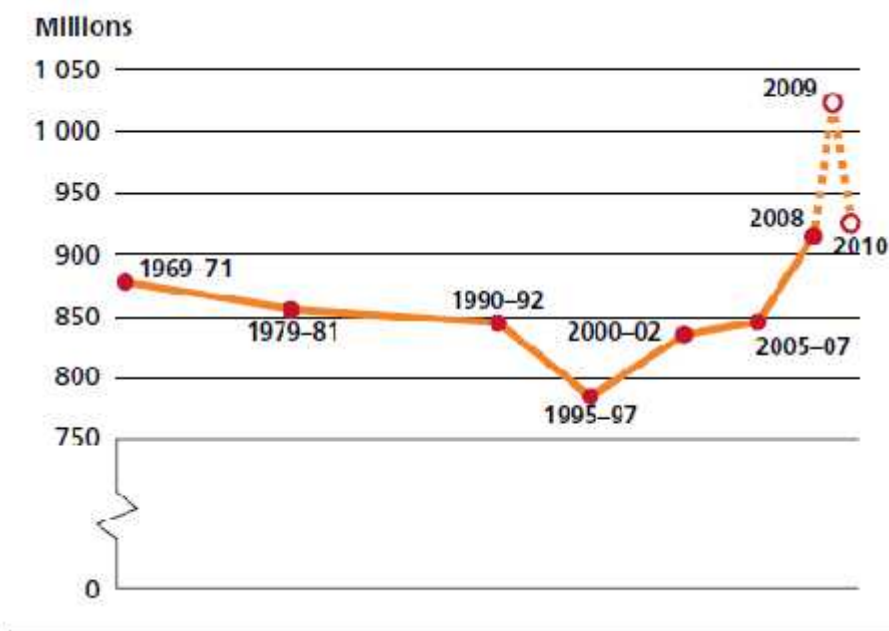


Figura 3.1 – Número de pessoas Subnutridas no mundo, 1969-71 a 2010
Fonte: FAO, 2010

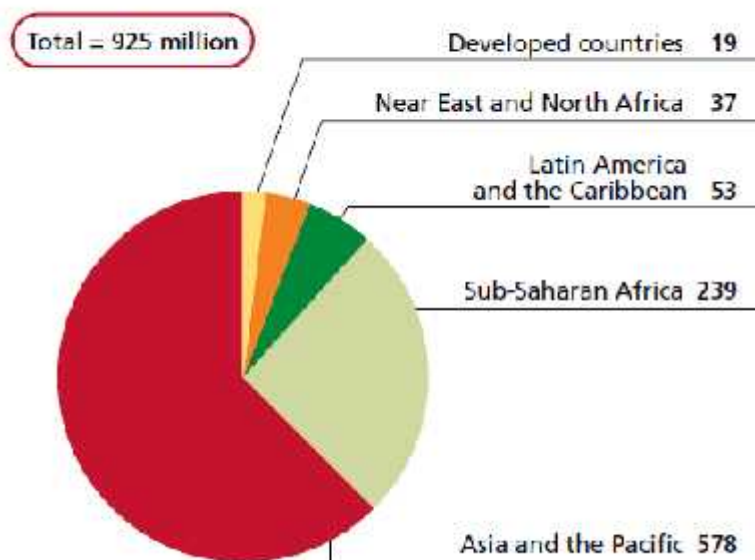


Figura 3.2 – Subnutrição no mundo, em 2010, por regiões
Fonte: FAO, 2010 (os valores foram arredondados)

Segundo a FAO (2010), existe Subnutrição quando a ingestão calórica está abaixo do mínimo de energia dietética requerida (MEDR). O MEDR é a quantidade de energia necessária para a actividade ligeira e para manter um peso mínimo aceitável para a altura atingida. Ele varia consoante o país, e de ano para ano, dependendo do sexo e estrutura etária da população.

A fome não devia ser um problema pois, como afirma Ferrão (1991b), em termos globais, os alimentos existentes no mundo seriam suficientes para alimentar toda a população. Prossegue Ferrão (1991b), devido a grande diferença de desenvolvimento dos países e da distribuição dos alimentos, existem nos menos desenvolvidos centenas de milhões de seres humanos com fome e nos industrializados os alimentos são excedentários.

Nos países pobres há carências graves que tornam os alimentos inacessíveis a milhões de pessoas, ou porque não existem, tal acontece quando se verifica condições anormais como guerras, instabilidade política e social, secas, inundações, ataques de pragas ou doenças, etc.; ou as pessoas não têm meios para os adquirir, esta situação está ligada à pobreza e ao subdesenvolvimento, traduzindo-se na persistência da fome em locais onde os alimentos vão existindo, mas os poucos recursos de uma vasta população não a deixa ter acesso a eles (Ferrão, 1990a).

Ferrão (1990b) dá-nos a conhecer dois tipos de fome: fome qualitativa – é um tipo de fome que se manifesta quando as pessoas comem quantitativamente o suficiente, mas os alimentos são carentes em produtos essenciais sem os quais a vida é difícil e as boas condições de saúde são impossíveis; e fome quantitativa – é um tipo de fome que se verifica sempre que o organismo não tem à sua disposição um número mínimo de calorias que o mantenham vivo e lhe permita realizar as suas actividades mínimas.

Ao procurar as causas da fome, tem de se reconhecer que a fome não é uma doença, ou um estado biológico simples, mas sim um problema individual, causado pela ingestão inadequada de alimentos (Timmer *et al.*, 1983)

Ferrão (1991b) mostra-nos o contraste existente no consumo alimentar entre os países ricos e países pobres: *“As sociedades ricas que ainda pensam que comer muito é sinal de comer bem, consomem sal, álcool, açúcar, certos tipos de gorduras e proteínas em excesso. Nos países pobres às vezes o fundamental é encher o estômago com o que há ou entre o que há a preços mais baixos. A alimentação é com frequência “monótona” (arroz, mandioca, batata doce, inhame, banana, etc.) e desequilibrada. As carências proteicas, minerais e vitamínicas são muito frequentes. O seu nível de vida não permite mais do que subsistir”*.

Azoulay (2009) diz que a fome é o resultado da impossibilidade de produzir ou comprar produtos alimentares de que se necessita para viver.

Para Timmer *et al.* (1983) o problema da fome é determinado, na maioria das vezes, pela incapacidade das pessoas em aceder a bens alimentares disponíveis localmente, ou aos meios directos de produção alimentar.

Ainda segundo Timmer *et al.* (1983) a grande maioria das vítimas da fome a nível mundial são os muito pobres, os sem terra, os que possuem pouca terra, os grupos vulneráveis de crianças, as mulheres grávidas e em período de aleitamento e os idosos.

Mais de 75% dos consumidores vivem em zonas rurais e a maior parte dependem directa ou indirectamente da agricultura e entre estes rurais 90% são camponeses pobres ou trabalhadores agrícolas (Azoulay, 2009).

Apesar de todo o progresso técnico, social e económico, ocorrido nas últimas décadas, grande parte da população dos trópicos continua, ainda hoje, a passar fome ou a ser mal alimentada (Coelho, 2005).

Só é possível reduzir a pobreza e a fome mediante um crescimento real do sector agrícola nos países menos desenvolvidos e com défice alimentício (Azoulay, 2009).

Desde os primeiros tempos o homem sentiu necessidade de saber gerir os recursos alimentares. Para isso semeou e plantou, colheu, armazenou, distribuiu e reteve os excessos nos períodos de abundância para conseguir sobreviver nos períodos de escassez. Ele soube aumentar o período de conservação dos produtos e desde há milénios que conserva pelo sol, pelo sal, pelo calor, pelo vinagre, pelo álcool, pelo fumo, pelo azeite e outros óleos, diversos alimentos de origem animal e vegetal (Ferrão, 1990c).

O grande combate à fome alia-se ou sobrepõe-se ao combate contra o subdesenvolvimento e pobreza (Ferrão, 1990a). A luta contra a fome exige, para além de uma taxa de crescimento económico elevada, a regulação na distribuição do rendimento nacional e a redução das desigualdades sociais (Azoulay, 2009).

De acordo com Coelho (2005) a erradicação da fome nas regiões tropicais, passa por encontrar sistemas agrícolas que melhor se adaptem àquelas condições ecológicas e pela resolução de problemas de afectação de recursos à produção. Supõe-se, segundo Azoulay (2009), um conjunto de condições sectoriais, tais como: acesso à terra, meios de produção, crédito, criação de infra-estruturas de armazenamento, transporte, disponibilidade de factores de produção, uma política de preços susceptível de gerar benefícios e uma política comercial que não desestabilize os mercados locais. É, igualmente importante, a justa

valorização dos produtos nos mercados nacional e internacional e a justa distribuição dos rendimentos gerados (Coelho, 2005).

3.4 – Desenvolvimento Sustentável e Segurança Alimentar

Em 1987 a *World Commission on Environment and Development* define Desenvolvimento Sustentável como desenvolvimento que satisfaz as necessidades humanas do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras satisfazerem as suas próprias necessidades (Carvalho, 2006).

Segundo Coelho (2005), o desenvolvimento é um processo extremamente complexo e multidimensional, cujos efeitos decorrem e fazem sentir-se em cinco esferas de regulação da sociedade: económica, cultural, política, social e ambiental.

Para Carvalho (2006), o desenvolvimento sustentável faz-se com base no desenvolvimento económico, desenvolvimento social e protecção do ambiente, que deve ser estabelecido a nível local, nacional, regional e mundial.

Só é possível dizer que temos uma sociedade desenvolvida quando, como diz Correia (2001), questões básicas como o acesso à alimentação, à saúde, à educação e, porque não, “aos direitos humanos” estiverem resolvidos e alargados ao maior número de pessoas possíveis.

A necessidade de se alimentar e de ser alimentado convenientemente é uma necessidade humana primária que remonta à origem da humanidade. Ela é a condição de base para toda a actividade humana e qualquer definição ou processo de desenvolvimento deve integrá-la e realizá-la plenamente (Pinto *et al.*, 2002). Assim, como refere Coelho (2005) a agricultura desempenhou, desde o seu início, um papel básico e essencial de suporte da vida humana e, também, gerou os recursos excedentários que possibilitaram o arranque e o desenvolvimento de outras actividades. No fundo, os excedentes agrícolas foram, e em muitos casos ainda hoje o são, a mola real que disponibilizou os meios necessários, gerou, alimentou e educou a força de trabalho e criou a riqueza, necessária ao desenvolvimento de outras actividades humanas.

Nas questões de desenvolvimento, a agricultura e o meio rural têm um papel determinante nos países mais pobres, até no que diz respeito à saúde, pois esta, muitas vezes, está dependente da alimentação e dos hábitos alimentares. Estima-se que, naqueles países, cerca de 50% dos problemas de saúde derivam de problemas alimentares (Carvalho, 2005).

Carvalho (2006) afirma que o desafio da oferta de alimentos em quantidade suficiente para sustentar toda a humanidade ficou resolvido nos finais da década de setenta e inícios da

década de oitenta do século passado. No entanto a distribuição de alimentos nas diferentes regiões do mundo é desigual, continuando a existir populações com problemas de segurança alimentar por não terem acesso a eles.

A pobreza é a maior causa de insegurança alimentar. Um desenvolvimento sustentável, capaz de erradicá-la, é crucial para melhorar o acesso aos alimentos (FAO, 1996).

Uma das razões da necessidade de se aumentar a disponibilidade de alimentos tem a ver com o crescimento demográfico que se tem registado nos países menos desenvolvidos, nomeadamente em África. Correia (2001) refere o quanto é difícil aumentar a quantidade de alimento naqueles países, quando a responsabilidade pela maior parte da produção cabe a sistemas tradicionais de agricultura que são tão pouco produtivos e que, de uma forma geral, vêm nos últimos anos a contribuir para a degradação dos recursos naturais com efeitos negativos na qualidade de vida das populações.

Para se conseguir um desenvolvimento sustentável há que se fazer bom uso da terra, o que implica a utilização de sistemas de produção agrícola que garantam o seu não esgotamento; há que satisfazer as necessidades alimentares, eliminando a fome, se possível erradicando a pobreza; há que garantir às populações acesso à água potável e às infra-estruturas sanitárias; há que procurar sistemas alternativos de obtenção de energia, visto que a energia de origem fóssil é mais poluente e esgotável.

Desenvolvimento sustentável, segurança alimentar e qualidade de vida são questões indissociáveis umas das outras. Todas elas centram-se no Homem, no seu bem-estar.

CAPÍTULO 4 – METODOLOGIA

O conhecimento dos padrões de consumo alimentar numa população numa determinada região é importante para se desencadear uma possível acção a nível de Segurança Alimentar. Embora não seja esse o propósito principal deste estudo, procura-se contribuir para o conhecimento da realidade de duas localidades, Ribeirão e Garça de Cima, do concelho de Ribeira Grande – Santo Antão do ponto de vista da produção e consumo.

Em termos globais, sabe-se que Cabo Verde, há muito, ultrapassou os problemas de fome. No entanto, as carências alimentares persistem e com maior incidência nas zonas rurais. Na última década e meia a discussão em torno da Segurança Alimentar nos países menos desenvolvidos ganhou uma dimensão sem paralelo. Cabo Verde não é excepção, são vários os estudos realizados, os diagnósticos feitos, as estratégias desenvolvidas, os projectos postos em prática para combater, numa primeira fase, a fome e em seguida garantir, com diminuição das vulnerabilidades do sistema alimentar, que a segurança alimentar aumente.

Há algum tempo que os indicadores nos dizem que, do ponto de vista calórico e, até, proteico os cabo-verdianos já atingiram um ponto satisfatório, em termos médios.

4.1 – Caracterização do Local de Realização do Estudo



Figura 4.1 – Mapa da Ilha de Santo Antão

Fonte: http://www.destination-capeverde.co.uk/cape_verde/santo_antao_map.htm

Santo Antão, ilha situada a norte do Arquipélago, tem uma superfície de 779 Km², é a segunda maior ilha, a mais setentrional, a mais montanhosa do país, com o segundo ponto mais alto, Topo da Coroa com 1797 m (PDSA, 1999).

Administrativamente Santo Antão encontra-se dividido em três concelhos: Ribeira Grande, Paul e Porto Novo. O concelho de Ribeira Grande, localizado na área setentrional da ilha, tem cerca de 166 Km² (PADA_SA, 2009).

Segundo o Censo de 2010, realizado pelo INE, a população residente no concelho é de 33155 habitantes. Destes, 14265 (43%) vivem em zona urbana e 18890 (57%) vivem em zona rural.

No interior da ilha a subsistência dos agregados provém da agricultura de sequeiro, pecuária familiar e da fraca presença de água. Os assentamentos populacionais são dispersos, mais vulneráveis à severidade das secas, agravadas pelas difíceis condições de mobilidade imposta pelo relevo (PADA_SA, 2009).

De acordo com o censo de 2010 a taxa de desemprego na ilha situa-se nos 9,07%, apresentando o concelho de Ribeira Grande a menor taxa com 7,3% e Paúl e Porto Novo com valores muito próximos, 10,0 e 9,9% respectivamente.

Santo Antão é a ilha com maior percentagem de pobres (45,6%) no país, seguida de perto pelos concelhos do interior da ilha de Santiago (média de 41,5%) e pela ilha do Fogo (39,0%). Todas elas com valor muito superior a média nacional que é de 26,6%. O concelho do Paúl é o mais pobre de todos com 54,1% de pobres, seguido do concelho de Ribeira Grande com 44,0% e do Porto Novo com 43,5 % (PADA_SA, 2009). Os dados confirmam o que se sabe, as zonas rurais são aquelas que apresentam maior pobreza.

De acordo com os dados do Inquérito de Seguimento da Vulnerabilidade Alimentar das Famílias (ISVAF), Santo Antão apresenta a maior percentagem de famílias em situação de insegurança alimentar. Assim, 27% das famílias estão nessa situação, muito acima da média nacional de 11%.

O Concelho do Porto Novo é o mais afectado de todos com 33% das famílias rurais em situação de insegurança alimentar, sendo 23% na sua forma severa e 10% moderada. No Concelho do Paúl a percentagem de famílias que sofre de insegurança alimentar moderada (19%) é maior do que as em situação de insegurança alimentar severa (12%) (PADA_SA, 2009).

A paisagem agrícola de Santo Antão é grandemente constituída por socalcos. De acordo com o PADA_SA (2009), aproximadamente 60% da área cultivável é feita pelo homem, construindo terraços de pedra nas encostas inclinadas.

Em termos orográficos Ribeira Grande é dominado por ribeiras, que constituem bacias hidrográficas bem definidas, a saber: i) Ribeira da Torre; ii) “Vale” da Ribeira Grande que inclui as sub-bacias da Ribeira de Duque, Figueiral, João Afonso, Chã de Pedras, Caibros e Despenhadeiro, Ribeira da Graça, e Figueiras e Ribeira Alta (PADA_SA, 2009).

O relevo que parece ser uma contrariedade de Santo Antão é a sua maior riqueza. Pois, como referem Teixeira e Barbosa (1958), *“o relevo é a causa primária da capacidade produtiva de Santo Antão. Uma vez arrasada a ilha, a sua riqueza em água extinguir-se-á, os seus regadios reduzir-se-ão a áreas insignificantes e ter-se-á, por fim, uma ilha semelhante à da Boa Vista”*.

No concelho de Ribeira Grande encontramos fortemente implantadas as culturas da bananeira e da cana-de-açúcar, qualquer uma delas irrigadas por alagamento. É em Santo Antão que as levadas de cimento têm maior importância, em 79% das explorações a distribuição da água é feita desta forma, sendo a percentagem mais elevada nos concelhos de Porto Novo (85%) e de Ribeira Grande (82,5%) (DEGI, 2007).

O “mel” e a aguardente, principais produtos extraídos da cana, tornaram-se, com o decorrer dos anos numa das alternativas mais seguras para a economia da ilha. A tecnologia de produção é do domínio dos agricultores e a conservação não constitui problema, pois o produto não é perecível, valorizando, mesmo, com o passar dos anos. Estima-se que cerca de 80% da área irrigada da ilha são ocupados por esta cultura e que a produção rondará 1200000 litros de aguardente/ano (valor ligeiramente superior ao 1100000 litros apresentados no PDSA (1999)). Embora a modernização da agricultura queira fazer uma aposta forte na horticultura, é de prever que a predominância do cultivo da cana continuará a dominar ainda por muitos anos (PADA_SA, 2009).

Há mais de duas décadas a esta parte que se coloca o problema da produção da aguardente a partir do açúcar refinado e importado e adulteração da aguardente produzida a partir da cana sacarina, que faz uma enorme concorrência à aguardente de cana sacarina, provocando a queda de preço para níveis inoportunos com as despesas. A aguardente de Santo Antão, tida como a melhor do país e que constituía a imagem de marca de nível nacional e junto do mercado étnico, vem perdendo qualidade e fama. Para além da perda de quota do mercado, com sérios prejuízos para a economia da ilha, acrescenta-se os conhecidos problemas de saúde e de ordem social que acompanham o uso de uma aguardente de baixa qualidade e forte concentração de metais pesados (PADA_SA, 2009).

Processo de produção de “grogue”

O processo tecnológico da produção de aguardente de cana (“grogue”) é um processo artesanal. Tem início com o corte e limpeza da cana. Ainda no campo, retiram-se as folhas secas e corta-se a parte terminal da cana sacarina.

Já no “curral” (termo usado para designar o local onde se processa a produção de “grogue”) a cana é “trapichada”, isto é, fazendo uso do trapiche, hoje em dia quase todos a motor, espreme-se a cana que liberta a “calda” (guarapa). Esta calda é colocada em pipas ou recipientes de plástico com grande capacidade.

Num processo natural e bem feito a calda passa por um período de fermentação que decorre durante pelo menos 10 a 12 dias. Para ajudar à fermentação da calda junta-se água quente e desperdício de calda já “alambicada” designada por “azurga” ou “tempero”.

O “grogue” resulta da destilação da calda fermentada. Em que esta é colocada no alambique que, por aquecimento, evapora, condensa e depois escorre por um tubo até um recipiente, normalmente garrações de 20 litros. Geralmente um alambique, com cerca de 120 litros de calda, dá três garrações, sendo que os dois primeiros são totalmente aproveitados e o terceiro, uma espécie de água-pé, é despejado para um tambor com calda.

Por fim temos o “grogue” que é guardado em tambores, geralmente, de 200 litros ou em pipas de carvalho quando se quer uma aguardente envelhecida.

Os inquéritos aos produtores de cana-de-açúcar foram realizados em Garça de Cima, localidade do concelho de Ribeira Grande em que a cultura da cana sacarina é dominante. Realizámos na mesma localidade parte dos inquéritos aos produtores de sequeiro.

No concelho de Ribeira Grande, o grande desenvolvimento da horticultura, enquanto actividade familiar, deu-se com a população de Ribeirão. Há algumas culturas de eleição, o tomate, o repolho, o pimento, a cenoura, os coentros são aquelas que mais se vêem no terreno. A experiência tem sido um sucesso, utilizam a rega gota-a-gota e conseguem obter produções satisfatórias que vendem a intermediários que colocam os produtos na ilha de São Vicente.

Praga mil-pés

As pragas e as doenças constituem um grave problema para a agricultura, e em especial para a horticultura. Podemos encontrar no país diferentes pragas e doenças, mas a praga mil-pés (*Spinotarsus caboverdus*) é específica de Santo Antão, embora, de quando em vez, haja referência da sua presença em São Vicente (PADA_SA, 2009).

O mil-pés, detectado pela primeira vez em 1969, expandiu-se, na ausência de inimigo natural, por quase toda a extensão da ilha e ganhou dimensão de praga. Trata-se de uma

praga adaptada às zonas húmidas. Assim, o nordeste da ilha, relativamente húmido, onde se concentra a maior parte da agricultura é a região mais afectada. Ataca largamente raízes e tubérculos, limitando a produção de batata inglesa, batata-doce e mandioca (PADA_SA, 2009). Ataca igualmente muitas das outras hortícolas como é o caso do tomate e da abóbora, hortícolas de fruto. As zonas mais secas normalmente sofrem menos danos mas, em certos anos, as culturas de milho e de feijão são quase totalmente destruídos por altura da sementeira (PADA_SA, 2009).

Devido à praga mil-pés, os produtos agrícolas da ilha estão, desde 1984, sujeitos a um embargo legal imposto pelo Governo no sentido de impedir a proliferação da praga para as outras ilhas, evitando, assim, as consequências negativas que daí poderiam advir para o país (PADA_SA, 2009).

Este embargo causa graves prejuízos à agricultura de Santo Antão, pois trata-se de um factor limitante do seu desenvolvimento e expansão, com consequências negativas a nível financeiro e económico para toda a ilha. Santo Antão entende as razões desse embargo mas reclama por uma saída para esta situação, de só ter como mercado externo a ilha de São Vicente (PADA_SA, 2009).

A construção do Centro de Inspeção e Conservação de Produtos Agrícolas de Porto Novo, entretanto inaugurado em Outubro de 2010, foi uma boa notícia para os agricultores de Santo Antão, pois abria porta para dois novos mercados exteriores, Sal e Boa Vista. Não há informação de que esteja a funcionar, por isso a boa notícia continua por se concretizar e, assim, resta aos agricultores o mercado local e o de São Vicente.

No anexo 4 estão os produtos agrícolas que podem ser exportados para o Sal e Boa Vista e os requisitos específicos que devem obedecer.

4.2 – Instrumentos Metodológicos

O estudo foi feito com base em inquéritos às famílias produtoras de hortícolas, de cana-de-açúcar e às que praticam uma agricultura de sequeiro.

Embora seja de conhecimento geral que a principal cultura existente em Santo Antão é a cana-de-açúcar, não estava previsto inquerir estes produtores. No entanto, não foi possível fugir à realidade, pois são muito poucos os produtores de hortícolas e nas localidades de realização dos inquéritos ainda são menos os que praticam uma agricultura de sequeiro, o que implicou a inclusão neste estudo de inquéritos aos produtores de cana sacarina.

O questionário foi elaborado em Portugal tendo por base os inquéritos já realizados pelo CIAT-CD / REDISA (Centro de Investigação de Agronomia Tropical - Cooperação e

Desenvolvimento / Rede de Educação, Informação e Cidadania para a Segurança Alimentar e Desenvolvimento Sustentável). Houve a necessidade de proceder a uma pequena alteração ao inquérito, formulou-se uma questão aos produtores de cana sacarina relativa ao número de garrações (20 litros) de aguardente com que ficavam da sua produção.

O trabalho de campo decorreu nos meses de Março e Abril de 2011, tendo sido realizados um total de 105 inquéritos igualmente distribuídos pelos diferentes tipos de produtores. Foram realizados 35 inquéritos aos produtores de hortícolas, todos eles em Ribeirão; 35 inquéritos aos produtores de cana-de-açúcar, todos eles em Garça de Cima; e 35 inquéritos aos produtores de sequeiro, 17 em Ribeirão e 18 em Garça de Cima.

Para tratamento dos dados utilizámos o programa Excel. Todos os quadros e figuras que constam do capítulo 5 (resultados e discussão), com excepção dos quadros referentes a análise econométrica, foram elaborados no referido programa. Para análise econométrica, os dados recolhidos foram primeiramente tratados no programa Excel, tendo-se criado uma base de dados onde consta informação relevante referente aos 105 inquéritos realizados. Utilizou-se o programa *Statistica* versão 7, na realização da análise estatística, designadamente, análise de regressão linear múltipla e análise de correlação.

Para o cálculo da dimensão do agregado em termos de Equivalente Homem, foi usada a tabela de índices para o cálculo do Equivalente Homem (Anexo 2) publicada pela FAO (1996) citada por Elder (2000).

No cálculo dos valores de consumo calórico, proteico e de gordura foi usada a tabela de índices nutritivo (anexo 3) publicada pela FAO em 2003.

4.3 – Estrutura do Inquérito

A estrutura do inquérito, conforme o anexo 1, é a seguinte: 1) caracterização socio-demográfica; 2) ocupação profissional e fontes de rendimentos do agregado familiar; 3) caracterização da actividade agrícola; 4) inquérito ao consumo e despesas dos agregados; 5) caracterização da habitação, bens e equipamentos do agregado; 6) acesso a sistemas de crédito.

4.4 – Definição da População em Estudo

A escolha da localidade onde se realizariam os inquéritos relativos à produção de hortícolas teve por base informação fornecida por técnicos da Delegação de Agricultura do Ministério do Ambiente e Desenvolvimento Rural e Recursos Marinhos (MADRRM).

Comparativamente com as outras ilhas, Santo Antão é “rica” em água, principalmente o lado norte onde se situa o concelho de Ribeira Grande.

Onde há culturas de regadio, a cana-de-açúcar é dominante, também a banana é importante para a economia dos agricultores; é a fruta mais comercializada e cujo destino, na sua grande parte, é São Vicente. As duas culturas ocupam as melhores terras irrigadas do concelho.

Quando se fala de horticultura, fala-se em culturas hortícolas com instalação de rega gota-a-gota. Neste sentido, são poucos os agricultores que a praticam e muito menos as localidades em que a podemos encontrar. Numa primeira informação prestada por técnicos da delegação de agricultura do MADRRM, são estas as localidades onde se faz horticultura: Ribeira da Torre, João Afonso, Afonso Martinho, Garça de Cima, Mocho e Ribeirão.

Quanto à informação concreta é a seguinte: em Ribeira da Torre predomina a cana sacarina e a bananeira; em João Afonso predomina a cana; em Afonso Martinho existem dois grandes produtores, longe de se inserirem neste estudo; no Mocho há nove produtores, em Garça de Cima há apenas quatro produtores. Ribeirão é sem dúvida a localidade que tem mais horticultores familiares, muito por força da abertura de um furo em 1998 e da constituição da primeira experiência, no concelho de Ribeira Grande, de produção de hortícolas por um elevado número de agricultores utilizando o sistema de rega gota-a-gota.

Ribeirão era uma zona de sequeiro, a existência de uma ribeira permitia fazer alguma agricultura, mas com pouco significado. Houve uma primeira tentativa de abrir um furo na localidade que não foi bem sucedida. A empresa responsável pela abertura do furo quis abandonar o local, a população uniu-se e revoltou-se e não a deixou sair de Ribeirão enquanto não viu jorrar água do furo actual.

A abertura do furo visava dois propósitos, abastecer a população de água para consumo e possibilitar aos habitantes locais o desenvolvimento da horticultura familiar. Tal tem acontecido, a maioria dos agricultores têm campos hortícolas. Há algumas tentativas de fazer cana-de-açúcar com rega gota-a-gota, mas tal ideia tem sido abandonada.

Consideramos importante explicar como se chegou a este número para se perceber que nem toda a informação recolhida nas instituições é uma certeza, é necessário deslocarmos ao local para ficarmos cientes da realidade.

Foi-nos transmitido que em Ribeirão existiam 85 horticultores; na verdade 85 corresponde ao número de contadores de água. Estes estão distribuídos por 56 agricultores. Só que na mesma habitação, melhor, no mesmo agregado familiar, pode existir mais que um agricultor inscrito nos serviços oficiais. Assim, ficamos a saber que o número possível de agregados a inquirir não era de 56, mas cerca de 40. Entre os que não estavam presentes e os que não se disponibilizaram para responder chegámos aos 35 inquéritos realizados em Ribeirão.

Como referido, em toda a Ribeira Grande encontramos a cultura de cana-de-açúcar. A escolha de Garça de Cima para a realização dos inquéritos foi mais fácil. Ficámos instalados nesta localidade e constatamos que o número de produtores era mais do que suficiente para levar a cabo este estudo. Assim, e tendo por referência o número de inquéritos efectuados aos produtores de hortícolas, fizemos os 35 inquéritos necessários. Ainda em Ribeirão inquirimos 17 agregados familiares apenas com culturas de sequeiro, os restantes 18 foram realizados em Garça de Cima, como referido anteriormente.

Em Ribeirão, o senhor Atanásio, agricultor local e conhecedor da zona, acompanhou-nos no contacto com os agregados familiares. Apesar de percebermos o crioulo, não falámos, como as questões eram colocadas em português, por vezes, não nos conseguíamos fazer entender. Nestas situações e em outras, foi possível contar com a preciosa ajuda do senhor Atanásio. Já em Garça de Cima a colaboração do jovem Edmilson revelou-se uma importante ajuda na localização e contacto com as pessoas.

CAPÍTULO 5 – RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1 – Características Socio-demográficas dos Agregados Familiares

O presente estudo, tal como referido na metodologia, foi realizado em duas localidades, Ribeirão e Garça de Cima, e incidiu sobre 105 agregados familiares distribuídos igualmente pelos produtores de hortícolas, de cana-de-açúcar e os de sequeiro.

Importa conhecer as características socio-demográficas da população alvo dos nossos inquéritos.

5.1.1 - Composição do Agregado Familiar

Quadro 5.1 – Composição e estrutura etária dos agregados familiares

	Dimensão média	Eq. Homem (EH)	Nº de Pessoas	0 - 14	15 - 19	20 - 59	60
Hortícolas	4,9	4,0	173	52	22	78	20
Sequeiro	5,5	4,3	191	61	24	76	30
Cana-de-açúcar	5,0	4,1	175	53	36	71	15
Total	5,1	4,1	539	166	82	225	65

Embora o estudo tenha sido realizado em duas localidades bem distintas em termos agrícolas, numa predomina a horticultura e noutra a cana-de-açúcar (“grogue”), apresentam algumas características semelhantes. Assim, pela observação do quadro 5.1, verificamos que a dimensão média dos agregados ronda os 5 elementos, sendo ligeiramente inferior nos produtores de hortícolas e um pouco superior nos em sequeiro, ainda assim mais elevada que a média nacional (4,4) e a da ilha de Santo Antão (4,4).

No mesmo quadro encontramos informação sobre a distribuição da população pelas várias classes etárias. A população jovem, menos de 20 anos, apresenta um valor significativamente elevado, superior a 40% em todos os casos, ultrapassando os 50% nos agregados produtores de cana-de-açúcar. A população com idade igual ou superior a 60 anos tem o seu valor mais elevado nos produtores em sequeiro com 15,7%.

5.1.2 – Características do Chefe do Agregado

Observando o quadro 5.2, fica a conhecer-se as características do chefe do agregado pelo género, idade e escolaridade em relação aos vários sistemas produtivos.

Quanto ao género, em qualquer uma das situações, predomina, largamente, o chefe do agregado masculino. Quanto à idade há mais chefes com idade entre os 20 e os 59 anos

nos produtores de hortícolas e nos de cana sacarina, e com 60 ou mais anos nos produtores em sequeiro.

Quadro 5.2 – Características do chefe do agregado familiar

	Género		Idade		Escolaridade			
	H	M	20 a 59	60	Sabe Ler	Primária	Secundário	Superior
Hortícolas	29	6	24	11	18	14	1	0
Sequeiro	26	9	14	21	11	8	0	0
Cana-de-açúcar	28	7	27	8	10	9	0	0
Total	83	22	65	40	39	31	1	0

A figura 5.1 ajuda-nos a ler os dados que constam do quadro 5.2. A escolaridade que os chefes dos agregados apresentam é muito baixa, em média, apenas 37,1% sabem ler; nos produtores de hortícolas, 51,4% sabe ler, enquanto nos produtores de sequeiro 31,4% e nos de cana-de-açúcar 28,6%. Estes valores estão longe da taxa de alfabetização (*censo 2010*) que apresenta a população com 15 ou mais anos do concelho, 74,9%.

No que diz respeito ao ensino completo, os chefes dos agregados dos produtores de hortícolas estão em evidência, 40% completou o ensino primário muito acima dos 22,9% e 25,7% que os produtores de sequeiro e os de cana sacarina apresentam respectivamente. Apenas um chefe, nas hortícolas, tem o secundário completo.

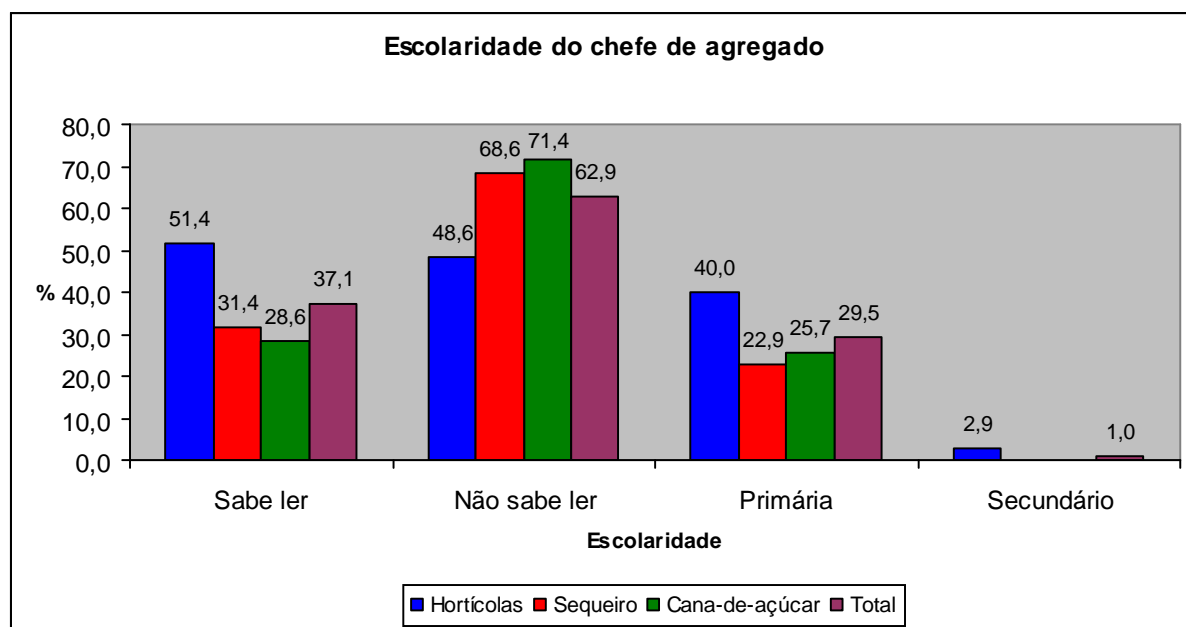


Figura 5.1 – Escolaridade dos chefes do agregado, em percentagem

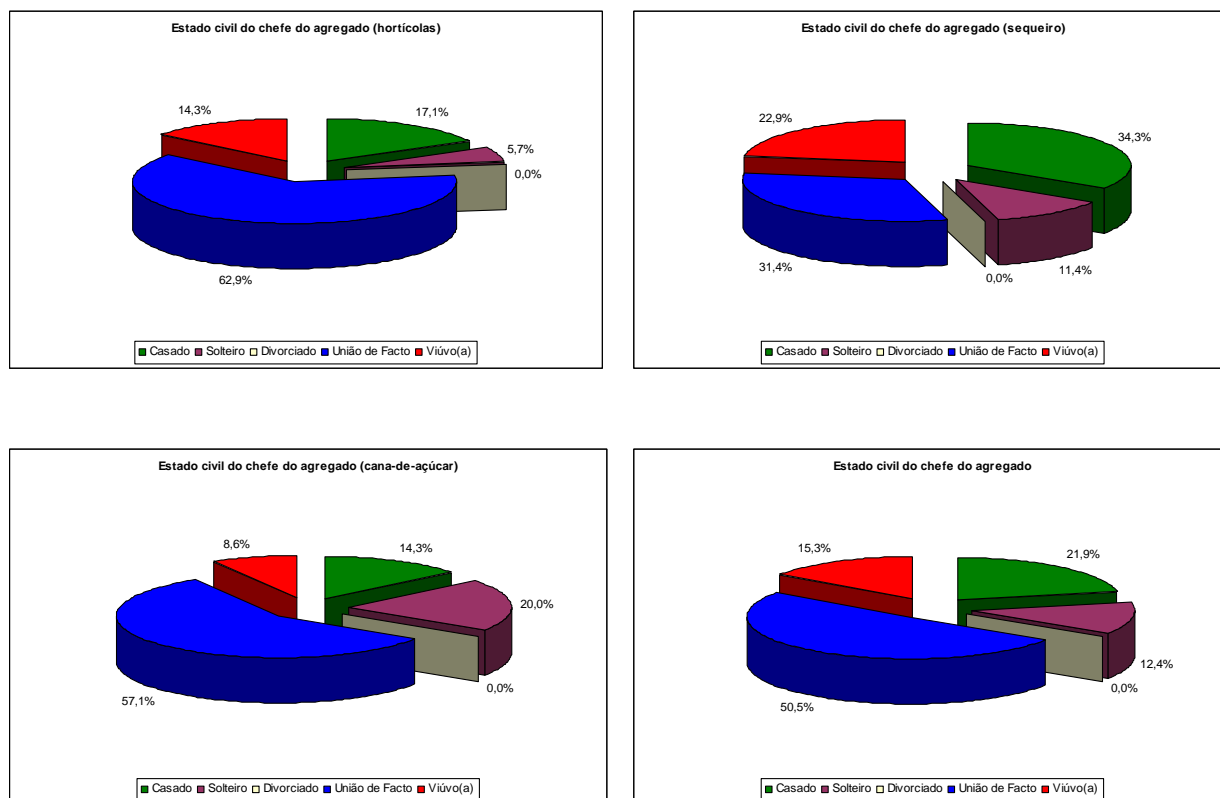


Figura 5.2 – Estado civil dos chefes dos agregados

Uma característica que a figura 5.2 evidencia é que, em média, mais de 50% dos chefes dos agregados vivem em união de facto. A excepção são os chefes que praticam agricultura de sequeiro, em que são mais os casados (34,3%) do que os que vivem em união de facto (31,4%). Também, em comparação com os outros dois grupos, é onde se encontram mais pessoas viúvas. Estas duas características, casamento e viuvez, indicam que estas pessoas são de mais idade.

Na produção de cana sacarina é onde se encontram mais solteiros (20,0%), menos casados (14,3%) e, igualmente menos viúvos (8,6%).

Os chefes produtores de hortícolas são os que vivem mais numa situação de união de facto (62,9%) e onde há menos solteiros (5,7%).

5.2 – Fontes de Rendimentos dos Agregados Familiares

Para este estudo considera-se como rendimentos do agregado familiar todos os rendimentos auferidos pelos seus membros provenientes das diferentes actividades que desenvolvem, trabalho por conta própria ou por conta de outrem com o respectivo salário, agricultura, pecuária, pensão, remessas e negócios.

Num concelho que, segundo dados dos censos 2010, 75,5% da população é rural, é consensual que grande parte da população activa trabalhe no sector primário. Num concelho em que predomina a cultura da cana-de-açúcar é normal que seja este sector o grande empregador. Também encontramos pessoas a trabalhar na construção civil, motoristas e em outras actividades ligadas ao sector da educação.

Os rendimentos dos salários são os rendimentos auferidos pela realização de uma qualquer actividade remunerada. Os rendimentos provenientes da agricultura reflectem a venda, durante os 12 meses anteriores à realização dos inquéritos, de produtos hortícolas e de “grogue”, pelos produtores de cana sacarina. O rendimento da pecuária é o valor total conseguido com a venda de animais nos 12 meses anteriores à realização do inquérito.

A maioria das pessoas idosas recebe uma pensão social líquida de 4900 escudos cabo-verdianos (44,44 euros) mensais que também faz parte dos rendimentos do agregado familiar. Para algumas famílias as remessas enviadas regularmente por familiares emigrados representa uma fatia importante nos rendimentos do agregado, por isso também foram contabilizados. O rendimento proveniente de negócios, normalmente uma pequena loja, embora com pouca expressão, também foi alvo de interesse nos inquéritos realizados.

Quadro 5.3 – Estrutura das receitas familiares por fonte de rendimento

	Produtores de Hortícolas			Produtores de Sequeiro			Produtores de Cana-de-açúcar		
	Nº	% Agregados	Rendimento médio anual (ECV)	Nº	% Agregados	Rendimento médio anual (ECV)	Nº	% Agregados	Rendimento médio anual (ECV)
Horticultura	34	97,1	59651	0	0,0	0	0	0,0	0
Sequeiro	5	14,3	35228	3	8,6	5600	3	8,6	9333
Cana-de-açúcar	0	0,0	0	0	0,0	0	35	100,0	161943
Pecuária	3	8,6	55667	6	17,1	19317	4	11,4	21250
Salário	34	97,1	222529	28	80,0	248057	32	91,4	214875
Pensão	15	42,9	82320	20	57,1	76440	10	28,6	76440
Remessas	9	25,7	58222	4	11,4	99300	6	17,1	99000
Negócios	2	5,7	60000	2	5,7	42000	1	2,9	60000

Nota: O rendimento médio anual apresentado neste quadro foi calculado tendo por base o número de agregados que obtêm efectivamente receita da fonte de rendimento. Por exemplo, no caso dos produtores de hortícolas apenas 34 agregados obtiveram rendimento através da venda de hortícolas.

O quadro 5.3 apresenta-nos, de forma resumida, a estrutura de receitas dos agregados familiares. Para os produtores de hortícolas as principais fontes de rendimentos são o salário, a venda de hortícolas e a pensão. No caso dos produtores em sequeiro é o salário e a pensão. Já para os que têm cana-de-açúcar é o salário, a venda de “grogue” seguida da pensão. No entanto, em qualquer dos casos, é com o salário que as famílias obtêm um rendimento mais elevado.

É no sequeiro que encontramos maior número de pensionistas, 57,1%, enquanto na cana sacarina o valor cai para metade.

A venda de produtos com origem na produção de sequeiro e na pecuária, as remessas e os negócios fazem parte das receitas de um reduzido número de agregados. Mas é um importante complemento na composição do orçamento familiar, numa região em que quem trabalha no campo apenas recebe entre 500 e 700 escudos diários.

Quadro 5.4 – Contribuição da actividade agrícola para o rendimento médio anual (em ECV) dos agregados familiares

	Produtores de Hortícolas		Produtores de Sequeiro		Produtores de Cana-de-açúcar	
	ECV	% do total	ECV	% do total	ECV	% do total
Horticultura	57947	17,2	0	0,0	0	0,0
Cana-de-açúcar	0	0,0	0	0,0	161943	40,3
Sequeiro	5033	1,5	480	0,2	800	0,2
Pecuária	4771	1,4	3409	1,3	2429	0,6
Salário	216171	64,0	198446	76,4	196457	48,9
Pensão	35280	10,5	43680	16,8	21840	5,4
Remessas	14971	4,4	11349	4,4	16971	4,2
Negócios	3429	1,0	2400	0,9	1714	0,4
Rendimento Médio Anual	337602	100,0	259764	100,0	402154	100,0

Nota: O rendimento médio anual apresentado neste quadro tem em conta os 35 agregados que constituem cada grupo alvo de inquérito. Por exemplo, no caso dos produtores de hortícolas a receita total anual conseguida com a venda de hortaliças foi dividida por 35, número de agregados alvo de inquérito.

Pela observação do quadro 5.4 verifica-se que o salário é, em média, a maior fonte de rendimento para qualquer um dos grupos de produtores em análise. Ganha especial significado para os produtores de sequeiro (76,4%) e para os produtores de hortícolas (64,0%).

Para os produtores de cana sacarina a actividade que desenvolvem, isto é, a produção e venda de “grogue” (40,3%) contribui de forma decisiva para o total do rendimento familiar. Já no caso dos horticultores, a venda de hortícolas contribui com 17,2% para o rendimento total dos agregados. Sendo estas as duas principais actividades rurais, os produtores de cana sacarina beneficiam mais com a sua actividade do que os horticultores. Os produtores de sequeiro utilizam quase toda a sua produção, milho e feijão, para auto-consumo, tirando pouco proveito da sua venda, apenas 0,2%.

A pensão que as pessoas mais idosas recebem em Cabo Verde constitui uma importante fonte de rendimento familiar, veja-se o caso dos produtores de sequeiro em que 16,8% do rendimento do agregado provém deste apoio social.

Os agregados familiares produtores de cana-de-açúcar apresentam um rendimento médio anual mais elevado. Verifica-se o quanto ainda é importante a produção de aguardente de cana como fonte de rendimento. Os produtores de sequeiro são os que apresentam menor rendimento, por este advir quase na sua totalidade do salário e este é muito baixo em Cabo Verde.

5.3 – Despesas dos Agregados Familiares

A despesa total do agregado familiar resulta da soma de várias despesas, as quais passamos a enumerar por constarem nos nossos inquéritos. Despesa com alimentação, habitação, saúde, educação, vestuário, electricidade, água, transporte e comunicações.

Quadro 5.5 – Despesas dos agregados familiares com a alimentação

Mil ECV	Hortícolas		Sequeiro		Cana-de-açúcar	
	Nº Agregados	%	Nº Agregados	%	Nº Agregados	%
2,5 - 5	1	2,9	0	0,0	0	0,0
5 - 10	14	40,0	14	40,0	9	25,7
10 - 15	17	48,6	14	40,0	19	54,3
15 - 20	2	5,7	6	17,1	5	14,3
20 - 25	1	2,9	1	2,9	2	5,7

O quadro 5.5 reflecte as despesas dos agregados com a alimentação. A maioria dos agregados despende entre 5 e 15 mil ECV, sendo que a maior percentagem gasta entre 10 e 15 mil ECV. Apenas 1 agregado e nos produtores de hortícolas diz gastar menos de 5 mil ECV. Já no intervalo mais elevado, 20 a 25 mil ECV, encontramos 4 agregados com tal despesa.

Os agregados oriundos dos produtores de cana sacarina são os que apresentam maiores despesas com a alimentação, por não produzirem hortícolas e muito deles não têm culturas de sequeiro compram quase na totalidade o que consomem. Quanto aos produtores de hortícolas, o gasto que apresentam é ligeiramente inferior ao dos outros dois grupos, mas nada significativo.

Os produtos hortícolas escasseiam em Cabo Verde e atingem um elevado preço para as condições económicas do cabo-verdiano. Quem produz hortícolas e as consome consegue poupar algum dinheiro nestes produtos atenuando, assim, as despesas com a alimentação.

A despesa com a habitação que se traduz na renda da casa é, na maioria dos casos, inexistente, pois quase todos têm casa própria.

Tratando-se de zonas rurais, com muitas famílias carenciadas ou mesmo em situação de pobreza, há programas de apoio escolar, como o financiado pela Dinamarca, que permite aos alunos frequentarem a escola com gastos reduzidos.

Muitos dos inqueridos têm família nos estrangeiros, que podem não mandar dinheiro, mas que mandam por vezes roupa. Assim, a despesa com o vestuário tem pouca expressão no orçamento familiar.

As despesas com electricidade, água e comunicações são muito baixas; as famílias, na sua maioria, não gastam mais que 1500 escudos por mês em cada uma delas. Pode, assim, dizer-se que é na alimentação que as famílias têm a sua maior despesa.

Quadro 5.6 – Despesas totais mensais apresentadas pelos agregados familiares

Despesas Totais (Mil ECV)	Hortícolas		Sequeiro		Cana-de-açúcar	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
10	2	5,7	5	14,3	0	0,0
10 - 20	15	42,9	19	54,3	14	40,0
20 - 30	13	37,1	10	28,6	15	42,9
30 - 40	3	8,6	0	0,0	3	8,6
40 - 50	1	2,9	1	2,9	0	0,0
50 - 60	1	2,9	0	0,0	3	8,6

No quadro, 5.6 estão expostas as despesas totais do agregado. Há dois intervalos de despesas em que se concentram maior número de agregados, são eles entre 10 e 20 mil ECV e 20 a 30 mil ECV, com maior significado para o primeiro intervalo, onde se encontram mais de metade dos agregados produtores em sequeiro.

São muito poucos os que têm despesas superiores a 40 mil ECV, o que é compatível com os rendimentos que apresentam. Assim como há poucos agregados que têm despesas inferiores a 10 mil ECV; no sequeiro existem 5, é neste grupo onde se encontram mais idosos, consequentemente mais pensionistas, logo menos rendimentos e naturalmente os mais pobres.

5.4 – Consumo Alimentar dos Agregados

Desde sempre o milho e o feijão estiveram na base da alimentação do cabo-verdiano. A população, maioritariamente rural, pratica uma agricultura de sequeiro em que aquelas culturas são as que melhor se adaptam às condições edafo-climáticas do país. No entanto os cabo-verdianos reforçaram os seus hábitos alimentares com o consumo de arroz, actualmente um dos produtos mais consumidos.

Continuam a consumir mandioca, batata-doce e inhame, só que em menores quantidades, a batata comum é o tubérculo mais consumido. Com a implementação do regadio por rega gota-a-gota, começa a produzir-se hortícolas em maior escala, consequentemente aumenta o consumo. A carne é pouco consumida, sendo mais frequente naqueles que possuem animais como galinhas, porcos ou cabras. Nas zonas rurais, longe da costa marítima, o peixe é pouco consumido, não por questões económicas mas por não se encontrar à venda nesses locais.

Quadro 5.7 – Frequência de consumo dos agregados que praticam horticultura

Bem alimentar	Todos dias		3 a 5		2		1		Nunca	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Milho	10	28,6	15	42,9	5	14,3	4	11,4	1	2,9
Arroz	25	71,4	7	20,0	1	2,9	1	2,9	1	2,9
Feijões	19	54,3	16	45,7	0	0,0	0	0,0	0	0,0
Pão	14	40,0	13	37,1	5	14,3	3	8,6	0	0,0
Raízes e tubérculos	4	11,4	12	34,3	15	42,9	4	11,4	0	0,0
Hortaliças	15	42,9	15	42,9	4	11,4	1	2,9	0	0,0
Óleo	30	85,7	5	14,3	0	0,0	0	0,0	0	0,0
Azeite	9	25,7	6	17,1	5	14,3	11	31,4	4	11,4
Açúcar	34	97,1	0	0,0	1	2,9	0	0,0	0	0,0
Leite em pó	21	60,0	1	2,9	2	5,7	2	5,7	9	25,7
Leite fresco	20	57,1	2	5,7	1	2,9	2	5,7	10	28,6
Carne e derivados	0	0,0	5	14,3	9	25,7	20	57,1	1	2,9
Peixe	6	17,1	8	22,9	15	42,9	6	17,1	0	0,0
Ovos	2	5,7	14	40,0	9	25,7	8	22,9	2	5,7
Frutas	5	14,3	15	42,9	8	22,9	6	17,1	1	2,9

Quadro 5.8 – Frequência de consumo dos agregados que praticam agricultura de sequeiro

Bem alimentar	Todos dias		3 a 5		2		1		Nunca	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Milho	9	25,7	16	45,7	9	25,7	1	2,9	0	0,0
Arroz	28	80,0	5	14,3	2	5,7	0	0,0	0	0,0
Feijões	24	68,6	11	31,4	0	0,0	0	0,0	0	0,0
Pão	9	25,7	6	17,1	11	31,4	8	22,9	1	2,9
Raízes e tubérculos	0	0,0	10	28,6	9	25,7	16	45,7	0	0,0
Hortaliças	6	17,1	11	31,4	5	14,3	13	37,1	0	0,0
Óleo	35	100,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
Azeite	3	8,6	3	8,6	8	22,9	11	31,4	10	28,6
Açúcar	35	100,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
Leite em pó	24	68,6	1	2,9	1	2,9	0	0,0	9	25,7
Leite fresco	19	54,3	3	8,6	0	0,0	1	2,9	12	34,3
Carne e derivados	0	0,0	3	8,6	3	8,6	27	77,1	2	5,7
Peixe	0	0,0	5	14,3	8	22,9	22	62,9	0	0,0
Ovos	1	2,9	7	20,0	12	34,3	15	42,9	0	0,0
Frutas	1	2,9	6	17,1	7	20,0	18	51,4	3	8,6

Quadro 5.9 – Frequência de consumo dos agregados que cultivam cana-de-açúcar

Bem alimentar	Todos dias		3 a 5		2		1		Nunca	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Milho	13	37,1	12	34,3	7	20,0	3	8,6	0	0,0
Arroz	34	97,1	0	0,0	1	2,9	0	0,0	0	0,0
Feijões	21	60,0	11	31,4	1	2,9	1	2,9	0	0,0
Pão	16	45,7	8	22,9	4	11,4	5	14,3	2	5,7
Raízes e tubérculos	1	2,9	13	37,1	11	31,4	10	28,6	0	0,0
Hortaliças	5	14,3	7	20,0	7	20,0	15	42,9	1	2,9
Óleo	35	100,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
Azeite	9	25,7	1	2,9	12	34,3	7	20,0	6	17,1
Açúcar	34	97,1	1	2,9	0	0,0	0	0,0	0	0,0
Leite em pó	26	74,3	0	0,0	3	8,6	0	0,0	6	17,1
Leite fresco	9	25,7	3	8,6	1	2,9	1	2,9	21	60,0
Carne e derivados	0	0,0	8	22,9	6	17,1	20	57,1	1	2,9
Peixe	0	0,0	9	25,7	12	34,3	14	40,0	0	0,0
Ovos	2	5,7	8	22,9	14	40,0	11	31,4	0	0,0
Frutas	5	14,3	7	20,0	11	31,4	12	34,3	0	0,0

Quadro 5.10 – Consumo médio de bens alimentares

Bem alimentar	Hortícolas		Sequeiro		Cana-de-açúcar		Geral	
	Consumo médio		Consumo médio		Consumo médio		Consumo médio	
	g/EH/d	Kg/EH/ano	g/EH/d	Kg/EH/ano	g/EH/d	Kg/EH/ano	g/EH/d	Kg/EH/ano
Milho	169,08	61,71	164,20	59,93	147,67	53,90	160,32	58,52
Arroz	116,66	42,58	148,45	54,18	129,67	47,33	131,59	48,03
Feijão	180,40	65,84	192,90	70,41	142,87	52,15	172,06	62,80
Pão	80,45	29,36	56,35	20,57	91,52	33,40	76,10	27,78
Raízes e Tubérculos	131,32	47,93	66,32	24,21	94,68	34,56	97,44	35,57
Hortaliças	72,47	26,45	43,28	15,80	34,42	12,56	50,06	18,27
Óleo	29,34	10,71	38,59	14,09	41,92	15,30	36,62	13,36
Azeite	7,77	2,84	5,74	2,09	10,42	3,80	7,98	2,91
Açúcar	39,47	14,41	46,29	16,90	48,56	17,72	44,77	16,34
Leite em pó	17,90	6,54	17,14	6,26	26,10	9,52	20,38	7,44
Leite fresco	89,00	32,48	98,63	36,00	48,92	17,86	78,85	28,78
Carne e derivados	48,15	17,58	36,75	13,41	46,94	17,13	43,94	16,04
Peixe	97,77	35,69	56,90	20,77	73,95	26,99	76,21	27,82
Ovos	14,73	5,37	11,25	4,11	14,79	5,40	13,59	4,96
Frutas	93,58	34,16	51,77	18,90	51,95	18,96	65,77	24,01

Os quadros 5.7, 5.8 e 5.9 fazem referência a frequência de consumo e o quadro 5.10 ao consumo médio *per capita* dos diferentes bens alimentares. Fazendo uma análise destes quadros fica-se com uma ideia dos hábitos alimentares da população alvo do nosso estudo.

É normal que a frequência de consumo diário de óleo alimentar e de açúcar seja elevado, próximo dos 100%, pois são produtos de uso corrente na preparação de refeições (óleo) e de utilização no café da manhã (açúcar).

O arroz é o terceiro produto que apresenta uma frequência de consumo mais elevado. Curiosamente é o feijão que tem maior consumo médio *per capita*.

O arroz é um alimento que rende mais que o milho, por isso cozinhando menos quantidade satisfaz maior número de pessoas.

O feijão é um alimento que serve de acompanhamento em muitas refeições. Tradicionalmente acompanha o milho no prato mais típico de Cabo Verde, a cachupa.

Os produtores de hortícolas são os que mais consomem milho (61,71 kg/EH/ano), os de sequeiro mais feijão (74,41 kg/EH/ano) e arroz (54,18 kg/EH/ano).

Dentro dos produtores de cana-de-açúcar não existe grandes diferenças no consumo de milho, arroz e feijão como se pode observar no quadro 5.9. É nestes produtores que encontramos mais pessoas a trabalhar por conta de outrem, com fornecimento da refeição por parte de quem emprega e o prato é normalmente cachupa, daí o maior consumo de milho.

É de realçar que tanto os produtores de hortícolas como os de cana sacarina têm, também, terrenos de sequeiro cuja produção é essencialmente milho e feijão, que utilizam quase na sua totalidade para consumo próprio. Assim não é de estranhar o seu elevado consumo em qualquer uma das situações em estudo.

Quanto as hortícolas verifica-se que são os produtores deste bem alimentar quem apresenta maior frequência de consumo diário, o que é compatível com a actividade que desenvolvem, resultando num maior consumo (26,45 kg/EH/ano).

Na zona de produção de cana-de-açúcar envolvida neste estudo, Garça de Cima, uma das explicações para menor consumo de hortícolas (12,56 kg/EH/ano) está no facto destes não estarem disponíveis, isto é, não se encontram à venda.

O consumo de leite fresco (leite de cabra) e de leite em pó está muito dependente da família possuir ou não cabras. O consumo de leite em pó é mais generalizado, pois é fácil de se encontrar em qualquer loja, já o leite de cabra não se encontra facilmente à venda, a produção é muito reduzida e serve para consumo da casa. O leite excedentário é usado na confecção de queijo de cabra, muito apreciado por estas zonas.

A carne é um produto cuja frequência de consumo é muito reduzido, a maioria das famílias come carne um dia por semana. A razão é simples, é um produto caro face aos rendimentos que os agregados apresentam. Os produtores de hortícolas e os de cana têm um consumo médio muito próximo, cerca de 17 kg/EH/ano, já os de sequeiro ficam pelos 13 kg/EH/ano.

O consumo de peixe é mais elevado; se compararmos o preço de 1 kg de carne de porco (500\$00) e 1 kg de cavala (100\$00) facilmente se compreende que a opção recai sobre o peixe. Os produtores de hortícolas são os que têm peixe à sua disposição em mais dias, por isso também consomem maiores quantidades.

É difícil medir o consumo semanal ou mensal de fruta em Santo Antão, talvez em toda zona rural de Cabo Verde. Em Santo Antão há três frutas que se destacam e de consumo generalizado pela população rural, são elas: a banana, a manga e a papaia. Encontra-se banana durante todo o ano e é uma fruta consumida em verde, em pratos típicos de Cabo Verde, ou como fruta fresca. No tempo da manga é fruta que nunca mais acaba, o consumo é muito elevado principalmente por crianças. Já no caso da papaia o consumo dá-se em fresco, na forma de doce e de sumo. Tal como acontece com as hortaliças, são os produtores de hortícolas que mais consomem frutas, cerca de 34,16 kg/EH/ano, consumo este muito superior ao dos outros dois tipos de produtores, cerca de 19 kg/EH/ano.

Tudo indica que, de entre os três tipos de produtores, a alimentação dos produtores de hortícolas é a mais equilibrada, para além de apresentarem consumos elevados de milho, arroz e feijão, consomem maiores quantidades de hortaliças, frutas, carne e peixe.

Quadro 5.11 – Ingestão de calorias, proteínas e gorduras presentes nos diferentes produtos

Bem alimentar	Hortícolas			Sequeiro			Cana-de-açúcar			Geral		
	Caloria	Proteína	Gordura	Caloria	Proteína	Gordura	Caloria	Proteína	Gordura	Caloria	Proteína	Gordura
	Kcal/EH/d	g/EH/d	g/EH/d	Kcal/EH/d	g/EH/d	g/EH/d	Kcal/EH/d	g/EH/d	g/EH/d	Kcal/EH/d	g/EH/d	g/EH/d
Milho	601,91	16,06	7,27	584,55	15,60	7,06	525,71	14,03	6,35	570,72	15,23	6,89
Arroz	416,46	8,75	2,10	529,95	11,13	2,67	462,91	9,73	2,33	469,77	9,87	2,37
Feijão	615,15	39,87	3,07	657,80	42,63	3,28	487,19	31,57	2,43	586,71	38,02	2,92
Pão	200,31	6,60	0,97	140,30	4,62	0,68	227,88	7,50	1,10	189,50	6,24	0,91
Raízes e Tubérculos	143,14	1,18	0,26	72,29	0,60	0,13	103,20	0,85	0,19	106,21	0,88	0,19
Hortícolas	15,94	1,01	0,14	9,52	0,61	0,09	7,57	0,48	0,07	11,01	0,70	0,10
Óleo	259,36	0,00	29,34	341,14	0,00	38,59	370,55	0,00	41,92	323,68	0,00	36,62
Azeite	68,69	0,00	7,77	50,71	0,00	5,74	92,14	0,00	10,42	70,51	0,00	7,98
Açúcar	152,74	0,00	0,00	179,16	0,00	0,00	187,93	0,00	0,00	173,27	0,00	0,00
Leite em pó	88,80	4,71	4,78	85,00	4,51	4,58	129,44	6,86	6,97	101,08	5,36	5,44
Leite fresco	61,41	3,20	36,49	68,05	3,55	40,44	33,76	1,76	20,06	54,41	2,84	32,33
Carne e derivados	58,74	5,92	3,71	44,83	4,52	2,83	57,26	7,04	3,61	53,61	5,83	3,38
Peixe	200,43	13,58	18,18	116,65	7,90	10,58	151,60	10,27	13,75	156,23	10,59	14,17
Ovos	20,47	1,58	1,44	15,63	1,20	1,10	20,55	1,58	1,45	18,88	1,45	1,33
Fruta	56,15	0,66	0,28	31,06	0,36	0,16	31,17	0,36	0,16	39,46	0,46	0,20

Quadro 5.12 – Ingestão diária de calorias, proteínas e gorduras pelos elementos dos agregados

Hortícolas			Sequeiro			Cana-de-açúcar			Geral		
Calorias	Proteínas	Gorduras	Calorias	Proteínas	Gorduras	Calorias	Proteínas	Gorduras	Calorias	Proteínas	Gorduras
Kcal/EH/d	g/EH/d	g/EH/d	Kcal/EH/d	g/EH/d	g/EH/d	Kcal/EH/d	g/EH/d	g/EH/d	Kcal/EH/d	g/EH/d	g/EH/d
2959,71	103,12	115,81	2926,65	97,23	117,92	2888,86	92,05	110,81	2925,07	97,47	114,84

Quadro 5.13 – Consumo calórico, proteico e de gordura pela população de diferentes locais de Cabo Verde

Local		Calorias (kcal/EH/dia)	Proteínas (g/EH/dia)	Gorduras (g/EH/dia)	Observações
Praia (Santiago)		2404,00	64,00	21,00	Silva (2005)
Picos (Santiago)		2979,72	90,05	110,00	Costa (2008)
São Filipe (Fogo)	Horticultores	3379,00	116,20	91,70	Silva (2009)
	Não Horticultores	3130,00	92,50	76,00	

Os quadros 5.11 e 5.12 e 5.13 apresentam o consumo médio em calorias, proteínas e gorduras por Equivalente – Homem por dia, ficamos, assim, a saber qual o consumo *per capita*.

Costa (2008) refere que a OMS recomenda uma ingestão de 2800 kcal/*per capita*/dia e 70 g/*per capita*/dia de proteínas de diversas origens de modo a permitir uma dieta alimentar saudável. Dados da FAO indicam valores de consumo calórico para países menos desenvolvidos (PMD) na ordem dos 2400 kcal/*per capita*/dia e consumos proteicos de 50 e 63 g, consoante o género.

Dados da FAO (2012) referem que Cabo Verde, em 2007, apresentou um consumo calórico de 2572 kcal/*per capita*/dia e 69,5 g/*per capita*/dia de proteínas.

No estudo que apresentamos o valor de consumo calórico é de cerca de 2925 kcal/EH/dia, que fica acima do valor nacional, do recomendado pela OMS e do de referência da FAO para os PMD, e não muito distante dos que se têm verificado, nos últimos anos, noutros locais de Cabo Verde.

Como seria de se esperar há três produtos, milho, arroz e feijão, que contribuem com mais de 50% do valor energético consumido diariamente.

Há produtos que, pela sua natureza, são poucos energéticos como é o caso das hortícolas, frutas, leite, carne, mas são ricos em vitaminas, fibras, cálcio e proteínas, que em conjunto com os produtos mais energéticos contribuem para uma dieta alimentar mais equilibrada e com benefícios para a saúde.

O que de bom tem a dieta alimentar desta população alvo é o forte consumo de feijão que compensa os baixos consumos de carne e peixe. Daí que seja o feijão o maior contribuinte para o valor total de ingestão de proteínas, seguido do milho e peixe. O valor que apresentam, em média, 97,47 g/EH/dia é bastante razoável, acima dos 70 g/*per capita*/dia recomendados pela OMS e dos 69,5 g/*per capita*/dia registado em Cabo Verde em 2007.

5.5 - Indicadores de Qualidade de Vida

Para medir a qualidade de vida podemos seguir vários caminhos de análise. Um deles tem a ver com a distinção entre aspectos materiais e imateriais. Os aspectos materiais dizem, essencialmente, respeito às necessidades humanas básicas, como por exemplo, as condições de habitação, de abastecimento de água (Silva, 2005). Para as populações que vivem nos países menos desenvolvidos estas são as suas verdadeiras preocupações.

As questões imateriais estão mais ligadas ao ambiente, ao património cultural, ao bem-estar (Silva, 2005). Preocupações de uma população como a dos países industrializados que já viu satisfeitas as necessidades consideradas básicas.

O INE de Cabo Verde, utilizando os dados do Recenseamento Geral da População e Habitação de 2000, constituiu um índice para avaliar a qualidade de vida, cujo princípio de cálculo baseia-se na posse ou acesso, pelos agregados familiares, de 10 bens de equipamentos ou serviços: o acesso à rede pública de água, a posse de rádio, a posse de televisão, a posse de automóvel, a posse de videocassete, a posse de casa de banho com retrete, o número médio de pessoas por quarto de dormir, o acesso à electricidade, a posse de frigorífico e a utilização de gás na cozinha (Silva, 2005).

Para o presente estudo considera-se um conjunto de bens de equipamentos e serviços que constam no inquérito que podemos consultar em anexo.

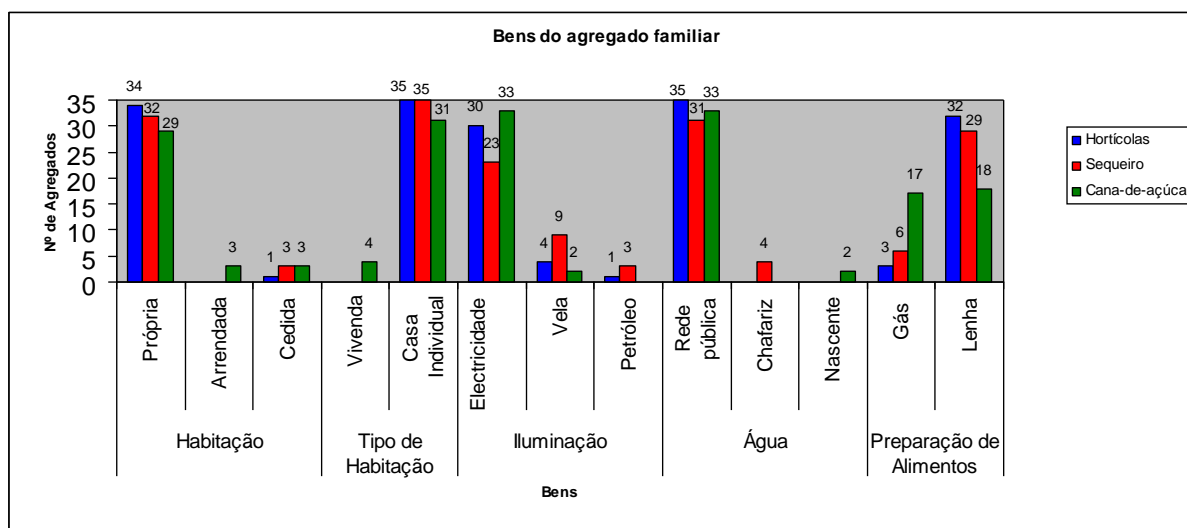


Figura 5.3 – Bens dos agregados familiares

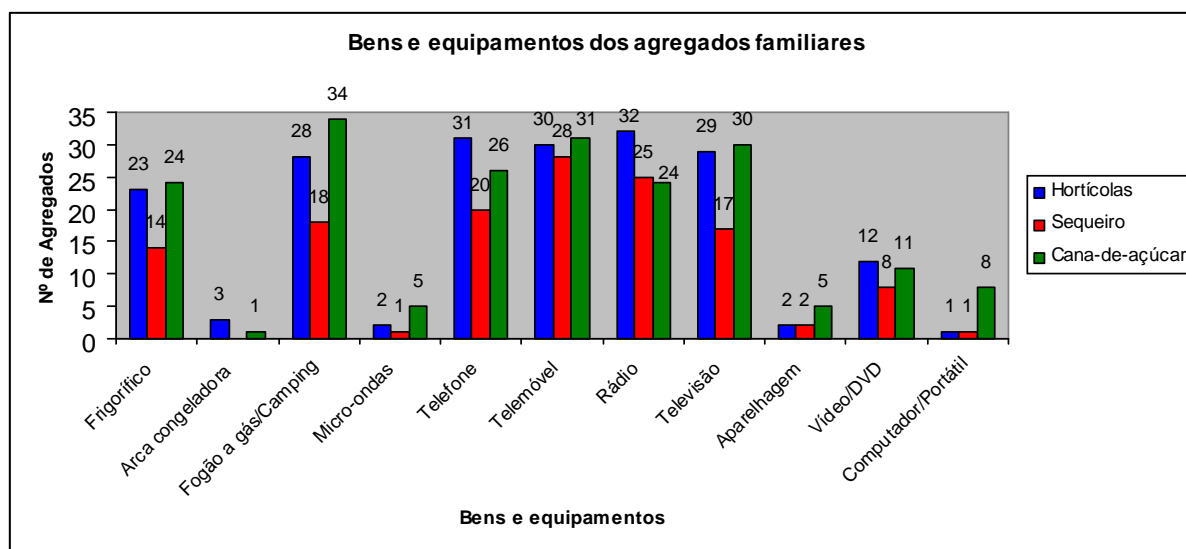


Figura 5.4 – Bens e equipamentos dos agregados familiares

Pela observação da figura 5.3, verifica-se que a maioria dos agregados possui habitação própria na tipologia de casa individual⁵. Para tal também tem contribuído o programa “casa para todos” desenvolvido pelo Estado cabo-verdiano em parceria com as autarquias e financiado por países estrangeiros entre os quais Portugal.

A electricidade nas casas é uma realidade. No entanto, há ainda famílias que não usufruem de electricidade, cerca de um terço dos agregados que praticam agricultura de sequeiro utilizam velas ou petróleo para iluminar.

Silva (2005), citando INE (2000), refere que, na época, apenas um quarto das famílias tinha acesso à rede pública de abastecimento de água. O Chafariz constituía a principal fonte de abastecimento de água às populações (45%) e era utilizado por mais de metade das populações rurais. Em Ribeirão e Garça de Cima verifica-se que a maior parte da população tem água da rede pública.

Quando se pergunta às pessoas se têm fogão a gás, um elevado número responde que sim (figura 5.4). Mas se a questão diz respeito à fonte de energia que utilizam para preparar os alimentos a lenha é, de longe, a principal fonte. Só nos produtores de cana-de-açúcar o número de utilizadores de gás é semelhante aos de utilizadores de lenha.

Há equipamentos em que a electricidade é essencial para o seu funcionamento. Não é de estranhar que os que não têm electricidade, é o caso de grande número dos que produzem em sequeiro, não tenham frigorífico, arca congeladora, rádio ou televisão.

⁵ **Casa individual** – é uma unidade de habitação (rés do chão ou duplex) cercada por muro do tipo clássico e cuja entrada principal da, geralmente, para uma rua ou para um terreno circundante ao edifício (Costa, 2008).

A alimentação pobre em carne, peixe e hortícolas também influencia a posse de equipamentos de frio, com os produtores de cana sacarina e de hortícolas a apresentarem um valor próximo, também são os que possuem maiores rendimentos.

O telemóvel parece um bem que poucos dispensam, já o computador é um bem de luxo, mas que podemos encontrar em 8 famílias produtoras de cana-de-açúcar.

5.6 – Análise Econométrica

Este trabalho não ficaria completo se não se realizasse uma análise econométrica que pudesse tentar explicar estatisticamente as hipóteses enumeradas, validando-as ou não.

De seguida apresentamos as especificações do conjunto de variáveis escolhidas para realização das referidas análises.

X_1 – Equivalente Homem

X_2 – Género do chefe do agregado (homem ou mulher) – variável “dummy”

X_3 – O chefe de família sabe ler (sim ou não) – variável “dummy”

X_4 – Rendimentos com origem na actividade – Horticultura

X_5 – Rendimentos com origem na actividade – Produção de sequeiro

X_6 – Rendimentos com origem na actividade – Produção de cana-de-açúcar (venda de “grogue”)

X_7 – Rendimentos com origem na pecuária

X_8 – Rendimentos com origem nas remessas

X_9 – Rendimento *per capita*/ano

X_{10} – Consumo

X_{11} – Consumo de calorias *per capita*

X_{12} – Consumo de proteínas *per capita*

X_{13} – Consumo de gorduras *per capita*

X_{14} – Índice de Qualidade de Vida (0-10)

No modelo A pretendemos estudar o contributo das variáveis X_4 e X_6 no rendimento *per capita*/ano do agregado (variável Y) – variável dependente. Os valores a vermelho são estatisticamente significativos para um nível de significância de 0,05.

Apresentamos de seguida o modelo.

Modelo A: $Y = f(x_1, x_2, x_3, x_4, x_5, x_6, x_7, x_8)$

Onde se tem: $R^2 = 0,54$ e R^2 ajustado = 0,50

Quadro 5.14 – Sumário da regressão para a variável dependente rendimento *per capita*/ano

N=104	B	Std.Err. of B	t(95)
Intercept	138419,3	14407,20	9,60765
Equivalente Homem	-16519,5	2710,90	-6,09373
Género do Chefe do Agregado	-2217,9	11787,08	-0,18817
Sabe ler (ou não) Chefe do Agregado	514,7	9492,13	0,05423
Rendimento_horticultura	0,3	0,10	3,59795
Rendimento_sequeiro	-0,3	0,44	-0,78724
Rendimento_cana-de-açúcar	0,2	0,03	7,84487
Rendimento_pecuária	0,5	0,42	1,10305
Rendimento_remissas	0,1	0,12	0,98734

Pela observação do quadro 5.14 pode inferir-se que, do conjunto das variáveis consideradas, a dimensão do agregado familiar, o rendimento conseguido com a venda de produtos hortícolas e o rendimento obtido com a venda de aguardente de cana, são aquelas que melhor explicam o rendimento *per capita*/ano do agregado, permitindo explicar 54% da variação do rendimento ($R^2 = 0,54$).

A dimensão do agregado está relacionado negativamente com o rendimento, ou seja, quanto maior o agregado menor o rendimento *per capita*.

A actividade agrícola que os agregados desenvolvem é de elevada relevância na formação do rendimento *per capita*, tendo um impacto maior no caso da produção de cana sacarina relativamente à produção de hortícolas.

Pretendemos estudar também relação existente entre as variáveis X_1 a X_9 e o consumo calórico per capita ($X_{11} = Y$) – variável dependente.

O modelo de estudo é o que se apresenta de seguida.

Modelo B: $Y = f(X_1, X_2, X_3, X_4, X_5, X_6, X_7, X_8, X_9)$

Onde se tem: $R^2 = 0,41$ e R^2 ajustado = 0,36

Quadro 5.15 – Sumário da regressão para a variável consumo calórico

N=104	B	Std.Err. of B	t(94)
Intercept	2627,824	300,8707	8,73407
Equivalente Homem	-111,897	47,5493	-2,35329
Género do Chefe do Agregado	344,629	175,3366	1,96553
Sabe ler (ou não) Chefe do Agregado	-137,575	141,1744	-0,97451
Rendimento_horticultura	-0,002	0,0015	-1,19440
Rendimento_sequeiro	0,010	0,0065	1,58006
Rendimento_cana-de-açúcar	-0,001	0,0006	-2,30905
Rendimento_pecuária	-0,007	0,0063	-1,09880
Rendimento_remissas	-0,002	0,0018	-1,12098
Rendimento <i>_per capita</i> /ano	0,007	0,0015	4,91415

Da leitura do quadro 5.15 verifica-se que das variáveis utilizadas, a dimensão do agregado, o rendimento *per capita*/ano, e os rendimentos provenientes da venda de “grogue” são aquelas que melhor explicam a variação no consumo calórico no agregado (medido em kcal *per capita*), permitindo explicar 41% da variação do consumo ($R^2 = 0,41$).

O rendimento *per capita* é determinante dos níveis de consumo calórico (estatisticamente significativo) como é esperado. A dimensão do agregado também é uma variável relevante, embora com impacto negativo, isto é, quanto maior o agregado menor o consumo calórico *per capita*.

De relevar, ainda, o factor rendimento de cana-de-açúcar, que está associado à venda de “grogue” e também ao seu consumo certamente, verificando-se que tem impacto negativo no consumo alimentar.

Em termos de consumo consideramos igualmente importante estudar a relação existente entre as variáveis X_1 a X_9 e o consumo proteico *per capita* ($X_{12} = Y$) – variável dependente.

O modelo de estudo é o seguinte:

Modelo C: $Y = f(X_1, X_2, X_3, X_4, X_5, X_6, X_7, X_8, X_9)$

Onde se tem $R^2 = 0,46$ e R^2 ajustado = 0,41

Quadro 5.16 – Sumário da regressão para a variável dependente consumo proteico

N=104	B	Std.Err. of B	t(94)
Intercept	84,22979	11,57017	7,27991
Equivalente Homem	-3,80920	1,82854	-2,08319
Género do Chefe do Agregado	9,39468	6,74268	1,39332
Sabe ler (ou não) Chefe do Agregado	-5,13344	5,42895	-0,94557
Rendimento_horticultura	-0,00007	0,00006	-1,13653
Rendimento_sequeiro	0,00049	0,00025	1,95768
Rendimento_cana-de-açúcar	-0,00007	0,00002	-3,35814
Rendimento_pecuária	-0,00029	0,00024	-1,19554
Rendimento_remessas	-0,00011	0,00007	-1,65215
Rendimento <i>_per capita</i> /ano	0,00034	0,00006	5,74470

A leitura que pode fazer-se do quadro 5.16 é em todo semelhante à que foi feita para o quadro 5.15 relativo ao consumo calórico. Verifica-se que as variáveis que melhor explicam o consumo proteico são: a dimensão do agregado, o rendimento com a produção de “grogue”, o rendimento *per capita*/ano, permitindo explicar 46% da variação então verificada ($R^2 = 0,46$).

Consideramos importante estudar os agregados em termos de qualidade de vida. Criou-se um índice, índice de qualidade de vida (IQV), tendo em conta a posse de dez bens/equipamentos (frigorífico/arca congeladora, fogão a gás, micro-ondas, telefone, telemóvel, rádio, televisão, aparelhagem, vídeo/DVD e computador/portátil). Por serem em número de dez, o índice varia de 0 a 10.

Pretendemos estudar a relação existente entre as variáveis X_1 a X_9 e o índice de qualidade de vida ($X_{14} = Y$) – variável dependente.

Modelo D: $Y = f(x_1, x_2, x_3, x_4, x_5, x_6, x_7, x_8, x_9)$

Quadro 5.17 – Sumário da regressão para a variável dependente índice de qualidade de vida

N=104	B	Std.Err. of B	t(94)
Intercept	1,540655	0,887965	1,735040
Equivalente Homem	0,465705	0,140333	3,318569
Género do Chefe do Agregado	0,176119	0,517474	0,340344
Sabe ler (ou não) Chefe do Agregado	0,035498	0,416650	0,085198
Rendimento_horticultura	0,000004	0,000004	0,908691
Rendimento_sequeiro	-0,000018	0,000019	-0,953959
Rendimento_cana-de-açúcar	0,000001	0,000002	0,442185
Rendimento_pecuária	0,000029	0,000019	1,582008
Rendimento_remissas	0,000011	0,000005	2,046060
Rendimanto _per capita/ano	0,000012	0,000005	2,619921

Da análise do quadro verifica-se que, do conjunto de variáveis consideradas, a dimensão do agregado, o rendimento proveniente das remessas dos emigrantes e o rendimento *per capita*/ano são as que melhor explicam o índice de qualidade de vida determinado a partir dos inquéritos realizados, permitindo explicar 29% da variação do IQV ($R^2 = 0,29$).

O R^2 é baixo, por isso as variáveis consideradas explicam pouco da variação do IQV, assim deve existir outras variáveis que contribuem para a melhoria da qualidade de vida dos agregados.

A posse de bens/equipamentos como frigorífico, fogão a gás, televisão, computador é indicador de uma real melhoria da qualidade de vida. Não podemos esquecer que muitos destes bens são oferta de familiares que se encontram emigrados, pois os rendimentos que muitas destas famílias possuem é gasto em bens ditos essenciais como por exemplo a alimentação.

Verifica-se que as remessas são um forte contributo para a composição do rendimento familiar e de significativa importância para a aquisição de bens/equipamentos que possibilitam a melhoria da qualidade de vida das famílias.

Quadro 5.18 – Matriz de correlação entre as variáveis dimensão do agregado, rendimento e diversos consumos

N=105	Equivalente Homem	Rendimento <i>per capita</i> /ano	Consumo	Calorias	Proteínas	Gorduras	IQV (0-10)
Eq. Homem	1,00	-0,40	-0,40	-0,46	-0,46	-0,33	0,24
Rend. <i>per capita</i> /ano		1,00	0,59	0,48	0,49	0,53	0,28
Consumo			1,00	0,90	0,90	0,85	0,14
Calorias				1,00	0,93	0,70	0,05
Proteínas					1,00	0,69	0,06
Gorduras						1,00	0,05
IQV (0-10)							1,00

O quadro mostra 5.18 mostra as correlações quando se analisa a dimensão do agregado, o rendimento *per capita*/ano, diversos consumos e IQV. Os valores a vermelho são estatisticamente significativos, para um nível de significância de 0,05.

A dimensão do agregado correlaciona-se negativamente com o rendimento *per capita*/ano assim como com o consumo, consumo calórico, proteico e de gorduras. Correlaciona-se positivamente com o índice de qualidade de vida.

Quer rendimento *per capita*/ano, quer os diversos consumos apresentam uma correlação positiva entre si e com o IQV.

CAPÍTULO 6 – CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

6.1 – Conclusões

Este trabalho permitiu conhecer melhor a realidade do povo cabo-verdiano, que vive em meio rural no concelho de Ribeira Grande, ilha de Santo Antão, em especial no que diz respeito à segurança alimentar e, por conseguinte, em termos de funcionamento do sistema alimentar a partir da produção até ao consumo alimentar.

Os três meses de contacto directo com a região foram muito importantes, percebemos as dificuldades por que passam as pessoas que vivem longe das cidades, dos centros urbanos, a começar pela inexistência de um transporte regular de uma localidade para outra que permita a sua mobilidade frequente. Aliás, esta situação fez com que ficássemos hospedados em casa de um horticultor local aquando da realização dos inquéritos em Ribeirão. Foi bom, foi útil, não só pela amizade estabelecida, mas, principalmente, pela vivência de uma experiência tão enriquecedora.

A Segurança Alimentar é de relevante importância para Cabo Verde, pois há muita gente pobre, principalmente idosa, que, não passando fome, apresenta carências alimentares. Os valores de consumo que apresentamos, são valores médios que podem não evidenciar a referida situação, mas o contacto directo com muita destas pessoas revelam aquela realidade.

Os dados dos inquéritos indicam que os agregados familiares são constituídos, em média, por 5 elementos, valor superior aos 4,4 que constitui a média nacional. Grande parte da população é jovem, mais de 40% tem menos de 20 anos e no caso dos produtores de cana sacarina é superior a 50%.

Quanto a escolaridade do chefe do agregado, apenas 37,1% sabe ler, 29,5% tem o ensino primário completo e 1% tem o secundário.

Os resultados obtidos com este trabalho permite verificar, quer por consulta bibliográfica, dados secundários, quer por análise e interpretação dos dados recolhidos, dados primários, a importância que a cana-de-açúcar, com a produção e venda de “grogue”, e a horticultura têm na geração de rendimento e consequentemente na melhoria da segurança alimentar e qualidade de vida.

Em qualquer um dos grupos alvo de inquérito verifica-se que a principal fonte de rendimento é o salário, obtido pelo chefe de família ou por outro membro do agregado. A actividade agrícola que desenvolvem é de grande importância para os produtores de cana sacarina, que obtêm 40,03% do seu rendimento com a venda de “grogue” e de relativa importância

para os horticultores, 17,2% dos seus rendimentos têm origem na comercialização de hortícolas. No caso dos produtores de sequeiro só conseguem 0,2% do seu rendimento com a produção que realizam, e que vendem no mercado, sendo de considerar a sua maior importância no auto-consumo.

A produção de sequeiro não é de descurar, não tendo valor para obtenção de rendimento monetário, ela é importante para um vasto número de famílias, pois o milho e o feijão fazem parte da dieta alimentar diária do cabo-verdiano, em especial do que vive no meio rural.

Em termos de consumo alimentar, o feijão é o produto mais consumido (62,8 kg/EH/ano), não fosse o concelho de Ribeira Grande grande produtor de feijões e a população grande apreciadora, principalmente do feijão congo (feijão ervilha). Segue-se o consumo de milho (58,52 kg/EH/ano) e de arroz (48,03 kg/EH/ano).

Os horticultores são os que mais consomem hortaliças (26,45 kg/EH/ano) e fruta (34,16 kg/EH/ano) o que era de se esperar pois são essencialmente produtores destes bens alimentares. Os produtores de cana sacarina são os que menos consomem hortaliças (12,56 kg/EH/ano), este facto explica-se pelo reduzido número de produtores de hortícolas na zona de Garça, onde os terrenos estão dedicados quase exclusivamente à cana-de-açúcar.

O consumo de peixe (27,82 kg/EH/ano) é muito superior ao de carne (16,04 kg/EH/ano). Embora o peixe, com preço médio de 100 ECV/kg, seja muito mais barato que a carne, com preço médio de 500 ECV/kg, não chega às populações que vivem no interior, e dificilmente estas pessoas adquirem carne com os baixos níveis de rendimento que auferem.

No que diz respeito ao consumo calórico os valores que os diferentes grupos apresentam são muito próximos, 2957,71 kcal/EH/dia para os horticultores, 2926,65 kcal/EH/dia para os produtores de sequeiro e 2888,86 kcal/EH/dia para os produtores de cana sacarina, todos considerados satisfatórios.

Quanto ao consumo proteico, também não existem grandes diferenças, variando entre os 92,05 g/EH/dia dos produtores de cana sacarina e os 103,12 g/EH/dia dos horticultores, apresentando os produtores de sequeiro valor intermédio (97,23 g/EH/dia). Note-se que, embora os agricultores de sequeiro tenham menor “rendimento monetário”, menor formação, em termos alimentares conseguem ter uma dieta muito similar aos restantes grupos, o que permite concluir da relevância do auto-consumo nesta região.

Confrontando os resultados com a hipótese A (A produção de hortícolas contribui significativamente para a geração de rendimentos e melhoria da qualidade de vida à semelhança do que acontece com a produção de cana-de-açúcar), observa-se, pela análise

do contributo das várias fontes de rendimento para a receita global dos agregados familiares, a relevância que a venda de hortícolas tem na geração de rendimentos, sendo a segunda fonte de rendimento para as famílias horticolas. A produção de cana-de-açúcar com a venda de “grogue” é a actividade que proporciona maior rendimento, o que já era esperado, pois o agricultor é racional e se tem feito cana sacarina ao longo dos anos é porque lhe é rentável. Comparando o rendimento médio anual dos agregados verifica-se que as famílias com cana e as com horticultura têm um rendimento superior às famílias só produtoras de sequeiro.

Por norma quanto maior o rendimento melhor a qualidade de vida. A posse de bens e equipamentos pode ser um bom indicador para medir a qualidade de vida. Pelos dados dos inquéritos verifica-se que não existem grandes diferenças entre as famílias produtoras de hortícolas e as de cana sacarina, mas estas diferenças existem quando se compara aquelas duas com as produtoras de sequeiro.

Em relação à hipótese B (Para quem faz hortícolas a sua produção tem reflexo na dieta alimentar do agregado familiar e consequentemente na segurança alimentar), verifica-se que quem é produtor de hortícolas consome mais hortaliças melhorando assim a sua dieta alimentar. Uma alimentação mais rica em hortaliças, significa melhor qualidade no consumo consequentemente melhora a segurança alimentar. Traz, também, benefícios à saúde por via do aumento do consumo de vitaminas, fibras e minerais.

Em relação à hipótese C (Existem diferenças no consumo alimentar (calórico e proteico) dos agregados familiares produtores de hortícolas, produtores de sequeiro e produtores de cana-de-açúcar), verificou-se que existem diferenças, mas são ligeiras, pois apresentam níveis calóricos e proteicos muito próximos. No entanto os horticultores consomem mais hortaliças, raízes e tubérculos, frutas e peixe. Os produtores de sequeiro consomem mais arroz e feijão.

Em relação à hipótese D (Os níveis de consumo alimentar dos agregados familiares estão relacionados com o nível de rendimento, dimensão dos agregados e hábitos alimentares), comprova-se que o consumo alimentar relaciona-se com o nível de rendimento, por exemplo, os horticultores apresentam um valor superior ao dos produtores de sequeiro, que se reflecte na variedade e quantidade de produtos consumidos. Os agregados de maior dimensão apresentam menor consumo alimentar *per capita*, o que é esperado.

Os hábitos alimentares têm enorme influência sobre o consumo. Mesmo as famílias com mais rendimento, que podem adquirir maior variedade de produtos alimentares, ou mesmo as que são produtoras de hortícolas, que têm à sua disposição uma maior gama de

produtos, no que diz respeito ao consumo alimentar a sua escolha mantém-se condicionada e recai sobre o feijão, milho e arroz com muita frequência.

A terminar deve referir-se que a nova tecnologia de produção, rega gota-a-gota, pode ser uma mais valia para a agricultura de Santo Antão. Trata-se de uma inovação que permite a utilização da água de uma forma racional e eficiente, tornando a agricultura mais produtiva, proporcionando rendimentos consideráveis.

Tal como aconteceu com Ribeirão, outras localidades podem tirar partido desta tecnologia, transformando paisagem de sequeiro, ou mesmo de cana sacarina, em paisagem de hortícolas, com grandes benefícios para a população local que passará a consumir mais hortaliças, melhorando a sua alimentação, com reflexo na segurança alimentar

6.2 – Considerações finais

Inscrito no curso de Agronomia Tropical foi sempre meu objectivo realizar a dissertação de mestrado num país dos trópicos. A escolha recaiu com toda a naturalidade em Cabo Verde, pois, embora seja natural de Porto Amboim – Angola, as minhas raízes estão em Cabo Verde. O meu pai é da ilha da Brava e a minha mãe é de Garça – Santo Antão.

Santo Antão e o concelho de Ribeira Grande foram a minha primeira opção, não só por razões afectivas, mas também por não ter conhecimento de algum trabalho no âmbito da segurança alimentar, semelhante ao que foi proposto realizar, dedicado a esta ilha. Dentro da mesma temática já foram realizados trabalhos nas ilhas de Santiago e Fogo.

Fazer este trabalho foi um acto de aprendizagem, de crescimento pessoal. Sempre ouvi dos meus pais o quanto era, e é, difícil a vida em Cabo Verde. Na minha estadia no concelho de Ribeira Grande deu para conhecer, sentir, viver, compreender as dificuldades por que passam as pessoas em Santo Antão. A própria natureza da ilha impõe essas dificuldades, que o povo tem sabido ultrapassar com muita força de vontade, apego ao trabalho e crença num futuro melhor mais que não seja para os seus filhos.

Como referido, só nos últimos anos as famílias se têm dedicado de uma forma mais expressiva à horticultura. A abertura de furos e a introdução da rega gota-a-gota tem permitido a expansão deste tipo de agricultura.

A população de Ribeirão, enquanto pioneira no desenvolvimento da horticultura, como actividade familiar, no concelho de Ribeira Grande tem feito um excelente trabalho, muito interessante, e que tem beneficiado grandemente a população local. No entanto, não deixam de sentir algumas dificuldades na prossecução da sua actividade.

Entre essas dificuldades está o escoamento da produção. Como se sabe os produtos agrícolas de Santo Antão só podem ser comercializados para São Vicente, sem entrave algum, e para as ilhas do Sal e Boa Vista, quando garantida, por inspecção fitossanitária, estarem livres da praga mil pés. Não tem havido condições para a realização da referida inspecção, tornado impossível a venda produtos para aquelas ilhas, limitando a comercialização ao mercado local e de São Vicente.

São poucas as culturas que podemos observar instaladas no terreno: tomate, repolho, pimento, coentros, cenoura, alface e pouco mais. O horticultor dedica-se a um reduzido número de culturas, muita das vezes a apenas uma, sendo o tomate a cultura de eleição, pois dizem ser a mais rentável. A ausência de rotação de culturas, pois a monocultura impera, tem levado ao surgimento de pragas e doenças que têm causado perdas com algum significado.

Em determinadas alturas há excesso de produção o que dificulta o seu escoamento e provoca queda dos preços no produtor.

A quantidade disponível de água do furo tem vindo a diminuir ao longo dos anos, há agricultores, principalmente os que têm terrenos em zonas mais elevadas, que se ressentem da falta de água.

O consumo de hortaliças e frutas pela população rural do concelho de Ribeira Grande fica aquém do desejado por variadíssimas razões, entre elas estão: os hábitos alimentares – há que fazer um trabalho de base, talvez começando pelas escolas, reforçando a presença de legumes nas refeições confeccionadas; o fraco poder de compra da população – só com desenvolvimento e emprego é possível aumentar os rendimentos das famílias; a ausência de produtos que as pessoas possam adquirir em determinadas localidades – há que apostar na produção local, pois o transporte de hortícolas dos centros de produção até as localidades espalhadas pelo concelho não é fácil.

Os produtores de hortícolas têm como principal objectivo a comercialização da produção que obtêm, pois é a forma de reforçar os seus rendimentos. A venda de quase toda a produção tem reflexos no auto-consumo, isto é, consomem muito pouco daquilo que produzem. No caso dos produtores de cana-de-açúcar a situação é mais grave, pois não produzem hortícolas e dificilmente encontram à venda na sua localidade.

Nos últimos anos tem-se reforçado a captação de água subterrânea e neste momento encontra-se lançada a primeira pedra de construção da barragem de Canto Cagarra na Ribeira da Garça. Esta é uma zona de produção de cana sacarina por excelência e dificilmente os agricultores locais mudam de cultura enquanto verificarem que a produção e venda de “grogue” é mais rentável que a venda de hortícolas. Também há outras questões

que se colocam, designadamente esta que foi referida por um agricultor: “a produção de hortícolas implica ter água disponível para se regar todos os dias, para isso é preciso construir pequenos tanques que retenham a água. Sem incentivos e ajudas dadas pelas autoridades (Governo, Câmara Municipal) os agricultores não conseguem construí-los, continuando a fazer a agricultura que desde há muito têm feito”.

O desenvolvimento de um país faz-se tendo em conta diversas componentes, entre as mais importantes estão, com certeza, as seguintes: educação/formação, saúde, segurança e vias de comunicação/transporte.

Num país com poucos recursos e com muito ainda por se fazer é natural que se estabeleçam prioridades. A educação/formação deu um grande salto em Cabo Verde, hoje dificilmente se encontra uma criança ou jovem que não estude, mas no meio rural há crianças (desde os 4 anos) que têm de percorrer mais de 1 hora a pé para chegar à escola.

A questão da segurança é uma preocupação dos grandes centros urbanos, como Praia, S. Vicente e Sal, que tem vindo a alastrar-se para as ilhas mais rurais, pois o sentimento de insegurança começa a fazer-se sentir.

O desenvolvimento sustentado também se faz com vias de comunicação, quer estradas que liguem as várias localidades dentro da ilha, quer transportes marítimos que liguem mais que uma ilha alargando horizontes na mobilidade das pessoas e nas relações comerciais entre ilhas.

As várias dimensões do desenvolvimento são, e continuarão a ser, um enorme desafio, com destaque para a segurança alimentar e alívio da pobreza, questões que, em grande parte, podem encontrar solução a partir da actividade associada à engenharia de biosistemas e produção de alimento com tecnologia adequada, quer ao nível da produção, quer ao nível do consumo.

Espera-se que o trabalho realizado seja mais um contributo, no sentido de disponibilizar conhecimento e melhor caracterização dos sistemas, que podem permitir um melhor processo de tomada de decisão, quer do poder público, quer da actividade privada.

7 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AFRICAINFO MARKET. 2004. *O Sector da Alimentação em Cabo Verde*. Disponível em <http://www.africainfomarket.org> (acedido em 05-01-2011)
- AMARAL, J. D. 1988. Uma nova perspectiva cultural: A beterraba sacarina. *Vida Rural*. 1463: 26-30.
- ANUÁRIO DE SEGURANÇA ALIMENTAR 2005. 2006. Coordenação Técnica CIAT/DAIAT – UTL. Edições ANSA.
- AZOULAY, G. 2009. La situación alimentaria mundial: evolución y perspectivas de los hechos y de los enfoques conceptuales. *Revista Española de Estudios Agrosociales y Pesqueros*. 224: 4/2009. pág.: 47-68. Ministerio de Medio Ambiente y Medio Rural y Marino. Madrid.
- BCV. 2012. *Boletim de Estatística 20 anos*. Banco de Cabo Verde. Disponível em <http://www.bcv.cv> (acedido em Março de 2012)
- BORGES, J. M. 2001. *Cabo Verde e a Emigração – Uma Parceria para o Desenvolvimento?*. In: *População, Ambiente e Desenvolvimento em África*. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas. Universidade Técnica de Lisboa. Lisboa. 419-438.
- CARVALHO, B. P. 1995. *Segurança Alimentar, Hedonismo e Desenvolvimento Económico*. Série de Estudos de Desenvolvimento e Gestão de Sistemas. SEDGES 1-2. ISA. Lisboa.
- CARVALHO, B. P. 1996. *Economia do Desenvolvimento, Agronomia Tropical e Segurança Alimentar*. Série de Estudos de Desenvolvimento e Gestão de Sistemas. SEDGES. ISA. Lisboa.
- CARVALHO, B. P. 2001. *Segurança Alimentar e Desenvolvimento Económico na África Sub-Sahariana*. In: *População, Ambiente e Desenvolvimento em África*. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas. Universidade Técnica de Lisboa. 141-157. Lisboa.
- CARVALHO, B. P. 2005. *Cooperação e Desenvolvimento: A Segurança Alimentar em Cabo Verde, um Exemplo de Sucesso*. Série de Estudos de Desenvolvimento e Gestão de Sistemas. SEDGES 11-3. SATS-CIAT. ISA-UTL. Lisboa.
- CARVALHO, B. P. 2006. *Desenvolvimento Sustentável e Segurança Alimentar*. Série de Estudos de Desenvolvimento e Gestão de Sistemas. SEDGES 12-3. SATS-CIAT. ISA-UTL. Lisboa.

- CARVALHO, M. L. S.; BRITO, A. M. & MONTEIRO, E. P. 2010. Plano Nacional de Saneamento Básico. Cidade da Praia. 73p.
- CGIAR. 1999. *Reducing poverty through setting – edge science CGIAR research. Priority for marginal lands*. CGIAR Doc. n.º SDR/TAC: IAM/99/12. Washington D. C. (cit in Correia, 2001)
- COELHO, J. C. 2005. Breve Ensaio Sobre a Sustentabilidade e o Desenvolvimento Económico e Agrícola, nos Países Tropicais. *Revista de Ciências Agrárias*. Vol. 28. n.º 1: 262-273. Lisboa.
- CORREIA, A. M. N. G. 1990. *A Agricultura de Cabo Verde*. Universidade Técnica de Lisboa. Instituto superior de Agronomia. Lisboa. 26 pp.
- CORREIA, A. M. N. G. 2000. Condicionantes Africanas Face ao Incremento das Necessidades Alimentares no Próximo Milénio: Estratégias. *Revista de Ciências Agrárias*. Vol. XXIII – Nº 3/4. Lisboa.
- CORREIA, A. M. N. G. 2001. *A água como um dos factores de desenvolvimento do Continente Africano no próximo milénio*. In: População, Ambiente e Desenvolvimento em África. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas. Universidade Técnica de Lisboa. 159-174. Lisboa.
- COSTA, C. H. T. S. 2008. *A Importância da Mulher na Segurança Alimentar de Redução da Pobreza: Estudo de Caso no Concelho de Santa Cruz – Cabo Verde*. Mestrado em Produção Agrícola Tropical. Universidade Técnica de Lisboa. Instituto Superior de Agronomia. Lisboa.
- COSTA, M. L. B. 2002. *A qualidade na Indústria – um Objectivo Realista*. In: V Colóquio nacional de produtos horto-industriais. 92-93.
- CRUZ, O. 1996. *Cabo Verde: O sector da agricultura face aos novos desafios*. In: Agricultura e Agro-indústria Tropicais. Estudos, Empreendimentos e Cooperação. Lisboa: 19-21 de Julho de 1996. Comunicações relativas a vários países ou de interesse geral. Vol I. Parte 2.
- DECRP. 2004. *Documento de Estratégia de Crescimento e Redução da Pobreza*. Ministério das Finanças e do Planeamento. Praia.
- DECRP. 2008. *Documento de Estratégia de Crescimento e Redução da Pobreza – II*. Ministério das Finanças e Administração Pública. Direcção Geral do Planeamento. Praia.

- DEGI. 2007. *Recenseamento Geral da Agricultura – Dados Gerais*. Ministério do Ambiente e Agricultura. Direcção de Estatística e Gestão de Informação. Direcção-Geral de Planeamento, Orçamento e Gestão.
- DINIZ, A. C. & MATOS, G. C. 1986-1999. Carta de Zonagem Agro-Ecológica e da Vegetação de Cabo Verde. *Garcia de Orta, Série Botânica*. Lisboa.
- EDPS, s/data. Estratégia para o Desenvolvimento da Protecção Social de Cabo Verde. Disponível em http://www.governo.cv/documents/estrategia_desenv_proteccao_social.pdf (acedido em Janeiro de 2012)
- ELDER, L. 2000. *Nuts and Bolts. Human Development Netwok*. The World Bank.
- ENCICLOPÉDIA GEOGRÁFICA. 1989. *Enciclopédia Geográfica. Um guia ilustrado dos países e cidades do mundo e das maravilhas da natureza e do homem*. Selecções do Reader's Digest. Lisboa.
- FAO & WHO. 1992. *Final Report of the International Conference on Nutrition*. Rome and Vienna (*cit in*: Simon, 2009).
- FAO. 1996. *World Food Summit*. Rome.
<http://www.fao.org/docrep/003/w3613p/w3613p00.htm>
- FAO. 2010. *The State of Food Insecurity in the World. Addressing food insecurity in protracted crises*. Food and Agriculture Organization of the United Nations. Rome.
Disponível em <http://www.fao.org/publicatios> (acedido em Janeiro de 2012)
- FARIA, F. X. 1992. *Alguns aspectos dos solos de Cabo Verde*. 1^{as} Jornadas sobre agricultura de Cabo Verde, 23-25 Outubro. Série de Ciências Agrárias. 8: 47-54. Instituto de Investigação Científica Tropical. Lisboa.
- FERRÃO, J. E. M. 1987. *A Agricultura em Cabo Verde. A influência dos descobrimentos e a situação actual*. Instituto de Investigação Tropical. Departamento de Ciências agrárias. Lisboa.
- FERRÃO, J. E. M. 1990a. *Ecologia e fome no mundo. Os alimentos são suficientes para todos os homens?*. Cadernos de bio-ética. Nº 2. Coimbra.
- FERRÃO, J. E. M. 1990b. *A Fome no Mundo – Causas e Soluções*. Ministério da Educação. Instituto de Apoio Sócio - educativo. Cadernos IASE. Nº 11. Lisboa.
- FERRÃO, J. E. M. 1990c. *Problemas alimentares mundiais. A fome, a fartura e a força da tecnologia*. Ministério dos Negócios Estrangeiros – Comissão Nacional da FAO. Lisboa.

- FERRÃO, J. E. M. 1991a. *O Regadio como processo de aumento da produção de alimentos nos PVD*. 3^{as} Jornadas de Engenharia dos Países de Língua Oficial Portuguesa.
- FERRÃO, J. E. M. 1991b. *População e Alimentação*. Ministério dos Negócios Estrangeiros – Comissão Nacional da FAO. Lisboa
- FERRÃO, J. E. M. 1993. *A Aventura das Plantas e os Descobrimentos Portugueses*. Ed. Instituto de Investigação Científica Tropical. Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses. Fundação Berardo.
- FERRÃO, J. E. M. 2002. Conceitos de Segurança Alimentar. Consequências nos países mais pobres. *Gazeta das Aldeias*. Nº 3094: 33-39
- FERRÃO, J. E. M.; CORREIA, A. M. G.; JANUÁRIO, M. I. N. & ALMEIDA, M. H. G. 1987. *Relatório de visita de estudo a Cabo Verde dos docentes e alunos de agronomia Tropical do Instituto superior de Agronomia realizada entre 12 e 26 de Agosto de 1987*. Lisboa
- FERRÃO, J. E. M.; CARVALHO, B. M. P.; CORREIA, A. M. G. & ALMEIDA, M. H. G. 1989. *Relatório técnico sobre a agricultura caboverdiana*. Ministério do Planeamento e da Administração do Território – Instituto de Investigação Científica Tropical. Lisboa
- FERREIRA, J. M. S. P. 2006. *VAGROGUE – Plano de Valorização do Grogue de Santo Antão*. Ministério do Ambiente, Agricultura e Pesca. Delegação de Santo Antão.
- FERREIRA, J. M. S. P. & PINA, A. 2004. *Actividades Económicas das Populações Rurais e o seu Acesso à Terra*. Ministério das Finanças, Planeamento e Desenvolvimento Rural. Praia.
- GOMES, B. M. 2008. *Estudo das Potencialidades dos Recursos Hidro-Agrícolas da Bacia Hidrográfica de Paúl*. Instituto Nacional de Investigação e Desenvolvimento Agrário – Santiago. São Jorge dos Órgãos.
- MOURÃO, I. M. 2009. Horticultura Biológica – Segurança Alimentar, Economia Ambiental e Impacto nas Alterações Climáticas. *Revista da APH – Associação Portuguesa de Horticultura*. **97**: 23 – 29.
- INE. 2007. *Avaliação da Situação da Insegurança Alimentar em Cabo Verde. Análise dos Dados de Consumo Alimentar. Inquérito sobre Despesas e Receitas familiar. IDRF 2001-2002*. Ministério do Ambiente e Agricultura – DSSA. EU. FAO. Praia.
- INE. 2009. *Questionário Unificado de Indicadores Básicos de Bem-Estar*. Instituto Nacional de Estatística. Praia.
- INE. 2011. *Censo 2010*. Instituto Nacional de Estatística. Praia.

- INGRH. 2008. *Plano de Acção e Gestão Integrada dos Recursos Hídricos*. Conselho Nacional da Água. Instituto Nacional de Gestão dos Recursos Hídricos. Praia.
- OSMANI, S. R. 2003. *Evolving Views on Poverty: Concept, Assessment and Strategy*. Asian Development Bank: Poverty and Social Development Papers, nº7 / July 2003. (cit in PNSA, 2006)
- PADA_SA. 2009. *Plano de Acção para o Desenvolvimento da Agricultura da Ilha de Santo Antão 2009-2012*. FAO – Cabo Verde.
- PDSA. 1999. *II Plano de Desenvolvimento de Santo Antão 1998-2001. Tomo I – Diagnóstico da Situação Actual*. Associação dos Municípios de Santo Antão. GTI – Gabinete Técnico Intermunicipal.
- PEDA. 2004. *Agriculture et pêche: strategie de développement a l' horizon 2015 & plan d'action 2005-2008*. Ministère de l'Environnement, de l'Agriculture et de la Pêche. Cap-Vert. FAO.
- PINTO, E., MONTEIRO, J. J.; ALMEIDA, L. & PIRES J. C. 2002. *Estratégia e Programa de Segurança Alimentar*. CONCILSS. CNASA. DSSA. Praia.
- PNSA. 2006. *Programa Nacional de Segurança Alimentar 2007-2011*. Ministério do Ambiente e Agricultura. Fundo das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura. Praia.
- PNUD. 2011. *Relatório de Desenvolvimento Humano. Sustentabilidade e Equidade: Um futuro melhor para todos*. New York.
- SANTOS, P. O. P. 1992. *Cabo Verde – Cana-de-açúcar e tecnologias intermédias*. 1^{as} Jornadas sobre agricultura de Cabo Verde, 23-25 Outubro. Série de Ciências Agrárias. 8: 185-195. Instituto de Investigação Científica Tropical. Lisboa.
- SEN, A. 1981. *Ingredients of famine analysis: Availability and Entitlements*. The quaterly Journal of Economics. Vol. 93:3 August 1981: 433-464. (cit in: Simon, 2009).
- SHAW, D. J. 2007. *World Food Security: A History Since 1945*. Palgrave Macmillan, Basingstoke, Hampshire, UK and New York, USA, 2007. (cit in: Simon, 2009).
- SILVA, J. C. 2009. *Importância da Horticultura para a Segurança Alimentar em Cabo Verde – Estudo de Caso na Ilha do Fogo*. Dissertação para a obtenção do Grau de Mestre em Engenharia Agronómica. Universidade Técnica de Lisboa. Instituto Superior de Agronomia. Lisboa.

- SILVA, M. F. F. 2005. *Hábitos de Consumo e Comportamento do Consumidor: Estudo de Caso da Ilha de Santiago*. Mestrado em Produção Agrícola Tropical. Universidade Técnica de Lisboa. Instituto Superior de Agronomia. Lisboa.
- SIMON, G. A. 2009. Concepto y gobernanza internacional de la seguridad alimentaria: de dónde venimos y hacia dónde vamos. *Revista Española de Estudios Agrosociales y Pesqueros*. 224: 4/2009. Ministerio de Medio Ambiente y Medio Rural y Marino. Madrid.
- TEIXEIRA, A. J. S. & BARBOSA, L. A. G. 1958. *A Agricultura do Arquipélago de Cabo Verde (Cartas agrícolas. Problemas agrários)*. Memórias da J. I. U. Lisboa. Nº 2. 178 pp.
- TIMMER, C. P.; FALCON, W. P. & PEARSON, S. R. 1983. *Análise e Política Alimentar*. Banco Mundial. The Johns Hopkins University Press. Baltimore e Londres.
- UNICEF. 2012.
Disponível em http://www.unicef.org/infobycountry/capeverde_statistics.html (acedido em 12-06-2012)
- UNITED NATIONS. 1960. *General Assembly Resolution 1496 (XV) on the Provision of Surpluses to food – Deficit people through the United Nations System*. Approved on 27th October 1960. (*cit in*: Simon, 2009).
- WFP. 2009. *Hunger and Markets*. World Hunger Series. WFP, Rome and Earthscan. London. (*cit in*: Simon, 2009).
- <http://faostat.fao.org/> (acedido em 27-12-2011)
- <http://www.governo.cv> (acedido em 12-12-2012)
- <http://data.worldbank.org/indicator/> (acedido em 27-02-2012)
- http://pt.wikipedia.org/wiki/Mortalidade_infantil (acedido em 15-04-2012)

8 – ANEXOS

Anexo 1 – Inquérito

Instituto Superior de Agronomia - Universidade Técnica de Lisboa

Inquérito - Segurança Alimentar

Os dados recolhidos são confidenciais e destinam-se a estudos de investigação sobre hábitos alimentares da população do Município de Ribeira Grande, Santo Antão - Cabo Verde

Inquérito Nº _____

Segurança Alimentar no Concelho de Ribeira Grande - Santo Antão

1. Caracterização Socio- demográfica

Nº de pessoas do agregado familiar

H

M

Total

Classe Etária	0-14		15-19		20-59		> 60		Escolarização do CA e 1º Complementar				
	H	M	H	M	H	M	H	M	N sabe ler	Sabe ler	Prim.	Sec.	Sup.
Chefe do Agregado (CA)													
1º Complementar													

Estado civil do CA

Solt

Casa

Divor

União de facto

Viúvo/Viúva

2. Ocupação Profissional e Fontes de Rendimento do Agregado familiar

	Ocupação Profissional (Actividade Principal)	Outras Fontes de Rendimento	Rendimento Médio Mensal (ECV)
CA			
1º Complementar			
2º Complementar			

3. Caracterização da Actividade Agrícola

Parcela	Área (m ² ou L)	Forma de Exploração	Renda Paga (em ECV) (Se aplicável)
Sequeiro			
Regadio			

3.1. Produção de Sequeiro e Destino das Produções (Estimativas dos últimos 12 meses)

Produtos	Utilização				
	Produção (Kg)	Auto-consumo (%)	Venda (%)	Preço de venda (ECV)	Receita total das vendas ECV
Milho					
Feijões					
Mancarra					
Batata-doce					
Batata comum					
Mandioca					
Inhame					
Hortícolas					
Fruteiras					
Outros (especificar)					

3.2. Produção Hortícola e Destino das Produções (Estimativa dos últimos 12 meses)

Principais hortícolas e frutas	Utilizações				
	Produção (Kg)	Autoconsumo (%)	Venda (%)	Preço de venda (ECV)	Receita total das vendas (ECV)
Abóbora					
Alface					
Batata comum					
Batata-doce					
Cebola					
Cenoura					
Cenoura					
Couves					
Feijões					
Mandioca					
Milho					
Pimento					
Repolho					
Tomate					
Banana					
Manga					
Papaia					
Outros					

3.3. Venda e Comercialização de Produtos Hortícolas

<p>3.3.1. Forma de venda dos produtos hortícolas</p> <p>Em casa <input type="text"/></p> <p>Ambulante <input type="text"/></p> <p>No mercado <input type="text"/></p> <p>Outro (especificar) <input type="text"/></p>	<p>3.3.2. Principais constrangimentos na comercialização?</p> <p><input type="text"/></p> <p><input type="text"/></p> <p><input type="text"/></p> <p><input type="text"/></p> <p><input type="text"/></p>
---	---

3.4. Produção Pecuária e Destino das Produções (Estimativa dos Últimos 12 meses)

Tipo de Animais	Efectivo Actual	Autoconsumo	Cabeças vendidas	Preço de venda (ECV/unidade)	Receita total das vendas (ECV)

4. Inquérito ao Consumo e Despesas dos Agregados							
4.1. Consumo dos Agregados							
Frequência de consumo de bens alimentares	Todos os dias	3 a 5	2	1	Nunca		
1. Milho							
2. Arroz							
3. Feijões							
4. Pão							
5. Raízes e tubérculos (batata, mandioca)							
6. Legumes/hortaliças							
7. Óleo							
8. Azeite							
9. Açúcar							
10. Leite em pó							
11. Leite fresco							
12. Carne e derivados							
13. Peixe							
14. Ovos							
15. Frutas							
4.2. Quantidades consumidas do bem alimentar	Kg	L	Outro	Preço/Un.	Sem./Mês	Calc. Mês	
1. Milho							
2. Arroz							
3. Feijões							
4. Pão							
5. Raízes e tubérculos (batata, mandioca)							
6. Legumes/Hortícolas							
7. Óleo							
8. Azeite							
9. Açúcar							
10. Leite em pó							
11. Leite fresco							
12. Carne e derivados							
13. Peixe							
14. Ovos							
15. Frutas							
4.3. Despesas do Agregado (em Mil Escudos Cabo-verdianos (ECV))							
Despesas do Agregado	< 5	5 a 10	10 a 15	15 a 20	20 a 25	25 a 30	> 30
Alimentação							
Habituação							
Saúde							
Educação							
Vestuário							
Electricidade							
Água							
Transporte							
Comunicações: Telemóvel/Telefone/internet							
Outros							
	< 10 Mil	10 a 20	20 a 30	30 a 40	40 a 50	50 a 60	> 60
Total de Despesas Mensal							

5. Caracterização da Habitação, Bens e Equipamentos do Agregado**5.1. Acesso à Energias Domésticas**

a) Principal fonte de energia para iluminação Electricidade <input type="checkbox"/> Velas <input type="checkbox"/> Petróleo <input type="checkbox"/> Outro <input type="checkbox"/>	b) Principal fonte de energia para preparar os alimentos Electricidade <input type="checkbox"/> Gás <input type="checkbox"/> Petróleo <input type="checkbox"/> Carvão <input type="checkbox"/> Lenha <input type="checkbox"/>
---	---

5.2. Regime de Ocupação das Habitações

Própria ☐
 Arrendada/sub-arrendada ☐
 Cedida/Empréstimo ☐

5.3. Tipologia das Habitações

Vivenda ☐
 Apartamento ☐
 Casa individual ☐
 Barraca ☐
 Anexo ☐

5.4. Acesso a água potável

Rede pública ☐
 Chafariz ☐
 Cisterna domiciliária (chuva) ☐
 Cisterna comunitária ☐
 Nascente ☐
 Poço ☐
 Autotanque ☐

5.5. Bens e Equipamentos que o Agregado Possui

Frigorífico ☐
 Fogão a gás/eléctrico ☐
 Micro-ondas ☐
 Arca congeladora ☐
 Telefone ☐
 Telemóvel ☐
 Rádio ☐
 Televisão ☐
 Aparelhagem ☐
 Vídeo/DVD ☐
 Computador/Portátil ☐

6. Acesso a Sistemas de Crédito**6.1. Recorreu a algum sistema de crédito?**

Sim ☐ Não ☐

Se sim, qual? _____

O crédito destinou a que actividade?

6.2. O que conseguiu com o crédito?

Obter mais rendimento ☐
 Aumentar o volume de negócios ☐
 Financiar os estudos dos filhos ☐
 Outro ☐
 Qual? _____

Anexo 2 – Índices para o cálculo do Equivalente Homem

Idade (anos)	Mulheres	Homens
< 1	0,3	0,3
1 - 6	0,5	0,5
7 - 13	0,7	0,7
14 - 19	0,9 ^a	0,9
20 - 59	0,9 ^a	1,0
> 59	0,7	0,9

Fonte: FAO, 1996 cit in Elder, 2000

Nota: a) Assume-se o trabalho agrícola pesado. Usar 0,8 se faz trabalho moderado

Factores nutritivos internacionais em termos de 100 gramas de peso de produto adquirido

Anexo 3 – Factores nutritivos internacionais em termos de 100 gramas de produto adquirido

Produto	Calorias	Proteínas (g)	Gorduras (g)
Milho	356	9,5	4,3
Arroz	357	7,5	1,8
Feijão	341	22,1	1,7
Pão	249	8,2	1,2
Raízes e Tubérculos	109	0,9	0,2
Hortícolas	22	1,4	0,1
Óleo	884	0,0	100,0
Azeite	884	0,0	100,0
Açúcar	387	0,0	0,0
Leite em Pó	496	26,3	26,7
Leite Fresco (cabra)	69	3,6	41,0
Carne	122	12,3	7,7
Peixe	205	13,9	18,6
Ovos	139	10,7	9,8
Fruta	60	0,7	0,3

Fonte: FAO, 2001

Anexo 4 – A praga mil-pés de Santo Antão. Exportação de produtos agrícolas para as ilhas do Sal e da Boa Vista

No âmbito do processo de levantamento do embargo aos produtos agrícolas de Santo Antão, foi construído um Centro no Porto Novo, com condições para inspecção, lavagem e conservação de produtos agrícolas. A inspecção fitossanitária e a lavagem dos produtos garantem o abastecimento do mercado com produtos livres de mil-pés. Os produtos agrícolas de Santo Antão autorizados para venda nas ilhas do Sal e da Boa Vista, são os que constam no quadro e devem obedecer aos seguintes requisitos específicos:

Produtos Autorizados	Requisitos Específicos	
	No campo	No Centro Pós-Colheita
Categoria 1 Batata comum (<i>Solanum tuberosum</i> L.); batata-doce (<i>Ipomea batatas</i> (L.) Lam.); mandioca (<i>Manihot esculenta</i> Crantz); inhame (<i>Dioscorea</i> sp. L.); cenoura (<i>Daucus carota</i> L.) e beterraba (<i>Beta</i> L.).	1. Cultivar na época recomendada 2. Usar armadilhas durante o ciclo vegetativo 3. Levar ao Centro tubérculos e raízes limpo, livres de terra e restos vegetais	1. Imersão em água a temperatura ambiente com hipoclorito de sódio (1ml/1l de água por 20 minutos ou imersão em água a temperatura ambiente sem lixívia por 25 minutos; 2. Inspeção Observação: Produtos provenientes de áreas livres de mil-pés – somente inspeção
Categoria 2 Banana (<i>Musa</i> sp.) verdes; papaia (<i>Carica papaya</i> L.) com 15% da superfície da casca amarelecida, rodeada de verde; manga (<i>Mangifera indica</i> L.); fruta-pão (<i>Artocarpus altilis</i>) e citrinos (<i>Citrus</i>).	1. Impedir o contacto de frutos com o solo durante e após a colheita	1. Imersão em água a temperatura ambiente com hipoclorito de sódio (1ml/1l de água por 20 minutos ou imersão em água a temperatura ambiente sem lixívia por 25 minutos; 2. Inspeção Observação: Frutos provenientes de áreas livres de mil-pés – somente inspeção
Categoria 3 Tomate (<i>Solanum lycopersicum</i> L.)	1. Usar tutores 2. Usar armadilhas durante o ciclo vegetativo	I. Frutos sem pedúnculo (recomendado): 1. Inspeção II. Frutos com pedúnculo: 1. Imersão em água a temperatura ambiente com hipoclorito de sódio (1ml/1l de água por 20 minutos ou imersão em água a temperatura ambiente sem lixívia por 25 minutos; 2. Inspeção
Categoria 4 Pepino (<i>Cucumis sativus</i> L.); abóbora (<i>Cucurbita</i> L.); melancia (<i>Citrullus lanatus</i>); e melão (<i>Cucumis melo</i>)	1. Impedir o contacto de frutos com o solo, por exemplo, usar armadilhas 2. Usar armadilhas durante o ciclo vegetativo	1. Imersão em água a temperatura ambiente com hipoclorito de sódio (1ml/1l de água por 20 minutos ou imersão em água a temperatura ambiente sem lixívia por 25 minutos; 2. Inspeção
Categoria 5 Cebola (<i>Allium cepa</i> L.) e alho (<i>Allium sativum</i> L.)	1. Enviar ao Centro bolbos com folhas escamiformes intactas/ilesas 2. Eliminar raízes 3. Enviar para o Centro imediatamente após o corte de folhas ou cortar as folhas no Centro 4. Usar armadilhas durante o ciclo vegetativo	1. Inspeção

Fonte: Folheto informativo nº 3. INIDA Santo Antão. Delegação do MADRRM – Santo Antão

Anexo 5 - Dados de Inquéritos aos Produtores de Hortícolas

Quadro A 5.1 - Características Socio-Demográficas do Agregado Familiar

Inq. Nº	Agregado			0 - 14		15 -19		20 - 59		60		EH	Estado Cível (CA)				
	TOTAL	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M		Casado	Solteiro	Divorciado	União de Facto	Viúvo(a)
1	6	3	3	0	1	1	0	2	2	0	0	5,4	0	0	0	1	0
2	3	1	2	0	0	0	0	0	1	1	1	2,5	0	0	0	1	0
3	3	2	1	0	0	0	0	2	1	0	0	2,9	0	0	0	1	0
4	4	3	1	0	0	0	0	2	1	1	0	3,8	0	0	0	1	0
5	2	0	2	0	0	0	0	0	1	0	1	1,6	0	0	0	0	1
6	7	5	2	0	0	0	0	4	1	1	1	6,5	0	0	0	1	0
7	6	4	2	3	0	0	0	1	1	0	1	4,1	0	0	0	0	1
8	6	2	4	1	2	0	0	2	0	0	1	4,6	0	0	0	1	0
9	7	3	4	2	2	0	0	1	1	0	1	5,0	0	0	0	0	1
10	5	4	1	1	0	1	0	1	0	1	1	4,2	1	0	0	0	0
11	6	3	3	0	1	1	0	2	2	0	0	5,4	0	0	0	1	0
12	3	2	1	1	0	0	0	1	1	0	0	2,6	0	0	0	1	0
13	10	4	6	1	2	1	2	1	1	1	1	8,3	0	0	0	1	0
14	5	3	2	0	0	0	1	3	1	0	0	4,8	1	0	0	0	0
15	4	1	3	0	2	0	0	1	1	0	0	2,9	0	0	0	1	0
16	6	4	2	2	1	0	0	2	1	0	0	4,4	0	0	0	1	0
17	6	1	5	0	1	1	3	0	1	0	0	5,0	1	0	0	0	0
18	7	3	4	1	2	0	0	1	1	1	1	5,4	1	0	0	0	0
19	2	2	0	0	0	0	0	1	1	0	0	1,9	1	0	0	0	0
20	2	1	1	0	0	0	0	1	0	0	1	1,7	0	0	0	0	1
21	6	3	3	2	1	0	1	1	1	0	0	4,7	0	0	0	1	0
22	2	1	1	0	0	0	0	0	1	1	0	1,8	0	0	0	1	0
23	5	2	3	1	0	0	2	1	1	0	0	4,4	0	0	0	1	0
24	7	3	4	0	1	1	1	1	2	0	0	5,3	0	0	0	1	0
25	7	5	2	4	1	0	0	1	1	0	0	4,8	0	0	0	1	0
26	1	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0,9	0	1	0	0	0
27	6	3	3	2	1	0	1	1	1	0	0	4,5	0	0	0	1	0
28	8	5	3	4	1	0	1	1	1	0	0	5,5	1	0	0	0	0
29	1	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1,0	0	1	0	0	0
30	5	3	2	1	0	0	0	2	1	0	1	4,1	0	0	0	1	0
31	4	2	2	0	0	0	1	2	1	0	0	3,8	0	0	0	1	0
32	7	4	3	3	1	1	0	1	1	0	0	5,0	0	0	0	1	0
33	6	3	3	1	1	1	1	1	1	0	0	4,9	0	0	0	1	0
34	4	3	1	0	0	0		3	1	0	0	3,9	0	0	0	1	0
35	4	1	3	0	1	0	0	1	1	0	1	3,1	0	0	0	0	1

Quadro A 5.2 - Escolaridade do Chefe do Agregado e do Primeiro Complementar

Inq. Nº	Chefe do agregado								Primeiro complementar								
	Sexo		Idade		Escolaridade				Sexo			Idade		Escolaridade			
	H	M	20 a 59	60	Sabe Ler	Primária	Secundário	Superior	H	M	15 a 19	20 a 59	60	Sabe Ler	Primária	Secundário	Superior
1	1	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0
2	1	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0
3	1	0	1	0	1	1	0	0	0	1	0	1	0	1	1	0	0
4	1	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0
5	0	1	0	1	0	0	0	0	0	1	0	1	0	1	0	1	0
6	1	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0
7	0	1	0	1	0	0	0	0	1	0	0	1	0	1	0	0	0
8	1	0	1	0	1	1	0	0	1	0	0	1	0	1	1	0	0
9	0	1	0	1	0	0	0	0	1	0	0	1	0	1	1	0	0
10	1	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0
11	1	0	1	0	1	1	0	0	0	1	0	1	0	1	1	0	0
12	1	0	1	0	1	0	1	0	0	1	0	1	0	1	0	1	0
13	1	0	1	0	1	1	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0
14	1	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	1	1	0	0
15	0	1	1	0	1	1	0	0	1	0	0	1	0	1	1	0	0
16	1	0	1	0	1	0	0	0	1	0	0	1	0	1	0	0	0
17	0	1	1	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
18	1	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	1	0	1	1	0	0
19	1	0	1	0	1	1	0	0	1	0	0	1	0	1	1	0	0
20	1	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0
21	1	0	1	0	1	1	0	0	0	1	0	1	0	1	1	0	0
22	1	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0
23	1	0	1	0	1	1	0	0	0	1	0	1	0	1	1	0	0
24	1	0	1	0	1	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0
25	1	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	1	1	0	0
26	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
27	1	0	1	0	1	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0
28	1	0	1	0	1	1	0	0	0	1	0	1	0	1	1	0	0
29	1	0	1	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
30	1	0	1	0	1	1	0	0	1	0	0	1	0	1	1	0	0
31	1	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0
32	1	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0
33	1	0	1	0	1	1	0	0	0	1	0	1	0	1	1	0	0
34	1	0	1	0	1	1	0	0	1	0	0	1	0	1	1	0	0
35	0	1	0	1	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0
Total	29	6	24	11	18	14	1	0	14	18	0	28	4	19	15	2	0

Quadro A 5.3 - Rendimento do Agregado Familiar (ECV)

Inq. Nº	Horticultura	Culturas de Sequeiro	Pecuária	Salário		Pensão		Remessas	Negócios	Rendimento		
				Mensal	Anual	Mensal	Anual			Anual	per capita/ano	per capita/mês
1	32000	0	70000	16000	192000	0	0	0	0	294000	54444,44	4537,04
2	36000	0	0	18000	216000	9800	117600	0	0	369600	147840,00	12320,00
3	100000	0	0	22100	265200	0	0	0	0	365200	125931,03	10494,25
4	1000	0	0	12000	144000	9800	117600	0	0	262600	69105,26	5758,77
5	28400	0	0	43000	516000	4900	58800	0	0	603200	377000,00	31416,67
6	67500	0	0	21000	252000	9800	117600	0	0	437100	67246,15	5603,85
7	35600	0	0	40000	480000	0	0	120000	0	635600	155024,39	12918,70
8	13400	0	0	7000	84000	4900	58800	0	0	156200	33956,52	2829,71
9	137250	0	0	10000	120000	4900	58800	0	0	316050	63210,00	5267,50
10	10000	0	0	0	0	9800	117600	24000	0	151600	36095,24	3007,94
11	343000	0	0	35000	420000	0	0	0	0	763000	141296,30	11774,69
12	49200	0	0	24000	288000	0	0	0	0	337200	129692,31	10807,69
13	24000	15000	0	20000	240000	9800	117600	0	0	396600	47783,13	3981,93
14	17000	0	0	36000	432000	0	0	0	0	449000	93541,67	7795,14
15	140000	0	0	10000	120000	0	0	4000	0	264000	91034,48	7586,21
16	11000	0	0	14000	168000		0	100000	0	279000	63409,09	5284,09
17	56340	0	0	15000	180000	0	0	132000	0	368340	73668,00	6389,00
18	31000	0	0	12000	144000	9800	117600	30000	0	322600	59740,74	4978,40
19	36700	10000	0	19000	228000	0	0	0	0	274700	144578,95	12048,25
20	175700	0	0	20000	240000	0	0	0	0	415700	244529,41	20377,45
21	0	0	0	12000	144000	4900	58800	0	0	202800	43148,94	3595,74
22	64600	3500	0	10000	120000	0	0	0	60000	248100	137833,33	11486,11
23	62400	0	0	30000	360000	0	0	30000	0	452400	102818,18	8568,18
24	14000	10000	2000	14000	168000	4900	58800	0	0	252800	47698,11	3974,84
25	12500	0	0	34000	408000	0	0	0	0	420500	87604,17	7300,35
26	12000	0	0	3000	36000	4900	58800	0	0	106800	118666,67	9888,89
27	9600	0	0	12000	144000	0	0	60000	0	213600	47466,67	3955,56
28	4000	0	0	18000	216000	0	0	24000	60000	304000	55272,73	4606,06
29	7400	0	0	6000	72000	0	0	0	0	79400	79400,00	6616,67
30	80000	0	0	26400	316800	4900	58800	0	0	455600	111121,95	9260,16
31	8000	0	0	15000	180000	4900	58800	0	0	246800	64947,37	5412,28
32	135000	0	0	16000	192000	0	0	0	0	327000	65400,00	5450,00
33	32000	0	0	22000	264000	0	0	0	0	296000	60408,16	5034,01
34	187740	137640	95000	6000	72000	0	0	0	0	492380	126251,28	10520,94
35	53800	0	0	12000	144000	4900	58800	0	0	256600	82774,19	6897,85

Quadro A 5.4 - Matriz de Consumo Alimentar dos Agregados Produtores de Hortícolas

Inq. N°	Milho						Arroz						Feijões						Pão						
	g/EH/d	Caloria	Proteína	Gordura	Kg	Freq.	g/EH/d	Caloria	Proteína	Gordura	Kg	Freq.	g/EH/d	Caloria	Proteína	Gordura	Kg	Freq.	g/EH/d	Caloria	Proteína	Gordura	Un	Kg	Freq.
1	105,82	376,72	10,05	4,55	4,00	4	132,28	472,22	9,92	2,38	5,00	5	185,19	631,48	40,93	3,15	7,0	5	39,68	98,81	3,25	0,48	15	1,5	4
2	114,29	406,86	10,86	4,91	2,00	4	114,29	408,00	8,57	2,06	2,00	5	200,00	682,00	44,20	3,40	3,5	5	160,00	398,40	13,12	1,92	28	2,8	5
3	295,57	1052,22	28,08	12,71	6,00	5	147,78	527,59	11,08	2,66	3,00	5	295,57	1007,88	65,32	5,02	6,0	5	24,63	61,33	2,02	0,30	5	0,5	2
4	75,19	267,67	7,14	3,23	2,00	4	131,58	469,74	9,87	2,37	3,50	5	131,58	448,68	29,08	2,24	3,5	4	45,11	112,33	3,70	0,54	12	1,2	4
5	22,32	79,46	2,12	0,96	0,25	2	22,32	79,69	1,67	0,40	0,25	2	446,43	1522,32	98,66	7,59	5,0	5	125,00	311,25	10,25	1,50	14	1,4	5
6	263,74	938,90	25,05	11,34	12,00	4	153,85	549,23	11,54	2,77	7,00	5	219,78	749,45	48,57	3,74	10,0	4	21,98	54,73	1,80	0,26	10	1,0	3
7	69,69	248,08	6,62	3,00	2,00	2	121,95	435,37	9,15	2,20	3,50	5	209,06	712,89	46,20	3,55	6,0	4	104,53	260,28	8,57	1,25	30	3,0	5
8	155,28	552,80	14,75	6,68	5,00	5	62,11	221,74	4,66	1,12	2,00	5	62,11	211,80	13,73	1,06	2,0	5	46,58	115,99	3,82	0,56	15	1,5	4
9	214,29	762,86	20,36	9,21	7,50	5	200,00	714,00	15,00	3,60	7,00	5	200,00	682,00	44,20	3,40	7,0	5	14,29	35,57	1,17	0,17	5	0,5	2
10	102,04	363,27	9,69	4,39	3,00	4	136,05	485,71	10,20	2,45	4,00	5	102,04	347,96	22,55	1,73	3,0	4	142,86	355,71	11,71	1,71	42	4,2	5
11	105,82	376,72	10,05	4,55	4,00	3	158,73	566,67	11,90	2,86	6,00	5	52,91	180,42	11,69	0,90	2,0	4	26,46	65,87	2,17	0,32	10	1,0	4
12	82,42	293,41	7,83	3,54	1,50	4	164,84	588,46	12,36	2,97	3,00	5	329,67	1124,18	72,86	5,60	6,0	5	197,80	492,53	16,22	2,37	36	3,6	5
13	344,23	1225,47	32,70	14,80	20,00	5	103,27	368,67	7,75	1,86	6,00	5	172,12	586,92	38,04	2,93	10,0	5	86,06	214,29	7,06	1,03	50	5,0	4
14	148,81	529,76	14,14	6,40	5,00	5	104,17	371,88	7,81	1,88	3,50	5	208,33	710,42	46,04	3,54	7,0	5	59,52	148,21	4,88	0,71	20	2,0	3
15	73,89	263,05	7,02	3,18	1,50	2	98,52	351,72	7,39	1,77	2,00	5	147,78	503,94	32,66	2,51	3,0	5	172,41	429,31	14,14	2,07	35	3,5	5
16	129,87	462,34	12,34	5,58	4,00	5	113,64	405,68	8,52	2,05	3,50	5	64,94	221,43	14,35	1,10	2,0	5	64,94	161,69	5,32	0,78	20	2,0	4
17	171,43	610,29	16,29	7,37	6,00	4	100,00	357,00	7,50	1,80	3,50	5	57,14	194,86	12,63	0,97	2,0	4	100,00	249,00	8,20	1,20	35	3,5	5
18	238,10	847,62	22,62	10,24	9,00	5	79,37	283,33	5,95	1,43	3,00	4	105,82	360,85	23,39	1,80	4,0	5	185,19	461,11	15,19	2,22	70	7,0	5
19	150,38	535,34	14,29	6,47	2,00	2	225,56	805,26	16,92	4,06	3,00	5	225,56	769,17	49,85	3,83	3,0	5	75,19	187,22	6,17	0,90	10	1,0	4
20	126,05	448,74	11,97	5,42	1,50	3	84,03	300,00	6,30	1,51	1,00	4	504,20	1719,33	111,43	8,57	6,0	5	16,81	41,85	1,38	0,20	2	0,2	3
21	136,78	486,93	12,99	5,88	4,50	4	106,38	379,79	7,98	1,91	3,50	5	151,98	518,24	33,59	2,58	5,0	4	106,38	264,89	8,72	1,28	35	3,5	5
22	238,10	847,62	22,62	10,24	3,00	5	238,10	850,00	17,86	4,29	3,00	5	238,10	811,90	52,62	4,05	3,0	5	111,11	276,67	9,11	1,33	14	1,4	5
23	259,74	924,68	24,68	11,17	8,00	4	162,34	579,55	12,18	2,92	5,00	4	129,87	442,86	28,70	2,21	4,0	4	97,40	242,53	7,99	1,17	30	3,0	5
24	161,73	575,74	15,36	6,95	6,00	4	80,86	288,68	6,06	1,46	3,00	4	242,59	827,22	53,61	4,12	9,0	4	56,60	140,94	4,64	0,68	21	2,1	4
25	223,21	794,64	21,21	9,60	7,50	4	89,29	318,75	6,70	1,61	3,00	4	148,81	507,44	32,89	2,53	5,0	4	104,17	259,38	8,54	1,25	35	3,5	5
26	317,46	1130,16	30,16	13,65	2,00	4	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1	158,73	541,27	35,08	2,70	1,0	4	79,37	197,62	6,51	0,95	5	0,5	4
27	285,71	1017,14	27,14	12,29	9,00	5	63,49	226,67	4,76	1,14	2,00	4	126,98	433,02	28,06	2,16	4,0	5	19,05	47,43	1,56	0,23	6	0,6	2
28	363,64	1294,55	34,55	15,64	14,00	5	90,91	324,55	6,82	1,64	3,50	5	207,79	708,57	45,92	3,53	8,0	5	90,91	226,36	7,45	1,09	35	3,5	5
29	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1	142,86	510,00	10,71	2,57	1,00	4	142,86	487,14	31,57	2,43	1,0	4	71,43	177,86	5,86	0,86	5	0,5	4
30	104,53	372,13	9,93	4,49	3,00	3	121,95	435,37	9,15	2,20	3,50	5	69,69	237,63	15,40	1,18	2,0	4	121,95	303,66	10,00	1,46	35	3,5	4
31	187,97	669,17	17,86	8,08	5,00	4	131,58	469,74	9,87	2,37	3,50	5	263,16	897,37	58,16	4,47	7,0	5	37,59	93,61	3,08	0,45	10	1,0	3
32	114,29	406,86	10,86	4,91	4,00	3	142,86	510,00	10,71	2,57	5,00	5	142,86	487,14	31,57	2,43	5,0	4	42,86	106,71	3,51	0,51	15	1,5	4
33	131,20	467,06	12,46	5,64	4,50	4	102,04	364,29	7,65	1,84	3,50	5	58,31	198,83	12,89	0,99	2,0	4	43,73	108,89	3,59	0,52	15	1,5	4
34	219,78	782,42	20,88	9,45	6,00	4	109,89	392,31	8,24	1,98	3,00	5	219,78	749,45	48,57	3,74	6,0	5	54,95	136,81	4,51	0,66	15	1,5	5
35	184,33	656,22	17,51	7,93	4,00	3	46,08	164,52	3,46	0,83	1,00	3	92,17	314,29	20,37	1,57	2,0	4	69,12	172,12	5,67	0,83	15	1,5	4

Legenda: Frequência de Consumo: 1 - Nunca; 2 - 1 dia; 3 - 2 dias; 4 - 3-5 dias; 5 - Todos os dias

Quadro A 5.5 - Matriz de Consumo Alimentar dos Agregados Produtores de Hortícolas (continuação)

Inq. Nº	Raízes e Tubérculos						Hortícolas						Óleo						Azeite					
	g/EH/d	Caloria	Proteína	Gordura	Kg	Freq.	g/EH/d	Caloria	Proteína	Gordura	Kg	Freq.	ml/EH/d	Caloria	Proteína	Gordura	L	Freq.	ml/EH/d	Caloria	Proteína	Gordura	L	Freq.
1	79,37	86,51	0,71	0,16	3,0	3	52,91	11,64	0,74	0,11	2,0	4	13,23	116,93	0,00	13,23	0,50	5	6,61	58,47	0,00	6,61	0,25	2
2	228,57	249,14	2,06	0,46	4,0	4	57,14	12,57	0,80	0,11	1,0	4	14,29	126,29	0,00	14,29	0,25	5	14,29	126,29	0,00	14,29	0,25	3
3	49,26	53,69	0,44	0,10	1,0	3	98,52	21,67	1,38	0,20	2,0	4	49,26	435,47	0,00	49,26	1,00	5	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1
4	112,78	122,93	1,02	0,23	3,0	3	37,59	8,27	0,53	0,08	1,0	4	18,80	166,17	0,00	18,80	0,50	5	9,40	83,08	0,00	9,40	0,25	2
5	446,43	486,61	4,02	0,89	5,0	5	357,14	78,57	5,00	0,71	4,0	5	35,71	315,71	0,00	35,71	0,40	4	44,64	394,64	0,00	44,64	0,50	5
6	131,87	143,74	1,19	0,26	6,0	2	43,96	9,67	0,62	0,09	2,0	4	21,98	194,29	0,00	21,98	1,00	5	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1
7	104,53	113,94	0,94	0,21	3,0	4	69,69	15,33	0,98	0,14	2,0	4	8,71	77,00	0,00	8,71	0,25	4	17,42	154,01	0,00	17,42	0,50	5
8	93,17	101,55	0,84	0,19	3,0	5	93,17	20,50	1,30	0,19	3,0	5	7,76	68,63	0,00	7,76	0,25	5	3,88	34,32	0,00	3,88	0,13	5
9	85,71	93,43	0,77	0,17	3,0	3	28,57	6,29	0,40	0,06	1,0	5	28,57	252,57	0,00	28,57	1,00	5	7,14	63,14	0,00	7,14	0,25	3
10	34,01	37,07	0,31	0,07	1,0	3	102,04	22,45	1,43	0,20	3,0	4	17,01	150,34	0,00	17,01	0,50	5	8,50	75,17	0,00	8,50	0,25	4
11	158,73	173,02	1,43	0,32	6,0	4	105,82	23,28	1,48	0,21	4,0	5	26,46	233,86	0,00	26,46	1,00	5	6,61	58,47	0,00	6,61	0,25	5
12	137,36	149,73	1,24	0,27	2,5	3	27,47	6,04	0,38	0,05	0,5	3	13,74	121,43	0,00	13,74	0,25	4	6,87	60,71	0,00	6,87	0,13	5
13	172,12	187,61	1,55	0,34	10,0	5	172,12	37,87	2,41	0,34	10,0	5	34,42	304,30	0,00	34,42	2,00	4	4,30	38,04	0,00	4,30	0,25	5
14	148,81	162,20	1,34	0,30	5,0	3	89,29	19,64	1,25	0,18	3,0	5	14,88	131,55	0,00	14,88	0,50	5	5,95	52,62	0,00	5,95	0,20	2
15	49,26	53,69	0,44	0,10	1,0	4	49,26	10,84	0,69	0,10	1,0	5	24,63	217,73	0,00	24,63	0,50	5	6,16	54,43	0,00	6,16	0,13	3
16	64,94	70,78	0,58	0,13	2,0	5	32,47	7,14	0,45	0,06	1,0	5	16,23	143,51	0,00	16,23	0,50	5	4,06	35,88	0,00	4,06	0,13	4
17	85,71	93,43	0,77	0,17	3,0	4	28,57	6,29	0,40	0,06	1,0	3	28,57	252,57	0,00	28,57	1,00	5	3,57	31,57	0,00	3,57	0,13	2
18	26,46	28,84	0,24	0,05	1,0	2	26,46	5,82	0,37	0,05	1,0	5	39,68	350,79	0,00	39,68	1,50	5	3,31	29,23	0,00	3,31	0,13	2
19	150,38	163,91	1,35	0,30	2,0	4	225,56	49,62	3,16	0,45	3,0	5	37,59	332,33	0,00	37,59	0,50	5	7,52	66,47	0,00	7,52	0,10	2
20	504,20	549,58	4,54	1,01	6,0	5	126,05	27,73	1,76	0,25	1,5	4	42,02	371,43	0,00	42,02	0,50	5	8,40	74,29	0,00	8,40	0,10	5
21	75,99	82,83	0,68	0,15	2,5	3	30,40	6,69	0,43	0,06	1,0	4	15,20	134,35	0,00	15,20	0,50	5	3,80	33,59	0,00	3,80	0,13	2
22	476,19	519,05	4,29	0,95	6,0	4	79,37	17,46	1,11	0,16	1,0	5	79,37	701,59	0,00	79,37	1,00	5	19,84	175,40	0,00	19,84	0,25	3
23	97,40	106,17	0,88	0,19	3,0	2	32,47	7,14	0,45	0,06	1,0	4	16,23	143,51	0,00	16,23	0,50	5	8,12	71,75	0,00	8,12	0,25	3
24	80,86	88,14	0,73	0,16	3,0	4	53,91	11,86	0,75	0,11	2,0	4	26,95	238,27	0,00	26,95	1,00	5	6,74	59,57	0,00	6,74	0,25	5
25	59,52	64,88	0,54	0,12	2,0	3	29,76	6,55	0,42	0,06	1,0	4	29,76	263,10	0,00	29,76	1,00	5	7,44	65,77	0,00	7,44	0,25	2
26	79,37	86,51	0,71	0,16	0,5	3	31,75	6,98	0,44	0,06	0,2	2	39,68	350,79	0,00	39,68	0,25	3	15,87	140,32	0,00	15,87	0,10	2
27	63,49	69,21	0,57	0,13	2,0	2	31,75	6,98	0,44	0,06	1,0	5	15,87	140,32	0,00	15,87	0,50	5	3,17	28,06	0,00	3,17	0,10	2
28	25,97	28,31	0,23	0,05	1,0	3	25,97	5,71	0,36	0,05	1,0	5	25,97	229,61	0,00	25,97	1,00	5	3,25	28,70	0,00	3,25	0,13	5
29	142,86	155,71	1,29	0,29	1,0	4	28,57	6,29	0,40	0,06	0,2	3	71,43	631,43	0,00	71,43	0,50	4	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1
30	209,06	227,87	1,88	0,42	6,0	3	34,84	7,67	0,49	0,07	1,0	3	34,84	308,01	0,00	34,84	1,00	5	8,71	77,00	0,00	8,71	0,25	4
31	75,19	81,95	0,68	0,15	2,0	3	37,59	8,27	0,53	0,08	1,0	4	37,59	332,33	0,00	37,59	1,00	5	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1
32	57,14	62,29	0,51	0,11	2,0	3	85,71	18,86	1,20	0,17	3,0	5	28,57	252,57	0,00	28,57	1,00	5	7,14	63,14	0,00	7,14	0,25	4
33	87,46	95,34	0,79	0,17	3,0	4	72,89	16,03	1,02	0,15	2,5	4	29,15	257,73	0,00	29,15	1,00	5	7,29	64,43	0,00	7,29	0,25	4
34	109,89	119,78	0,99	0,22	3,0	4	91,58	20,15	1,28	0,18	2,5	5	36,63	323,81	0,00	36,63	1,00	5	7,33	64,76	0,00	7,33	0,20	5
35	92,17	100,46	0,83	0,18	2,0	3	46,08	10,14	0,65	0,09	1,0	4	46,08	407,37	0,00	46,08	1,00	5	4,61	40,74	0,00	4,61	0,10	2

Legenda: Frequência de Consumo: 1 - Nunca; 2 - 1 dia; 3 - 2 dias; 4 - 3-5 dias; 5 - Todos os dias

Quadro A 5.6 - Matriz de Consumo Alimentar dos Agregados Produtores de Hortícolas (continuação)

Inq. Nº	Açúcar						Leite em pó						Leite fresco						Carnes e Derivados					
	g/EH/d	Caloria	Proteína	Gordura	Kg	Freq.	g/EH/d	Caloria	Proteína	Gordura	Kg	Freq.	ml/EH/d	Caloria	Proteína	Gordura	L	Freq.	g/EH/d	Caloria	Proteína	Gordura	Kg	Freq.
1	39,68	153,57	0,00	0,00	1,50	5	6,61	32,80	1,74	1,77	0,25	2	92,59	63,89	3,33	37,96	3,50	5	52,91	64,55	6,51	4,07	2,0	3
2	28,57	110,57	0,00	0,00	0,50	5	57,14	283,43	15,03	15,26	1,00	5	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1	57,14	69,71	7,03	4,40	1,0	5
3	49,26	190,64	0,00	0,00	1,00	5	24,63	122,17	6,48	6,58	0,50	5	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1	24,63	30,05	3,03	1,90	0,5	2
4	37,59	145,49	0,00	0,00	1,00	5	28,20	139,85	7,42	7,53	0,75	5	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1	18,80	22,93	2,31	1,45	0,5	2
5	22,32	86,38	0,00	0,00	0,25	5	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1	625,00	431,25	22,50	256,25	7,00	5	133,93	163,39	16,47	10,31	1,5	3
6	21,98	85,05	0,00	0,00	1,00	5	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1	87,91	60,66	3,16	36,04	4,00	5	43,96	53,63	5,41	3,38	2,0	2
7	8,71	33,71	0,00	0,00	0,25	5	17,42	86,41	4,58	4,65	0,50	5	104,53	72,13	3,76	42,86	3,00	5	34,84	42,51	4,29	2,68	1,0	3
8	15,53	60,09	0,00	0,00	0,50	5	7,76	38,51	2,04	2,07	0,25	5	62,11	42,86	2,24	25,47	2,00	4	31,06	37,89	3,82	2,39	1,0	2
9	57,14	221,14	0,00	0,00	2,00	5	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1	100,00	69,00	3,60	41,00	3,50	5	28,57	34,86	3,51	2,20	1,0	2
10	34,01	131,63	0,00	0,00	1,00	5	17,01	84,35	4,47	4,54	0,50	4	8,50	5,87	0,31	3,49	0,25	5	34,01	41,50	4,18	2,62	1,0	3
11	26,46	102,38	0,00	0,00	1,00	5	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1	79,37	54,76	2,86	32,54	3,00	5	39,68	48,41	4,88	3,06	1,5	4
12	27,47	106,32	0,00	0,00	0,50	5	13,74	68,13	3,61	3,67	0,25	5	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1	54,95	67,03	6,76	4,23	1,0	2
13	51,64	199,83	0,00	0,00	3,00	5	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1	240,96	166,27	8,67	98,80	14,00	5	51,64	62,99	6,35	3,98	3,0	3
14	29,76	115,18	0,00	0,00	1,00	5	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1	104,17	71,88	3,75	42,71	3,50	5	29,76	36,31	3,66	2,29	1,0	2
15	24,63	95,32	0,00	0,00	0,50	5	49,26	244,33	12,96	13,15	1,00	5	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1	98,52	120,20	12,12	7,59	2,0	4
16	32,47	125,65	0,00	0,00	1,00	5	32,47	161,04	8,54	8,67	1,00	5	227,27	156,82	8,18	93,18	7,00	5	64,94	79,22	7,99	5,00	2,0	3
17	28,57	110,57	0,00	0,00	1,00	5	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1	200,00	138,00	7,20	82,00	7,00	5	28,57	34,86	3,51	2,20	1,0	2
18	52,91	204,76	0,00	0,00	2,00	5	26,46	131,22	6,96	7,06	1,00	5	26,46	18,25	0,95	10,85	1,00	2	26,46	32,28	3,25	2,04	1,0	2
19	52,63	203,68	0,00	0,00	0,70	5	37,59	186,47	9,89	10,04	0,50	5	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1	150,38	183,46	18,50	11,58	2,0	3
20	42,02	162,61	0,00	0,00	0,50	5	21,01	104,20	5,53	5,61	0,25	5	294,12	202,94	10,59	120,59	3,50	3	84,03	102,52	10,34	6,47	1,0	5
21	15,20	58,81	0,00	0,00	0,50	5	30,40	150,76	7,99	8,12	1,00	5	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1	30,40	37,08	3,74	2,34	1,0	2
22	158,73	614,29	0,00	0,00	2,00	5	39,68	196,83	10,44	10,60	0,50	5	158,73	109,52	5,71	65,08	2,00	4	39,68	48,41	4,88	3,06	0,5	2
23	64,94	251,30	0,00	0,00	2,00	5	8,12	40,26	2,13	2,17	0,25	2	32,47	22,40	1,17	13,31	1,00	2	32,47	39,61	3,99	2,50	1,0	2
24	53,91	208,63	0,00	0,00	2,00	5	13,48	66,85	3,54	3,60	0,50	5	188,68	130,19	6,79	77,36	7,00	5	80,86	98,65	9,95	6,23	3,0	4
25	59,52	230,36	0,00	0,00	2,00	5	14,88	73,81	3,91	3,97	0,50	5	7,44	5,13	0,27	3,05	0,25	5	29,76	36,31	3,66	2,29	1,0	2
26	79,37	307,14	0,00	0,00	0,50	5	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1	79,37	54,76	2,86	32,54	0,50	5	0,00	0,00	0,00	0,00	0,0	1
27	47,62	184,29	0,00	0,00	1,50	5	7,94	39,37	2,09	2,12	0,25	5	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1	15,87	19,37	1,95	1,22	0,5	2
28	12,99	50,26	0,00	0,00	0,50	5	6,49	32,21	1,71	1,73	0,25	5	181,82	125,45	6,55	74,55	7,00	5	25,97	31,69	3,19	2,00	1,0	2
29	28,57	110,57	0,00	0,00	0,20	3	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1	35,71	24,64	1,29	14,64	0,25	3	28,57	34,86	3,51	2,20	0,2	2
30	17,42	67,42	0,00	0,00	0,50	5	34,84	172,82	9,16	9,30	1,00	5	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1	69,69	85,02	8,57	5,37	2,0	4
31	37,59	145,49	0,00	0,00	1,00	5	9,40	46,62	2,47	2,51	0,25	3	9,40	6,48	0,34	3,85	0,25	5	37,59	45,86	4,62	2,89	1,0	2
32	28,57	110,57	0,00	0,00	1,00	5	28,57	141,71	7,51	7,63	1,00	5	28,57	19,71	1,03	11,71	1,00	5	57,14	69,71	7,03	4,40	2,0	3
33	29,15	112,83	0,00	0,00	1,00	5	29,15	144,61	7,67	7,78	1,00	5	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1	29,15	35,57	3,59	2,24	1,0	2
34	18,32	70,88	0,00	0,00	0,50	5	18,32	90,84	4,82	4,89	0,50	5	128,21	88,46	4,62	52,56	3,50	5	73,26	89,38	9,01	5,64	2,0	4
35	46,08	178,34	0,00	0,00	1,00	5	46,08	228,57	12,12	12,30	1,00	5	11,52	7,95	0,41	4,72	0,25	5	46,08	56,22	5,67	3,55	1,0	2

Legenda: Frequência de Consumo: 1 - Nunca; 2 - 1 dia; 3 - 2 dias; 4 - 3-5 dias; 5 - Todos os dias

Quadro A 5.7 - Matriz de Consumo Alimentar dos Agregados Produtores de Hortícolas (continuação)

Inq. Nº	Peixe						Ovos							Frutas						Total		
	g/EH/d	Caloria	Proteína	Gordura	Kg	Freq.	g/EH/d	Caloria	Proteína	Gordura	Un	Kg	Freq.	g/EH/d	Caloria	Proteína	Gordura	Kg	Freq.	Calorias	Proteínas	Gorduras
1	132,28	271,16	18,37	24,60	5,0	4	19,84	27,58	2,12	1,94	15	0,8	4	198,41	119,05	1,39	0,60	7,5	5	2585,38	99,07	101,61
2	114,29	234,29	15,87	21,26	2,0	3	0,00	0,00	0,00	0,00	0	0,0	1	57,14	34,29	0,40	0,17	1,0	3	3141,83	117,94	82,52
3	98,52	201,97	13,68	18,33	2,0	3	0,00	0,00	0,00	0,00	0	0,0	1	24,63	14,78	0,17	0,07	0,5	2	3719,46	131,69	97,12
4	37,59	77,07	5,22	6,99	1,0	2	0,00	0,00	0,00	0,00	0	0,0	1	37,59	22,56	0,26	0,11	1,0	3	2086,77	66,54	52,96
5	357,14	732,14	49,61	66,43	4,0	5	26,79	37,23	2,87	2,63	6	0,3	3	267,86	160,71	1,88	0,80	3,0	4	4879,38	215,04	428,83
6	43,96	90,11	6,11	8,18	2,0	3	38,46	53,46	4,12	3,77	35	1,8	5	87,91	52,75	0,62	0,26	4,0	3	3035,66	108,18	92,08
7	104,53	214,29	14,52	19,44	3,0	3	8,71	12,11	0,93	0,85	5	0,3	3	139,37	83,62	0,98	0,42	4,0	4	2561,67	101,51	107,39
8	93,17	190,99	12,94	17,33	3,0	4	9,32	12,95	1,00	0,91	6	0,3	4	31,06	18,63	0,22	0,09	1,0	2	1729,25	61,35	69,69
9	28,57	58,57	3,97	5,31	1,0	3	0,00	0,00	0,00	0,00	0	0,0	1	114,29	68,57	0,80	0,34	4,0	5	3062,00	93,78	101,19
10	68,03	139,46	9,45	12,65	2,0	3	5,10	7,09	0,55	0,50	3	0,2	2	68,03	40,82	0,48	0,20	2,0	2	2288,40	75,33	60,07
11	105,82	216,93	14,70	19,68	4,0	5	15,87	22,06	1,70	1,56	12	0,6	5	52,91	31,75	0,37	0,16	2,0	4	2154,60	63,24	99,21
12	54,95	112,64	7,63	10,22	1,0	3	16,48	22,91	1,76	1,62	6	0,3	3	54,95	32,97	0,38	0,16	1,0	4	3246,48	131,04	55,32
13	86,06	176,42	11,95	16,01	5,0	4	43,03	59,81	4,60	4,22	50	2,5	4	240,96	144,58	1,69	0,72	14,0	5	3773,06	122,77	183,75
14	89,29	183,04	12,40	16,61	3,0	3	8,93	12,41	0,96	0,88	6	0,3	4	59,52	35,71	0,42	0,18	2,0	3	2580,80	96,65	96,50
15	147,78	302,96	20,53	27,49	3,0	5	4,93	6,85	0,53	0,48	2	0,1	2	98,52	59,11	0,69	0,30	2,0	4	2713,50	109,16	89,52
16	64,94	133,12	9,02	12,08	2,0	4	12,99	18,05	1,39	1,27	8	0,4	3	64,94	38,96	0,45	0,19	2,0	3	2221,30	77,15	150,40
17	57,14	117,14	7,94	10,63	2,0	2	25,71	35,74	2,75	2,52	18	0,9	4	57,14	34,29	0,40	0,17	2,0	3	2265,60	67,59	141,23
18	52,91	108,47	7,35	9,84	2,0	2	15,87	22,06	1,70	1,56	12	0,6	4	26,46	15,87	0,19	0,08	1,0	4	2900,50	88,15	90,21
19	150,38	308,27	20,89	27,97	2,0	3	30,08	41,80	3,22	2,95	8	0,4	4	150,38	90,23	1,05	0,45	2,0	4	3923,23	145,27	114,11
20	84,03	172,27	11,67	15,63	1,0	3	42,02	58,40	4,50	4,12	10	0,5	4	294,12	176,47	2,06	0,88	3,5	4	4512,35	182,06	220,68
21	151,98	311,55	21,11	28,27	5,0	5	9,12	12,67	0,98	0,89	6	0,3	2	151,98	91,19	1,06	0,46	5,0	4	2569,36	99,27	70,94
22	238,10	488,10	33,07	44,29	3,0	5	15,87	22,06	1,70	1,56	4	0,2	3	158,73	95,24	1,11	0,48	2,0	4	5774,13	164,52	245,27
23	97,40	199,68	13,53	18,12	3,0	4	16,23	22,56	1,74	1,59	10	0,5	3	32,47	19,48	0,23	0,10	1,0	2	3113,47	97,66	79,86
24	80,86	165,77	11,23	15,04	3,0	4	16,17	22,48	1,73	1,58	12	0,6	4	53,91	32,35	0,38	0,16	2,0	4	2955,34	114,79	151,15
25	59,52	122,02	8,27	11,07	2,0	3	7,44	10,34	0,80	0,73	5	0,3	2	59,52	35,71	0,42	0,18	2,0	4	2794,20	87,61	73,66
26	158,73	325,40	22,05	29,52	1,0	4	23,81	33,10	2,55	2,33	3	0,2	4	79,37	47,62	0,56	0,24	0,5	2	3221,67	100,91	137,71
27	31,75	65,08	4,41	5,90	1,0	2	9,52	13,24	1,02	0,93	6	0,3	2	31,75	19,05	0,22	0,10	1,0	2	2309,21	72,24	45,33
28	51,95	106,49	7,22	9,66	2,0	3	15,58	21,66	1,67	1,53	12	0,6	3	25,97	15,58	0,18	0,08	1,0	3	3229,71	115,85	140,77
29	35,71	73,21	4,96	6,64	0,3	2	7,14	9,93	0,76	0,70	1	0,1	2	71,43	42,86	0,50	0,21	0,5	3	2264,50	60,85	102,03
30	104,53	214,29	14,52	19,44	3,0	4	10,45	14,53	1,12	1,02	6	0,3	4	34,84	20,91	0,24	0,10	1,0	4	2544,32	80,46	88,62
31	37,59	77,07	5,22	6,99	1,0	2	11,28	15,68	1,21	1,11	6	0,3	4	112,78	67,67	0,79	0,34	3,0	5	2957,31	104,82	70,89
32	85,71	175,71	11,91	15,94	3,0	4	11,43	15,89	1,22	1,12	8	0,4	4	42,86	25,71	0,30	0,13	1,5	5	2466,60	87,37	87,36
33	87,46	179,30	12,15	16,27	3,0	3	8,75	12,16	0,94	0,86	6	0,3	2	87,46	52,48	0,61	0,26	3,0	4	2109,53	63,35	73,17
34	183,15	375,46	25,44	34,07	5,0	5	14,65	20,37	1,57	1,44	8	0,4	3	183,15	109,89	1,28	0,55	5,0	5	3434,76	131,20	159,33
35	46,08	94,47	6,40	8,57	1,0	3	13,82	19,22	1,48	1,35	6	0,3	4	23,04	13,82	0,16	0,07	0,5	2	2464,45	74,72	92,69

Legenda: Frequência de Consumo: 1 - Nunca; 2 - 1 dia; 3 - 2 dias; 4 - 3-5 dias; 5 - Todos os dias

Quadro A 5.8 - Matriz das Despesas dos Agregados Familiares

Inq. Nº	Alimentação	Habitação	Saúde	Educação	Vestuário	Electricidade	Água	Transporte	Comunicações	Outros	Despesas Totais
1	4	0	1	3	1	1	1	1	1	1	3
2	4	0	2	0	1	1	1	3	1	1	3
3	4	0	1	0	1	1	1	1	1	1	3
4	4	0	2	0	1	0	1	1	1	1	3
5	3	0	1	0	1	1	1	2	2	1	3
6	4	0	1	0	1	2	1	1	3	1	3
7	3	0	2	1	1	2	1	1	1	7	6
8	3	0	1	1	1	1	1	1	1	1	2
9	4	0	2	1	1	1	1	1	1	2	3
10	3	0	1	1	1	1	1	1	1	1	2
11	5	0	1	1	1	3	1	3	3	3	4
12	3	0	1	1	1	1	1	1	2	1	3
13	6	0	1	2	1	2	1	1	1	2	5
14	3	0	1	1	1	1	1	1	1	1	2
15	3	0	1	0	1	1	1	1	1	1	2
16	3	0	1	1	1	1	1	1	1	3	3
17	4	0	1	4	1	1	1	2	1	1	3
18	4	0	1	1	1	1	1	1	1	1	3
19	3	0	1	0	1	1	1	1	1	1	2
20	3	0	1	0	1	0	1	4	3	3	4
21	3	0	1	1	1	1	1	1	1	1	2
22	3	0	1	0	1	1	1	1	1	3	2
23	4	0	1	2	1	1	1	1	1	1	3
24	4	0	1	1	1	1	1	1	1	1	2
25	5	0	1	1	1	1	1	1	1	1	3
26	3	0	1	0	1	1	1	1	0	1	1
27	4	0	1	1	1	0	1	1	1	1	2
28	4	0	1	1	1	1	1	1	1	1	2
29	2	0	1	0	1	0	1	1	1	1	1
30	4	0	1	0	1	1	1	3	1	1	2
31	4	0	1	1	1	2	1	1	1	1	2
32	4	0	1	1	1	0	1	1	1	1	2
33	4	0	1	1	1	1	1	1	1	1	2
34	4	0	1	0	1	1	1	2	1	5	4
35	3	0	1	0	1	1	1	1	1	1	2

Legenda: Despesas dos agregados: **1** - < 2,5 Mil ECV; **2** – 2,5 a 5 Mil ECV; **3** – 5 a 10 Mil ECV; **4** – 10 a 15 Mil ECV; **5** – 15 a 20 Mil ECV; **6** – 20 a 25 Mil ECV; **7** – 25 a 30 Mil ECV; **8** – > 30 Mil ECV

Despesas Totais: **1** - < 10 Mil ECV; **2** - 10 a 20 Mil ECV; **3** - 20 a 30 Mil ECV; **4** - 30 a 40 Mil ECV; **5** - 40 a 50 Mil ECV; **6** - 50 a 60 Mil ECV

Quadro A 5.9 - Matriz dos Indicadores de Qualidade de Vida

Inq. Nº	Habituação	Tipo de Habituação	Iluminação	Água	Prep. Alimentos	Frigorífico	Arca congeladora	Fogão a gás (Camping)	Micro-ondas	Telefone	Telemóvel	Rádio	Televisão	Aparelhagem	Vídeo / DVD	Computador / Portátil
1	1	2	1	1	2	0	0	1	0	1	1	1	1	1	0	1
2	1	2	1	1	2	1	0	1	1	1	1	1	1	1	1	0
3	1	2	1	1	2	0	0	1	0	1	1	0	1	0	1	0
4	1	2	3	1	2	0	0	0	0	1	1	1	0	0	0	0
5	1	2	1	1	2	1	0	1	0	1	1	1	1	0	1	0
6	1	2	1	1	2	1	0	0	0	1	1	0	1	0	0	0
7	1	2	1	1	2	0	1	1	1	1	1	1	1	0	1	0
8	1	2	2	1	2	1	0	0	0	1	1	1	1	0	0	0
9	1	2	1	1	2	1	0	1	0	1	0	1	1	0	0	0
10	1	2	1	1	1	1	0	1	0	1	1	0	1	0	0	0
11	1	2	1	1	1	1	1	1	0	1	1	1	1	0	1	0
12	3	2	1	1	2	1	0	1	0	1	1	1	1	0	1	0
13	1	2	1	1	2	1	0	1	0	1	1	1	1	0	1	0
14	1	2	1	1	2	1	0	1	0	1	1	1	1	0	0	0
15	1	2	1	1	2	1	0	1	0	1	1	1	1	0	1	0
16	1	2	1	1	2	1	0	1	0	1	1	1	1	0	0	0
17	1	2	1	1	2	0	0	1	0	1	1	1	1	0	0	0
18	1	2	1	1	2	0	0	0	0	1	1	1	1	0	0	0
19	1	2	1	1	2	1	0	1	0	0	1	1	1	0	1	0
20	1	2	1	1	2	1	0	1	0	0	1	1	1	0	0	0
21	1	2	1	1	2	1	0	1	0	1	1	1	1	0	0	0
22	1	2	1	1	2	1	0	1	0	1	0	1	1	0	1	0
23	1	2	1	1	2	0	0	1	0	1	1	1	1	0	0	0
24	1	2	1	1	2	1	0	1	0	1	1	1	1	0	0	0
25	1	2	1	1	2	1	0	1	0	1	1	1	1	0	0	0
26	1	2	1	1	1	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0
27	1	2	2	1	2	0	0	0	0	1	1	1	0	0	0	0
28	1	2	1	1	2	1	0	1	0	1	1	1	0	0	0	0
29	1	2	2	1	2	0	0	1	0	1	0	1	0	0	0	0
30	1	2	1	1	2	1	0	1	0	1	1	1	1	0	1	0
31	1	2	1	1	2	1	0	1	0	0	1	1	1	0	0	0
32	1	2	2	1	2	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0
33	1	2	1	1	2	1	0	0	0	1	1	1	1	0	1	0
34	1	2	1	1	2	1	1	1	0	1	1	1	1	0	0	0
35	1	2	1	1	2	0	0	1	0	1	1	1	1	0	0	0

Legenda: Habituação: **1** – Própria; **2** – Arrendada; **3** – Cedida/Emprestada; Tipologia das Habituações: **1** – Vivenda; **2** – Casa Individual; Fonte de Iluminação: **1** – Electricidade; **2** – Velas; **3** – Petróleo; Acesso a Água Potável: **1** – Rede Pública; **2** – Chafariz; **3** – Nascente; Preparação de Alimentos: **1** – Gás; **2** – Lenha

Anexo 6 - Dados de Inquéritos aos Produtores de Sequeiro

Quadro A 6.1 - Características Socio-Demográficas do Agregado Familiar

Inq. Nº	Agregado			0 - 14		15 -19		20 - 59		60		EH	Estado Civil (CA)				
	TOTAL	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M		Casado	Solteiro	Divorciado	União de Facto	Viúvo(a)
1	5	3	2	1	0	0	0	2	2	0	0	4,3	0	0	0	1	0
2	5	2	3	0	1	1	0	1	0	1	1	4,0	1	0	0	0	0
3	2	1	1	0	0	0	0	0	0	1	1	1,6	1	0	0	0	0
4	3	2	1	1	0	0	0	1	1	0	0	2,4	1	0	0	0	0
5	5	3	2	2	1	0	0	1	1	0	0	3,4	0	1	0	0	0
6	5	3	2	1	0	0	0	1	1	1	1	4,2	1	0	0	0	0
7	1	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1,0	0	1	0	0	0
8	7	3	4	0	2	2	0	1	1	0	1	5,1	1	0	0	0	0
9	5	4	1	1	0	2	0	1	1	0	0	4,2	1	0	0	0	0
10	8	4	4	2	2	1	1	1	1	0	0	5,7	0	0	0	1	0
11	8	3	5	1	2	1	0	0	2	1	1	6,0	1	0	0	0	0
12	8	6	2	3	1	2	0	1	1	0	0	5,7	0	0	0	1	0
13	6	2	4	1	3	0	0	1	1	0	0	3,9	0	0	0	1	0
14	9	7	2	1	0	0	1	5	0	1	1	8,2	1	0	0	0	0
15	13	3	10	2	4	0	1	0	5	1	0	8,9	0	0	0	1	0
16	5	2	3	0	1	1	0	1	2	0	0	4,4	0	0	0	1	0
17	5	2	3	2	1	0	0	1	1	0	0	3,4	0	0	0	1	0
18	6	4	2	0	0	0	0	4	2	0	0	5,8	0	0	0	1	0
19	7	5	2	3	1	0	0	3	0	0	0	5,0	0	0	0	1	0
20	5	1	4	0	2	0	0	0	1	1	1	3,7	1	0	0	0	0
21	2	1	1	0	0	0	0	1	0	0	1	1,7	0	0	0	0	1
22	4	2	2	0	0	1	0	1	1	0	1	3,5	0	0	0	0	1
23	8	3	5	2	0	0	2	1	2	0	1	6,5	0	0	0	0	1
24	2	1	1	0	0	0	0	0	0	1	1	1,6	1	0	0	0	0
25	4	2	2	1	0	0	0	1	1	0	1	2,9	0	0	0	0	1
26	4	2	2	0	1	0	0	1	0	1	1	3,3	1	0	0	0	0
27	11	3	8	1	5	0	1	2	1	0	1	7,7	0	0	0	0	1
28	7	1	6	0	3	0	1	1	1	0	1	5,0	0	1	0	0	0
29	8	5	3	1	1	3	1	1	1	0	0	6,7	0	0	0	1	0
30	5	4	1	0	0	1	0	2	0	1	1	4,5	1	0	0	0	0
31	5	1	4	0	2	0	1	0	1	1	0	3,9	0	0	0	0	1
32	2	1	1	0	0	0	0	1	1	0	0	1,9	0	0	0	1	0
33	5	4	1	2	0	0	0	2	0	0	1	4,1	0	0	0	0	1
34	3	2	1	0	0	0	0	2	0	0	1	2,7	0	0	0	0	1
35	3	1	2	0	0	0	0	1	1	0	1	2,6	0	1	0	0	0

Quadro A 6.2 - Escolaridade do Chefe do Agregado e do Primeiro Complementar

Inq. Nº	Chefe do Agregado								Primeiro Complementar								
	Sexo		Idade		Escolaridade				Sexo		Idade			Escolaridade			
	H	M	20 a 59	60	Sabe Ler	Primária	Secundário	Superior	H	M	15 a 19	20 a 59	60	Sabe Ler	Primária	Secundário	Superior
1	1	0	1	0	1	1	0	0	1	0	0	1	0	1	1	0	0
2	1	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	1	0	1	1	0	0
3	1	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0
4	1	0	1	0	1	1	0	0	0	1	0	1	0	1	1	0	0
5	1	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
6	1	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0
7	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
8	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	1	0	0
9	1	0	1	0	1	0	0	0	1	0	1	0	0	1	1	0	0
10	1	0	1	0	1	1	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0
11	1	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	1	0	1	0	0	0
12	1	0	1	0	1	1	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0
13	1	0	1	0	1	1	0	0	0	1	0	1	0	1	1	0	0
14	1	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0
15	1	0	0	1	1	1	0	0	0	1	0	1	0	1	0	0	1
16	1	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0
17	1	0	1	0	1	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0
18	1	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	1	1	0	0
19	1	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	1	1	0	0
20	1	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0
21	0	1	0	1	1	1	0	0	1	0	0	1	0	1	1	0	0
22	0	1	0	1	0	0	0	0	1	0	0	1	0	1	1	0	0
23	0	1	0	1	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0
24	1	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0
25	0	1	0	1	0	0	0	0	1	0	0	1	0	1	1	0	0
26	1	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	1	0	1	1	0	0
27	0	1	0	1	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0
28	0	1	0	1	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0
29	1	0	1	0	1	1	0	0	0	1	0	1	0	1	1	0	0
30	1	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	1	0	1	1	0	0
31	1	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0
32	1	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0
33	0	1	0	1	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0
34	0	1	0	1	0	0	0	0	1	0	0	1	0	1	1	0	0
35	0	1	0	1	0	0	0	0	1	0	0	1	0	1	0	0	0
Total	26	9	14	21	11	8	0	0	18	14	2	28	3	18	15	0	1

Quadro A 6.3 - Rendimento do Agregado Familiar (ECV)

Inq. Nº	Culturas de Sequeiro	Pecuária	Salário		Pensão		Remessas	Negócios	Rendimento		
			Mensal	Anual	Mensal	Anual			Anual	per capita / ano	per capita / mês
1	0	60000	30800	369600	0	0	0	0	429600	99906,98	8325,58
2	0		17000	204000	9800	117600	0	0	321600	80400,00	6700,00
3	6000	8000	0	0	9800	117600	0	36000	167600	104750,00	8729,17
4	6000	0	13000	156000	0	0	0	0	162000	67500,00	5625,00
5	4800	0	16000	192000	0	0	0	0	196800	57882,35	4823,53
6	0	0	14000	168000	4900	58800	0	0	226800	54000,00	4500,00
7	0	0	18000	216000	0	0	0	0	216000	216000,00	18000,00
8	0	0	25000	300000	0	0	0	0	300000	58823,53	4901,96
9	0	0	21000	252000	0	0	0	0	252000	60000,00	5000,00
10	0	0	18000	216000	0	0	0	0	216000	37894,74	3157,89
11	0	0	12000	144000	9800	117600	0	0	261600	43600,00	3633,33
12	0	0	25000	300000	0	0	0	0	300000	52631,58	4385,96
13	0	0	18000	216000	0	0	0	0	216000	55384,62	4615,38
14	0	0	36000	432000	4900	58800	0	0	490800	59853,66	4987,80
15	0	14000	92000	1104000	4900	58800	0	0	1176800	132224,72	11018,73
16	0	30000	18000	216000	0	0	0	48000	294000	66818,18	5568,18
17	0	0	12000	144000	0	0	0	0	144000	42352,94	3529,41
18	0	0	28000	336000	0	0	0	0	336000	57931,03	4827,59
19	0	900	22000	264000	0	0	0	0	264900	52980,00	4415,00
20	0	0	0	0	9800	117600	0	0	117600	31783,78	2648,65
21	0	0	0	0	4900	58800	24000	0	82800	48705,88	4058,82
22	0	0	12000	144000	4900	58800	0	0	202800	57942,86	4828,57
23	0	0	5000	60000	4900	58800	240000	0	358800	55200,00	4600,00
24	0	0	0	0	9800	117600	0	0	117600	73500,00	6125,00
25	0	0	12000	144000	4900	58800	0	0	202800	69931,03	5827,59
26	0	0	0	0	9800	117600	13200	0	130800	39636,36	3303,03
27	0	0	12000	144000	4900	58800	0	0	202800	26337,66	2194,81
28	0	0	20000	240000	4900	58800	0	0	298800	59760,00	4980,00
29	0	3000	18000	216000	0	0	0	0	219000	32686,57	2723,88
30	0	0	22000	264000	4900	58800	0	0	322800	71733,33	5977,78
31	0	0	0	0	4900	58800	120000	0	178800	45846,15	3820,51
32	0	0	12000	144000	0	0	0	0	144000	75789,47	6315,79
33	0	0	18000	216000	4900	58800	0	0	274800	67024,39	5585,37
34	0	0	12000	144000	4900	58800	0	0	202800	75111,11	6259,26
35	0	0	0	0	4900	58800	0	0	58800	22615,38	1884,62

Quadro A 6.4 - Matriz de Consumo Alimentar dos Agregados Produtores de Sequeiro

Inq. Nº	Milho						Arroz						Feijões						Pão						
	g/EH/d	Caloria	Proteína	Gordura	Kg	Freq.	g/EH/d	Caloria	Proteína	Gordura	Kg	Freq.	g/EH/d	Caloria	Proteína	Gordura	Kg	Freq.	g/EH/d	Caloria	Proteína	Gordura	Un	Kg	Freq.
1	149,50	532,23	14,20	6,43	4,5	4	166,11	593,02	12,46	2,99	5,0	5	132,89	453,16	29,37	2,26	4,0	4	59,80	148,90	4,90	0,72	18	1,8	5
2	214,29	762,86	20,36	9,21	6,0	4	142,86	510,00	10,71	2,57	4,0	5	107,14	365,36	23,68	1,82	3,0	4	53,57	133,39	4,39	0,64	15	1,5	4
3	267,86	953,57	25,45	11,52	3,0	5	133,93	478,13	10,04	2,41	1,5	4	267,86	913,39	59,20	4,55	3,0	5	35,71	88,93	2,93	0,43	4	0,4	3
4	119,05	423,81	11,31	5,12	2,0	3	89,29	318,75	6,70	1,61	1,5	5	357,14	1217,86	78,93	6,07	6,0	5	53,57	133,39	4,39	0,64	9	0,9	4
5	294,12	1047,06	27,94	12,65	7,0	5	63,03	225,00	4,73	1,13	1,5	3	294,12	1002,94	65,00	5,00	7,0	5	42,02	104,62	3,45	0,50	10	1,0	3
6	85,03	302,72	8,08	3,66	2,5	3	136,05	485,71	10,20	2,45	4,0	5	204,08	695,92	45,10	3,47	6,0	5	34,01	84,69	2,79	0,41	10	1,0	3
7	142,86	508,57	13,57	6,14	1,0	3	285,71	1020,00	21,43	5,14	2,0	5	285,71	974,29	63,14	4,86	2,0	4	57,14	142,29	4,69	0,69	4	0,4	3
8	252,10	897,48	23,95	10,84	9,0	5	168,07	600,00	12,61	3,03	6,0	5	224,09	764,15	49,52	3,81	8,0	5	84,03	209,24	6,89	1,01	30	3,0	5
9	204,08	726,53	19,39	8,78	6,0	5	102,04	364,29	7,65	1,84	3,0	4	204,08	695,92	45,10	3,47	6,0	4	102,04	254,08	8,37	1,22	30	3,0	4
10	225,56	803,01	21,43	9,70	9,0	5	100,25	357,89	7,52	1,80	4,0	4	150,38	512,78	33,23	2,56	6,0	5	12,53	31,20	1,03	0,15	5	0,5	3
11	142,86	508,57	13,57	6,14	6,0	4	95,24	340,00	7,14	1,71	4,0	5	190,48	649,52	42,10	3,24	8,0	5	47,62	118,57	3,90	0,57	20	2,0	4
12	100,25	356,89	9,52	4,31	4,0	3	300,75	1073,68	22,56	5,41	12,0	5	150,38	512,78	33,23	2,56	6,0	5	300,75	748,87	24,66	3,61	120	12,0	5
13	219,78	782,42	20,88	9,45	6,0	5	109,89	392,31	8,24	1,98	3,0	3	109,89	374,73	24,29	1,87	3,0	5	131,87	328,35	10,81	1,58	36	3,6	5
14	348,43	1240,42	33,10	14,98	20,0	5	104,53	373,17	7,84	1,88	6,0	5	121,95	415,85	26,95	2,07	7,0	5	34,84	86,76	2,86	0,42	20	2,0	3
15	40,13	142,86	3,81	1,73	2,5	2	96,31	343,82	7,22	1,73	6,0	5	80,26	273,68	17,74	1,36	5,0	4	64,21	159,87	5,26	0,77	40	4,0	5
16	162,34	577,92	15,42	6,98	5,0	4	97,40	347,73	7,31	1,75	3,0	5	129,87	442,86	28,70	2,21	4,0	5	32,47	80,84	2,66	0,39	10	1,0	4
17	189,08	673,11	17,96	8,13	4,5	4	126,05	450,00	9,45	2,27	3,0	5	126,05	429,83	27,86	2,14	3,0	4	50,42	125,55	4,13	0,61	12	1,2	5
18	369,46	1315,27	35,10	15,89	15,0	5	172,41	615,52	12,93	3,10	7,0	5	172,41	587,93	38,10	2,93	7,0	5	49,26	122,66	4,04	0,59	20	2,0	3
19	171,43	610,29	16,29	7,37	6,0	4	171,43	612,00	12,86	3,09	6,0	5	142,86	487,14	31,57	2,43	5,0	4	28,57	71,14	2,34	0,34	10	1,0	2
20	231,66	824,71	22,01	9,96	6,0	5	270,27	964,86	20,27	4,86	7,0	5	231,66	789,96	51,20	3,94	6,0	5	77,22	192,28	6,33	0,93	20	2,0	3
21	84,03	299,16	7,98	3,61	1,0	3	168,07	600,00	12,61	3,03	2,0	5	168,07	573,11	37,14	2,86	2,0	5	33,61	83,70	2,76	0,40	4	0,4	3
22	81,63	290,61	7,76	3,51	2,0	3	122,45	437,14	9,18	2,20	3,0	5	122,45	417,55	27,06	2,08	3,0	4	61,22	152,45	5,02	0,73	15	1,5	4
23	131,87	469,45	12,53	5,67	6,0	4	175,82	627,69	13,19	3,16	8,0	5	131,87	449,67	29,14	2,24	6,0	5	65,93	164,18	5,41	0,79	30	3,0	4
24	178,57	635,71	16,96	7,68	2,0	5	133,93	478,13	10,04	2,41	1,5	4	178,57	608,93	39,46	3,04	2,0	4	89,29	222,32	7,32	1,07	10	1,0	4
25	147,78	526,11	14,04	6,35	3,0	4	246,31	879,31	18,47	4,43	5,0	5	295,57	1007,88	65,32	5,02	6,0	5	49,26	122,66	4,04	0,59	10	1,0	2
26	259,74	924,68	24,68	11,17	6,0	4	216,45	772,73	16,23	3,90	5,0	5	259,74	885,71	57,40	4,42	6,0	5	43,29	107,79	3,55	0,52	10	1,0	2
27	111,32	396,29	10,58	4,79	6,0	4	129,87	463,64	9,74	2,34	7,0	5	185,53	632,65	41,00	3,15	10,0	5	18,55	46,20	1,52	0,22	10	1,0	2
28	42,86	152,57	4,07	1,84	1,5	3	171,43	612,00	12,86	3,09	6,0	5	100,00	341,00	22,10	1,70	3,5	4	14,29	35,57	1,17	0,17	5	0,5	2
29	106,61	379,53	10,13	4,58	5,0	4	63,97	228,36	4,80	1,15	3,0	5	106,61	363,54	23,56	1,81	5,0	5	10,66	26,55	0,87	0,13	5	0,5	2
30	95,24	339,05	9,05	4,10	3,0	4	126,98	453,33	9,52	2,29	4,0	5	190,48	649,52	42,10	3,24	6,0	5	126,98	316,19	10,41	1,52	40	4,0	5
31	91,58	326,01	8,70	3,94	2,5	4	183,15	653,85	13,74	3,30	5,0	5	219,78	749,45	48,57	3,74	6,0	4	54,95	136,81	4,51	0,66	15	1,5	5
32	112,78	401,50	10,71	4,85	1,5	3	150,38	536,84	11,28	2,71	2,0	4	451,13	1538,35	99,70	7,67	6,0	5	15,04	37,44	1,23	0,18	2	0,2	2
33	104,53	372,13	9,93	4,49	3,0	4	104,53	373,17	7,84	1,88	3,0	5	174,22	594,08	38,50	2,96	5,0	5	20,91	52,06	1,71	0,25	6	0,6	3
34	158,73	565,08	15,08	6,83	3,0	4	105,82	377,78	7,94	1,90	2,0	4	264,55	902,12	58,47	4,50	5,0	5	0,00	0,00	0,00	0,00	0	0,0	1
35	109,89	391,21	10,44	4,73	2,0	3	164,84	588,46	12,36	2,97	3,0	5	219,78	749,45	48,57	3,74	4,0	4	16,48	41,04	1,35	0,20	3	0,3	2

Legenda: Frequência de Consumo: 1 - Nunca; 2 - 1 dia; 3 - 2 dias; 4 - 3-5 dias; 5 - Todos os dias

Quadro A 6.5 - Matriz de Consumo Alimentar dos Agregados Produtores de Sequeiro (continuação)

Inq. Nº	Raízes e Tubérculos						Hortícolas						Óleo						Azeite					
	g/EH/d	Caloria	Proteína	Gordura	Kg	Freq.	g/EH/d	Caloria	Proteína	Gordura	Kg	Freq.	ml/EH/d	Caloria	Proteína	Gordura	L	Freq.	ml/EH/d	Caloria	Proteína	Gordura	L	Freq.
1	99,67	108,64	0,90	0,20	3,0	4	99,67	21,93	1,40	0,20	3,0	3	66,45	587,38	0,00	66,45	2,00	5	6,64	58,74	0,00	6,64	0,20	3
2	35,71	38,93	0,32	0,07	1,0	2	17,86	3,93	0,25	0,04	0,5	2	35,71	315,71	0,00	35,71	1,00	5	3,57	31,57	0,00	3,57	0,10	2
3	133,93	145,98	1,21	0,27	1,5	3	89,29	19,64	1,25	0,18	1,0	5	44,64	394,64	0,00	44,64	0,50	5	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1
4	59,52	64,88	0,54	0,12	1,0	2	59,52	13,10	0,83	0,12	1,0	4	14,88	131,55	0,00	14,88	0,25	5	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1
5	42,02	45,80	0,38	0,08	1,0	4	84,03	18,49	1,18	0,17	2,0	5	42,02	371,43	0,00	42,02	1,00	5	42,02	371,43	0,00	42,02	1,00	5
6	170,07	185,37	1,53	0,34	5,0	4	68,03	14,97	0,95	0,14	2,0	4	68,03	601,36	0,00	68,03	2,00	5	17,01	150,34	0,00	17,01	0,50	3
7	71,43	77,86	0,64	0,14	0,5	2	71,43	15,71	1,00	0,14	0,5	2	71,43	631,43	0,00	71,43	0,50	5	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1
8	56,02	61,06	0,50	0,11	2,0	2	28,01	6,16	0,39	0,06	1,0	2	14,01	123,81	0,00	14,01	0,50	5	2,80	24,76	0,00	2,80	0,10	2
9	34,01	37,07	0,31	0,07	1,0	2	51,02	11,22	0,71	0,10	1,5	4	51,02	451,02	0,00	51,02	1,50	5	3,40	30,07	0,00	3,40	0,10	2
10	25,06	27,32	0,23	0,05	1,0	2	15,04	3,31	0,21	0,03	0,6	4	25,06	221,55	0,00	25,06	1,00	5	2,51	22,16	0,00	2,51	0,10	2
11	47,62	51,90	0,43	0,10	2,0	4	47,62	10,48	0,67	0,10	2,0	4	35,71	315,71	0,00	35,71	1,50	5	2,38	21,05	0,00	2,38	0,10	3
12	150,38	163,91	1,35	0,30	6,0	3	25,06	5,51	0,35	0,05	1,0	3	50,13	443,11	0,00	50,13	2,00	5	2,51	22,16	0,00	2,51	0,10	2
13	109,89	119,78	0,99	0,22	3,0	2	73,26	16,12	1,03	0,15	2,0	5	36,63	323,81	0,00	36,63	1,00	5	36,63	323,81	0,00	36,63	1,00	5
14	34,84	37,98	0,31	0,07	2,0	2	34,84	7,67	0,49	0,07	2,0	5	17,42	154,01	0,00	17,42	1,00	5	3,48	30,80	0,00	3,48	0,20	3
15	80,26	87,48	0,72	0,16	5,0	4	160,51	35,31	2,25	0,32	10,0	4	19,26	170,27	0,00	19,26	1,20	5	4,01	35,47	0,00	4,01	0,25	5
16	97,40	106,17	0,88	0,19	3,0	4	32,47	7,14	0,45	0,06	1,0	5	48,70	430,52	0,00	48,70	1,50	5	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1
17	42,02	45,80	0,38	0,08	1,0	2	42,02	9,24	0,59	0,08	1,0	4	42,02	371,43	0,00	42,02	1,00	5	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1
18	24,63	26,85	0,22	0,05	1,0	2	24,63	5,42	0,34	0,05	1,0	2	36,95	326,60	0,00	36,95	1,50	5	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1
19	28,57	31,14	0,26	0,06	1,0	2	28,57	6,29	0,40	0,06	1,0	2	28,57	252,57	0,00	28,57	1,00	5	2,86	25,26	0,00	2,86	0,10	2
20	38,61	42,08	0,35	0,08	1,0	2	19,31	4,25	0,27	0,04	0,5	2	46,33	409,58	0,00	46,33	1,20	5	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1
21	42,02	45,80	0,38	0,08	0,5	2	16,81	3,70	0,24	0,03	0,2	2	42,02	371,43	0,00	42,02	0,50	5	8,40	74,29	0,00	8,40	0,10	2
22	40,82	44,49	0,37	0,08	1,0	3	20,41	4,49	0,29	0,04	0,5	2	40,82	360,82	0,00	40,82	1,00	5	8,16	72,16	0,00	8,16	0,20	3
23	65,93	71,87	0,59	0,13	3,0	4	10,99	2,42	0,15	0,02	0,5	2	32,97	291,43	0,00	32,97	1,50	5	10,99	97,14	0,00	10,99	0,50	3
24	178,57	194,64	1,61	0,36	2,0	4	44,64	9,82	0,63	0,09	0,5	2	44,64	394,64	0,00	44,64	0,50	5	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1
25	49,26	53,69	0,44	0,10	1,0	4	24,63	5,42	0,34	0,05	0,5	2	24,63	217,73	0,00	24,63	0,50	5	4,93	43,55	0,00	4,93	0,10	2
26	86,58	94,37	0,78	0,17	2,0	3	21,65	4,76	0,30	0,04	0,5	4	43,29	382,68	0,00	43,29	1,00	5	4,33	38,27	0,00	4,33	0,10	4
27	37,11	40,45	0,33	0,07	2,0	3	18,55	4,08	0,26	0,04	1,0	5	27,83	246,01	0,00	27,83	1,50	5	4,64	41,00	0,00	4,64	0,25	4
28	28,57	31,14	0,26	0,06	1,0	2	42,86	9,43	0,60	0,09	1,5	3	28,57	252,57	0,00	28,57	1,00	5	2,86	25,26	0,00	2,86	0,10	2
29	21,32	23,24	0,19	0,04	1,0	2	10,66	2,35	0,15	0,02	0,5	4	25,59	226,18	0,00	25,59	1,20	5	2,13	18,85	0,00	2,13	0,10	2
30	63,49	69,21	0,57	0,13	2,0	4	31,75	6,98	0,44	0,06	1,0	3	47,62	420,95	0,00	47,62	1,50	5	6,35	56,13	0,00	6,35	0,20	3
31	73,26	79,85	0,66	0,15	2,0	3	18,32	4,03	0,26	0,04	0,5	4	27,47	242,86	0,00	27,47	0,75	5	3,66	32,38	0,00	3,66	0,10	2
32	75,19	81,95	0,68	0,15	1,0	3	75,19	16,54	1,05	0,15	1,0	4	37,59	332,33	0,00	37,59	0,50	5	7,52	66,47	0,00	7,52	0,10	3
33	69,69	75,96	0,63	0,14	2,0	4	52,26	11,50	0,73	0,10	1,5	4	52,26	462,02	0,00	52,26	1,50	5	6,97	61,60	0,00	6,97	0,20	3
34	52,91	57,67	0,48	0,11	1,0	2	26,46	5,82	0,37	0,05	0,5	2	52,91	467,72	0,00	52,91	1,00	5	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1
35	54,95	59,89	0,49	0,11	1,0	2	27,47	6,04	0,38	0,05	0,5	2	27,47	242,86	0,00	27,47	0,50	5	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1

Legenda: Frequência de Consumo: 1 - Nunca; 2 - 1 dia; 3 - 2 dias; 4 - 3-5 dias; 5 - Todos os dias

Quadro A 6.6 - Matriz de Consumo Alimentar dos Agregados Produtores de Sequeiro (continuação)

Inq. Nº	Açúcar						Leite em pó						Leite fresco						Carnes e Derivados					
	g/EH/d	Caloria	Proteína	Gordura	Kg	Freq.	g/EH/d	Caloria	Proteína	Gordura	Kg	Freq.	ml/EH/d	Caloria	Proteína	Gordura	L	Freq.	g/EH/d	Caloria	Proteína	Gordura	Kg	Freq.
1	49,83	192,86	0,00	0,00	1,5	5	16,61	82,39	4,37	4,44	0,50	5	66,45	45,85	2,39	27,24	2,00	4	66,45	81,06	8,17	5,12	2,0	4
2	35,71	138,21	0,00	0,00	1	5	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1	71,43	49,29	2,57	29,29	2,00	5	17,86	21,79	2,20	1,38	0,5	2
3	44,64	172,77	0,00	0,00	0,5	5	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1	178,57	123,21	6,43	73,21	2,00	5	44,64	54,46	5,49	3,44	0,5	2
4	41,67	161,25	0,00	0,00	0,7	5	14,88	73,81	3,91	3,97	0,25	5	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1	29,76	36,31	3,66	2,29	0,5	2
5	42,02	162,61	0,00	0,00	1	5	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1	294,12	202,94	10,59	120,59	7,00	5	84,03	102,52	10,34	6,47	2,0	4
6	68,03	263,27	0,00	0,00	2	5	17,01	84,35	4,47	4,54	0,50	5	272,11	187,76	9,80	111,56	8,00	5	102,04	124,49	12,55	7,86	3,0	3
7	100,00	387,00	0,00	0,00	0,7	5	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1	428,57	295,71	15,43	175,71	3,00	5	71,43	87,14	8,79	5,50	0,5	2
8	56,02	216,81	0,00	0,00	2	5	14,01	69,47	3,68	3,74	0,50	5	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1	28,01	34,17	3,45	2,16	1,0	2
9	68,03	263,27	0,00	0,00	2	5	17,01	84,35	4,47	4,54	0,50	5	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1	34,01	41,50	4,18	2,62	1,0	2
10	25,06	96,99	0,00	0,00	1	5	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1	50,13	34,59	1,80	20,55	2,00	5	25,06	30,58	3,08	1,93	1,0	2
11	47,62	184,29	0,00	0,00	2	5	23,81	118,10	6,26	6,36	1,00	5	47,62	32,86	1,71	19,52	2,00	5	23,81	29,05	2,93	1,83	1,0	2
12	75,19	290,98	0,00	0,00	3	5	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1	175,44	121,05	6,32	71,93	7,00	5	25,06	30,58	3,08	1,93	1,0	2
13	36,63	141,76	0,00	0,00	1	5	18,32	90,84	4,82	4,89	0,50	5	73,26	50,55	2,64	30,04	2,00	5	36,63	44,69	4,51	2,82	1,0	2
14	34,84	134,84	0,00	0,00	2	5	8,71	43,21	2,29	2,33	0,50	5	121,95	84,15	4,39	50,00	7,00	5	17,42	21,25	2,14	1,34	1,0	2
15	24,08	93,18	0,00	0,00	1,5	5	32,10	159,23	8,44	8,57	2,00	5	112,36	77,53	4,04	46,07	7,00	5	48,15	58,75	5,92	3,71	3,0	3
16	48,70	188,47	0,00	0,00	1,5	5	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1	227,27	156,82	8,18	93,18	7,00	5	32,47	39,61	3,99	2,50	1,0	2
17	42,02	162,61	0,00	0,00	1	5	10,50	52,10	2,76	2,80	0,25	5	10,50	7,25	0,38	4,31	0,25	5	21,01	25,63	2,58	1,62	0,5	2
18	36,95	142,98	0,00	0,00	1,5	5	24,63	122,17	6,48	6,58	1,00	5	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1	12,32	15,02	1,51	0,95	0,5	2
19	57,14	221,14	0,00	0,00	2	5	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1	100,00	69,00	3,60	41,00	3,50	5	28,57	34,86	3,51	2,20	1,0	2
20	77,22	298,84	0,00	0,00	2	5	9,65	47,88	2,54	2,58	0,25	3	270,27	186,49	9,73	110,81	7,00	5	38,61	47,10	4,75	2,97	1,0	2
21	42,02	162,61	0,00	0,00	0,5	5	21,01	104,20	5,53	5,61	0,25	4	16,81	11,60	0,61	6,89	0,20	2	0,00	0,00	0,00	0,00	0,0	1
22	40,82	157,96	0,00	0,00	1	5	40,82	202,45	10,73	10,90	1,00	5	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1	40,82	49,80	5,02	3,14	1,0	2
23	43,96	170,11	0,00	0,00	2	5	21,98	109,01	5,78	5,87	1,00	5	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1	21,98	26,81	2,70	1,69	1,0	2
24	44,64	172,77	0,00	0,00	0,5	5	22,32	110,71	5,87	5,96	0,25	5	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1	89,29	108,93	10,98	6,88	1,0	4
25	24,63	95,32	0,00	0,00	0,5	5	49,26	244,33	12,96	13,15	1,00	5	344,83	237,93	12,41	141,38	7,00	5	49,26	60,10	6,06	3,79	1,0	2
26	43,29	167,53	0,00	0,00	1	5	43,29	214,72	11,39	11,56	1,00	5	86,58	59,74	3,12	35,50	2,00	4	43,29	52,81	5,32	3,33	1,0	2
27	46,38	179,50	0,00	0,00	2,5	5	18,55	92,02	4,88	4,95	1,00	5	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1	18,55	22,63	2,28	1,43	1,0	2
28	57,14	221,14	0,00	0,00	2	5	14,29	70,86	3,76	3,81	0,50	5	57,14	39,43	2,06	23,43	2,00	4	14,29	17,43	1,76	1,10	0,5	2
29	31,98	123,77	0,00	0,00	1,5	5	21,32	105,76	5,61	5,69	1,00	5	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1	21,32	26,01	2,62	1,64	1,0	2
30	31,75	122,86	0,00	0,00	1	5	31,75	157,46	8,35	8,48	1,00	5	111,11	76,67	4,00	45,56	3,50	5	63,49	77,46	7,81	4,89	2,0	3
31	54,95	212,64	0,00	0,00	1,5	5	36,63	181,68	9,63	9,78	1,00	5	109,89	75,82	3,96	45,05	3,00	5	36,63	44,69	4,51	2,82	1,0	2
32	37,59	145,49	0,00	0,00	0,5	5	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1	225,56	155,64	8,12	92,48	3,00	5	37,59	45,86	4,62	2,89	0,5	2
33	34,84	134,84	0,00	0,00	1	5	17,42	86,41	4,58	4,65	0,50	5	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1	34,84	42,51	4,29	2,68	1,0	2
34	52,91	204,76	0,00	0,00	1	5	26,46	131,22	6,96	7,06	0,50	5	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1	0,00	0,00	0,00	0,00	0,0	1
35	21,98	85,05	0,00	0,00	0,4	5	27,47	136,26	7,23	7,34	0,50	5	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1	27,47	33,52	3,38	2,12	0,5	2

Legenda: Frequência de Consumo: 1 - Nunca; 2 - 1 dia; 3 - 2 dias; 4 - 3-5 dias; 5 - Todos os dias

Quadro A 6.7 - Matriz de Consumo Alimentar dos Agregados Produtores de Sequeiro (continuação)

Inq. Nº	Peixe						Ovos							Frutas						Total		
	g/EH/d	Caloria	Proteína	Gordura	Kg	Freq.	g/EH/d	Caloria	Proteína	Gordura	Un	Kg	Freq.	g/EH/d	Caloria	Proteína	Gordura	Kg	Freq.	Caloria	Proteína	Gordura
1	66,45	136,21	9,23	12,36	2	4	9,97	13,85	1,07	0,98	6	0,3	4	199,34	119,60	1,40	0,60	6	4	3175,81	89,85	136,61
2	35,71	73,21	4,96	6,64	1	2	5,36	7,45	0,57	0,53	3	0,15	2	35,71	21,43	0,25	0,11	1	3	2473,13	70,27	91,58
3	89,29	183,04	12,40	16,61	1	2	26,79	37,23	2,87	2,63	6	0,3	4	44,64	26,79	0,31	0,13	0,5	3	3591,79	127,57	160,02
4	119,05	244,05	16,54	22,14	2	4	5,95	8,27	0,64	0,58	2	0,1	2	89,29	53,57	0,63	0,27	1,5	4	2880,60	128,07	57,82
5	126,05	258,40	17,51	23,45	3	4	12,61	17,52	1,35	1,24	6	0,3	3	210,08	126,05	1,47	0,63	5	4	4056,81	143,92	255,94
6	170,07	348,64	23,62	31,63	5	3	10,20	14,18	1,09	1,00	6	0,3	3	68,03	40,82	0,48	0,20	2	4	3584,59	120,67	252,29
7	71,43	146,43	9,92	13,29	0,5	2	7,14	9,93	0,76	0,70	1	0,05	2	28,57	17,14	0,20	0,09	0,2	2	4313,50	139,57	283,83
8	28,01	57,42	3,89	5,21	1	2	8,40	11,68	0,90	0,82	6	0,3	2	28,01	16,81	0,20	0,08	1	2	3093,03	105,98	47,67
9	34,01	69,73	4,72	6,33	1	2	10,20	14,18	1,09	1,00	6	0,3	3	34,01	20,41	0,24	0,10	1	2	3063,64	96,24	84,49
10	25,06	51,38	3,48	4,66	1	2	17,54	24,39	1,88	1,72	14	0,7	3	25,06	15,04	0,18	0,08	1	3	2232,18	74,07	70,80
11	23,81	48,81	3,31	4,43	1	2	14,29	19,86	1,53	1,40	12	0,6	3	23,81	14,29	0,17	0,07	1	2	2463,05	83,72	83,57
12	25,06	51,38	3,48	4,66	1	2	12,53	17,42	1,34	1,23	10	0,5	3	25,06	15,04	0,18	0,08	1	3	3853,36	106,08	148,70
13	54,95	112,64	7,63	10,22	1,5	2	18,32	25,46	1,96	1,79	10	0,5	3	18,32	10,99	0,13	0,05	0,5	2	3138,24	87,91	138,32
14	34,84	71,43	4,84	6,48	2	2	4,36	6,05	0,47	0,43	5	0,25	2	17,42	10,45	0,12	0,05	1	2	2718,04	85,80	101,03
15	64,21	131,62	8,92	11,94	4	4	6,42	8,92	0,69	0,63	8	0,4	4	64,21	38,52	0,45	0,19	4	4	1816,52	65,47	100,46
16	32,47	66,56	4,51	6,04	1	2	16,23	22,56	1,74	1,59	10	0,5	3	32,47	19,48	0,23	0,10	1	2	2486,69	74,07	163,70
17	42,02	86,13	5,84	7,82	1	2	10,50	14,60	1,12	1,03	5	0,25	2	42,02	25,21	0,29	0,13	1	3	2478,49	73,35	73,03
18	49,26	100,99	6,84	9,16	2	3	9,85	13,69	1,05	0,97	8	0,4	3	24,63	14,78	0,17	0,07	1	2	3409,88	106,80	77,28
19	28,57	58,57	3,97	5,31	1	2	25,71	35,74	2,75	2,52	18	0,9	4	28,57	17,14	0,20	0,09	1	2	2532,29	77,75	95,89
20	38,61	79,15	5,36	7,18	1	2	7,72	10,73	0,83	0,76	4	0,2	2	38,61	23,17	0,27	0,12	1	2	3921,08	123,90	190,55
21	84,03	172,27	11,67	15,63	1	2	8,40	11,68	0,90	0,82	2	0,1	2	0,00	0,00	0,00	0,00	0	1	2513,53	79,80	89,39
22	40,82	83,67	5,67	7,59	1	3	10,20	14,18	1,09	1,00	5	0,25	2	40,82	24,49	0,29	0,12	1	2	2312,27	72,48	80,39
23	21,98	45,05	3,05	4,09	1	3	5,49	7,64	0,59	0,54	5	0,25	2	21,98	13,19	0,15	0,07	1	2	2545,66	73,29	68,23
24	44,64	91,52	6,20	8,30	0,5	2	8,93	12,41	0,96	0,88	2	0,1	3	89,29	53,57	0,63	0,27	1	4	3094,11	100,66	81,57
25	98,52	201,97	13,68	18,33	2	2	7,39	10,27	0,79	0,72	3	0,15	4	98,52	59,11	0,69	0,30	2	3	3765,39	149,25	223,78
26	86,58	177,49	12,03	16,10	2	3	10,82	15,04	1,16	1,06	5	0,25	2	216,45	129,87	1,52	0,65	5	5	4028,20	137,47	136,04
27	18,55	38,03	2,58	3,45	1	2	5,57	7,74	0,60	0,55	6	0,3	2	18,55	11,13	0,13	0,06	1	3	2221,37	73,90	53,51
28	28,57	58,57	3,97	5,31	1	2	4,29	5,96	0,46	0,42	3	0,15	2	28,57	17,14	0,20	0,09	1	2	1890,07	53,26	72,53
29	21,32	43,71	2,96	3,97	1	2	0,00	0,00	0,00	0,00	0	0	1	21,32	12,79	0,15	0,06	1	2	1580,64	51,04	46,82
30	63,49	130,16	8,82	11,81	2	3	9,52	13,24	1,02	0,93	6	0,3	3	31,75	19,05	0,22	0,10	1	2	2908,25	102,31	137,06
31	36,63	75,09	5,09	6,81	1	2	18,32	25,46	1,96	1,79	10	0,5	5	36,63	21,98	0,26	0,11	1	2	2862,60	101,83	109,32
32	75,19	154,14	10,44	13,98	1	3	30,08	41,80	3,22	2,95	8	0,4	4	75,19	45,11	0,53	0,23	1	2	3599,47	151,59	173,35
33	104,53	214,29	14,52	19,44	3	4	10,45	14,53	1,12	1,02	6	0,3	3	0,00	0,00	0,00	0,00	0	1	2495,09	83,85	96,87
34	52,91	108,47	7,35	9,84	1	2	15,87	22,06	1,70	1,56	6	0,3	4	0,00	0,00	0,00	0,00	0	1	2842,70	98,33	84,76
35	54,95	112,64	7,63	10,22	1	2	8,24	11,46	0,88	0,81	3	0,15	2	54,95	32,97	0,38	0,16	1	2	2490,85	93,11	59,91

Legenda: Frequência de Consumo: 1 - Nunca; 2 - 1 dia; 3 - 2 dias; 4 - 3-5 dias; 5 - Todos os dias

Quadro A 6.8 - Matriz das Despesas dos Agregados Familiares

Inq. Nº	Alimentação	Habitação	Saúde	Educação	Vestuário	Electricidade	Água	Transporte	Comunicações	Outros	Despesa total
1	4	0	1	0	1	1	1	1	2	0	2
2	3	0	1	0	1	0	1	1	1	0	2
3	3	0	1	0	1	0	1	1	0	0	1
4	3	0	1	0	1	1	1	1	1	0	2
5	3	0	1	1	1	0	1	1	1	0	2
6	4	0	1	1	1	1	1	1	1	0	2
7	3	2	1	0	1	1	1	1	1	0	2
8	5	0	1	1	1	0	1	1	1	0	3
9	4	0	1	1	1	1	1	1	1	0	2
10	4	0	1	1	1	0	1	1	0	0	2
11	4	1	1	1	1	1	1	1	1	0	2
12	5	0	1	2	1	0	1	1	1	0	3
13	4	0	1	1	1	0	1	1	1	0	2
14	4	0	1	1	1	2	1	1	1	0	3
15	6	0	2	2	2	1	1	1	2	0	5
16	4	0	1	1	1	1	1	1	1	0	3
17	3	0	1	1	1	1	1	1	1	0	2
18	5	0	1	0	1	1	1	1	1	0	3
19	4	0	1	1	1	1	1	2	1	0	3
20	4	0	1	1	1	1	0	1	1	0	2
21	3	0	1	0	1	1	1	1	1	0	1
22	3	0	1	1	1	1	1	2	1	0	2
23	5	0	1	1	1	2	1	2	1	0	3
24	3	0	1	0	1	0	1	1	0	0	1
25	4	0	1	0	1	0	1	1	1	0	2
26	5	0	1	1	1	1	1	1	1	0	3
27	4	0	1	1	1	1	1	2	1	0	3
28	3	0	1	1	1	0	1	2	1	0	2
29	4	0	1	1	1	0	1	1	1	0	2
30	5	0	1	1	1	1	1	2	1	0	3
31	3	0	1	1	1	1	1	1	1	0	2
32	3	0	1	0	1	1	0	1	1	0	1
33	4	0	1	1	1	1	0	2	1	0	2
34	3	0	2	0	1	0	0	1	0	0	2
35	3	0	1	0	1	0	0	1	1	0	1

Legenda: Despesas dos Agregados: 1 - < 2,5 Mil ECV; 2 – 2,5 a 5 Mil ECV; 3 – 5 a 10 Mil ECV; 4 – 10 a 15 Mil ECV; 5 – 15 a 20 Mil ECV; 6 – 20 a 25 Mil ECV; 7 – 25 a 30 Mil ECV; 8 – > 30 Mil ECV

Despesas Totais: 1 - < 10 Mil ECV; 2 - 10 a 20 Mil ECV; 3 - 20 a 30 Mil ECV; 4 - 30 a 40 Mil ECV; 5 - 40 a 50 Mil ECV; 6 - 50 a 60 Mil ECV

Quadro A 6.9 - Matriz dos Indicadores de Qualidade de Vida

Inq. Nº	Habitação	Tipo de Habitação	Iluminação	Água	Prep. Alimentos	Frigorífico	Arca congeladora	Fogão a gás/Camping	Micro - ondas	Telefone	Telemóvel	Rádio	Televisão	Aparelhagem	Vídeo / DVD	Computador / Portátil
1	3	2	1	1	1	1	0	1	1	1	1	1	1	0	1	0
2	1	2	2	1	2	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0
3	1	2	1	1	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
4	1	2	1	1	2	0	0	1	0	1	1	1	1	0	0	0
5	1	2	3	1	2	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0
6	1	2	1	1	1	0	0	1	0	1	1	1	1	0	0	0
7	1	2	1	1	2	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0
8	1	2	2	1	2	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0
9	1	2	1	1	2	1	0	0	0	1	1	1	0	0	0	0
10	1	2	3	1	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
11	1	2	1	1	2	0	0	1	0	1	1	1	0	0	0	0
12	1	2	3	1	2	0	0	0	0	1	1	1	0	0	0	0
13	1	2	2	1	2	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0
14	1	2	1	1	2	1	0	1	0	1	1	1	1	1	1	0
15	1	2	1	1	2	1	0	1	0	1	1	1	1	0	1	0
16	1	2	1	1	2	0	0	1	0	1	1	1	1	0	0	0
17	1	2	1	1	2	1	0	0	0	1	1	1	1	0	0	0
18	1	2	1	1	2	1	0	1	0	0	1	1	1	0	0	0
19	1	2	1	1	2	0	0	1	0	0	1	1	1	0	1	0
20	1	2	1	1	2	0	0	1	0	0	1	0	1	0	0	0
21	1	2	1	1	2	1	0	1	0	1	0	1	1	0	0	0
22	1	2	1	1	2	1	0	0	0	1	1	1	1	0	0	0
23	1	2	1	1	1	1	0	1	0	1	1	1	1	1	1	1
24	1	2	2	1	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
25	3	2	2	1	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
26	1	2	1	1	1	1	0	1	0	1	1	1	1	0	1	0
27	1	2	1	1	2	1	0	1	0	1	1	1	1	0	1	0
28	1	2	2	1	2	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
29	3	2	2	1	2	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0
30	1	2	1	1	1	1	0	1	0	1	1	1	1	0	1	0
31	1	2	1	1	2	1	0	1	0	1	1	0	1	0	0	0
32	1	2	1	2	2	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0
33	1	2	1	2	2	1	0	1	0	0	1	1	0	0	0	0
34	1	2	2	2	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
35	1	2	2	2	2	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0

Legenda: Habitação: **1** – Própria; **2** – Arrendada; **3** – Cedida/Emprestada; Tipologia das Habitações: **1** – Vivenda; **2** – Casa Individual; Fonte de Iluminação: **1** – Electricidade; **2** – Velas; **3** – Petróleo; Acesso a Água Potável: **1** – Rede Pública; **2** – Chafariz; **3** – Nascente; Preparação de Alimentos: **1** – Gás; **2** - Lenha

Anexo 7 - Dados de Inquéritos aos Produtores de Cana-de-açúcar

Quadro A 7.1 - Características Socio-Demográficas do Agregado Familiar

Inq. Nº	Agregado			0 - 14		15 - 19		20 - 59		60		EH	Estado Civil (CA)				
	TOTAL	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M		Casado	Solteiro	Divorciado	União de Facto	Viúvo(a)
1	5	3	2	0	0	1	1	2	1	0	0	4,7	0	0	0	1	0
2	5	3	2	2	1	0	0	1	1	0	0	3,6	0	0	0	1	0
3	6	1	5	0	1	0	3	1	1	0	0	5,1	0	0	0	1	0
4	4	2	2	1	1	0	0	1	1	0	0	2,9	0	0	0	1	0
5	8	3	5	1	1	0	1	1	3	0	1	6,7	1	0	0	0	0
6	8	4	4	2	1	1	1	2	1	0	0	6,4	0	0	0	1	0
7	4	3	1	1	0	0	0	1	0	1	1	3,1	0	0	0	1	0
8	6	4	2	2	0	2	0	1	1	0	0	4,9	1	0	0	0	0
9	4	2	2	1	0	0	1	1	1	0	0	3,5	0	0	0	1	0
10	5	2	3	0	2	0	0	2	1	0	0	4,1	0	0	0	1	0
11	7	5	2	3	0	0	0	2	2	0	0	5,1	0	0	0	1	0
12	6	4	2	2	0	0	0	2	2	0	0	5,0	0	0	0	1	0
13	4	1	3	0	1	0	0	0	1	1	1	3,2	1	0	0	0	0
14	5	3	2	0	0	1	0	2	2	0	0	4,7	0	1	0	0	0
15	5	2	3	0	2	1	0	1	1	0	0	3,6	0	0	0	1	0
16	3	2	1	1	0	1	0	0	0	0	1	2,3	0	0	0	0	1
17	5	3	2	0	0	0	1	3	1	0	0	4,8	0	1	0	0	0
18	10	4	6	3	3	0	1	2	1	0	0	7,2	0	0	0	1	0
19	6	4	2	2	1	1	0	1	1	0	0	4,5	0	0	0	1	0
20	2	1	1	0	0	0	0	1	0	0	1	1,7	0	0	0	1	0
21	3	1	2	1	0	0	1	0	1	0	0	2,5	0	1	0	0	0
22	1	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1,0	0	1	0	0	0
23	5	3	2	0	1	2	0	1	1	0	0	4,4	0	0	0	1	0
24	4	3	1	1	0	1	1	1	0	0	0	3,5	0	0	0	0	1
25	3	2	1	1	0	0	0	1	1	0	0	2,6	0	0	0	1	0
26	5	5	0	1	0	2	0	2	0	0	0	4,3	0	1	0	0	0
27	6	2	4	1	3	0	0	1	1	0	0	3,9	0	0	0	1	0
28	5	2	3	0	0	2	1	0	1	0	1	4,3	0	1	0	0	0
29	6	4	2	1	1	1	0	2	1	0	0	5,2	0	0	0	1	0
30	8	3	5	1	3	1	1	1	1	0	0	5,7	0	0	0	1	0
31	5	2	3	0	1	1	1	0	0	1	1	4,1	1	0	0	0	0
32	2	1	1	0	0	0	0	0	0	1	1	1,6	1	0	0	0	0
33	4	2	2	0	0	0	1	2	0	0	1	3,6	0	0	0	0	1
34	5	4	1	1	0	1	0	1	0	1	1	4,2	0	0	0	1	0
35	5	2	3	0	1	1	1	1	1	0	0	4,4	0	1	0	0	0

Quadro A 7.2 - Escolaridade do Chefe do Agregado e do Primeiro Complementar

Inq. Nº	Chefe do Agregado								Primeiro complementar								
	Sexo		Idade		Escolaridade				Sexo		Idade			Escolaridade			
	H	M	20 a 59	60	Sabe Ler	Primária	Secundário	Superior	H	M	15 a 19	20 a 59	60	Sabe Ler	Primária	Secundário	Superior
1	1	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	1	0	0	0
2	1	0	1	0	1	1	0	0	0	1	0	1	0	1	1	0	0
3	1	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0
4	1	0	1	0	1	1	0	0	0	1	0	1	0	1	1	0	0
5	1	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0
6	1	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0
7	1	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	1	0	1	1	0	0
8	1	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0
9	1	0	1	0	1	0	0	0	0	1	0	1	0	1	1	0	0
10	1	0	1	0	1	1	0	0	0	1	0	1	0	1	1	0	0
11	1	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	1	1	0	0
12	1	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0
13	1	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0
14	0	1	1	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	1	1	0	0
15	1	0	1	0	1	1	0	0	0	1	0	1	0	1	0	0	0
16	0	1	0	1	0	0	0	0	1	0	1	0	0	1	1	0	0
17	1	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	1	0	1	0
18	1	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0
19	1	0	1	0	1	1	0	0	0	1	0	1	0	1	1	0	0
20	0	1	0	1	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0
21	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
22	1	0	1	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
23	1	0	1	0	1	1	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0
24	1	0	1	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
25	1	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0
26	1	0	1	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
27	1	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0
28	0	1	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0
29	1	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	1	0	0	0
30	1	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0
31	1	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0
32	1	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0
33	0	1	0	1	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0
34	1	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	1	1	1	0	0	0
35	0	1	1	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	1
Total	28	7	27	8	10	9	0	0	9	22	1	26	5	14	9	1	1

Quadro A 7.3 - Rendimento do Agregado Familiar

Inq. Nº	Culturas de Sequeiro	Cana-de-açúcar	Pecuária	Salário	Anual	Pensão		Remessas	Negócios	Rendimento (ECV)		
				Mensal		Mensal	Anual			Anual	per capita/ano	per capita/mês
1	0	480000	0	18000	216000	0	0	0	0	696000	148085,11	12340,43
2	0	40000	25000	25000	300000	0	0	0	0	365000	101388,89	8449,07
3	0	40000	0	18000	216000	0	0	0	0	256000	50196,08	4183,01
4	0	20000	0	22000	264000	0	0	0	0	284000	97931,03	8160,92
5	0	120000	30000	28000	336000	0	0	0	0	486000	72537,31	6044,78
6	0	20000	0	18000	216000	4900	58800	0	0	294800	46062,50	3838,54
7	0	160000	0	24000	288000	4900	58800	0	0	506800	163483,87	13623,66
8	0	12000	0	15000	180000	4900	58800	0	0	250800	51183,67	4265,31
9	16000	20000	0	10000	120000	0	0	0	0	156000	44571,43	3714,29
10	0	600000	0	18000	216000	0	0	0	0	816000	199024,39	16585,37
11	0	320000	0	18000	216000	0	0	0	0	536000	105098,04	8758,17
12	0	240000	0	15000	180000	0	0	0	0	420000	84000,00	7000,00
13	0	40000	0	0	0	9800	117600	24000	0	181600	56750,00	4729,17
14	0	120000	0	12000	144000	0	0	132000	0	396000	84255,32	7021,28
15	0	140000	0	30000	360000	0	0	0	60000	560000	155555,56	12962,96
16	0	120000	0	8000	96000	4900	58800	0	0	274800	119478,26	9956,52
17	0	600000	0	15000	180000	0	0	0	0	780000	162500,00	13541,67
18	0	240000	0	26000	312000	0	0	0	0	552000	76666,67	6388,89
19	0	24000	0	13000	156000	0	0	0	0	180000	40000,00	3333,33
20	0	48000	0	13000	156000	4900	58800	0	0	262800	154588,24	12882,35
21	0	20000	0	13000	156000	0	0	66000	0	242000	96800,00	8066,67
22	6000	48000	5000	17000	204000	0	0	0	0	263000	263000,00	21916,67
23	6000	1040000	25000	26000	312000	0	0	120000	0	1503000	341590,91	28465,91
24	0	240000	0	22000	264000	0	0	0	0	504000	144000,00	12000,00
25	0	12000	0	13000	156000	0	0	0	0	168000	64615,38	5384,62
26	0	60000	0	20000	240000	0	0	0	0	300000	69767,44	5813,95
27	0	16000	0	18000	216000	0	0	0	0	232000	59487,18	4957,26
28	0	8000	0	12000	144000	4900	58800	0	0	210800	49023,26	4085,27
29	0	20000	0	13000	156000	0	0	0	0	176000	33846,15	2820,51
30	0	20000	0	13000	156000	0	0	0	0	176000	30877,19	2573,10
31	0	80000	0	0	0	9800	117600	0	0	197600	48195,12	4016,26
32	0	40000	0	0	0	9800	117600	132000	0	289600	181000,00	15083,33
33	0	600000	0	12000	144000	4900	58800	120000	0	922800	256333,33	21361,11
34	0	48000	0	22000	264000	0	0	0	0	312000	74285,71	6190,48
35	0	12000	0	26000	312000	0	0	0	0	324000	73636,36	6136,36

Quadro A 7.4 - Matriz de Consumo Alimentar dos Agregados Produtores de Cana-de-açúcar

Inq. Nº	Milho						Arroz						Feijões						Pão						
	g/EH/d	Caloria	Proteína	Gordura	Kg	Freq.	g/EH/d	Caloria	Proteína	Gordura	Kg	Freq.	g/EH/d	Caloria	Proteína	Gordura	Kg	Freq.	g/EH/d	Caloria	Proteína	Gordura	Un	Kg	Freq.
1	273,56	973,86	25,99	11,76	9,0	5	106,38	379,79	7,98	1,91	3,5	5	273,56	932,83	60,46	4,65	9,0	5	60,79	151,37	4,98	0,73	20	2,0	4
2	119,05	423,81	11,31	5,12	3,0	4	79,37	283,33	5,95	1,43	2,0	5	119,05	405,95	26,31	2,02	3,0	5	59,52	148,21	4,88	0,71	15	1,5	4
3	112,04	398,88	10,64	4,82	4,0	3	196,08	700,00	14,71	3,53	7,0	5	84,03	286,55	18,57	1,43	3,0	5	168,07	418,49	13,78	2,02	60	6,0	5
4	73,89	263,05	7,02	3,18	1,5	3	197,04	703,45	14,78	3,55	4,0	5	147,78	503,94	32,66	2,51	3,0	4	172,41	429,31	14,14	2,07	35	3,5	5
5	106,61	379,53	10,13	4,58	5,0	5	63,97	228,36	4,80	1,15	3,0	5	63,97	218,12	14,14	1,09	3,0	5	191,90	477,83	15,74	2,30	90	9,0	5
6	223,21	794,64	21,21	9,60	10,0	5	89,29	318,75	6,70	1,61	4,0	5	66,96	228,35	14,80	1,14	3,0	5	44,64	111,16	3,66	0,54	20	2,0	3
7	46,08	164,06	4,38	1,98	1,0	2	115,21	411,29	8,64	2,07	2,5	5	23,04	78,57	5,09	0,39	0,5	3	69,12	172,12	5,67	0,83	15	1,5	5
8	87,46	311,37	8,31	3,76	3,0	4	87,46	312,24	6,56	1,57	3,0	5	174,93	596,50	38,66	2,97	6,0	4	174,93	435,57	14,34	2,10	60	6,0	5
9	163,27	581,22	15,51	7,02	4,0	4	102,04	364,29	7,65	1,84	2,5	5	81,63	278,37	18,04	1,39	2,0	4	61,22	152,45	5,02	0,73	15	1,5	4
10	104,53	372,13	9,93	4,49	3,0	4	121,95	435,37	9,15	2,20	3,5	5	104,53	356,45	23,10	1,78	3,0	4	243,90	607,32	20,00	2,93	70	7,0	5
11	252,10	897,48	23,95	10,84	9,0	5	140,06	500,00	10,50	2,52	5,0	5	112,04	382,07	24,76	1,90	4,0	5	196,08	488,24	16,08	2,35	70	7,0	5
12	114,29	406,86	10,86	4,91	4,0	5	85,71	306,00	6,43	1,54	3,0	5	142,86	487,14	31,57	2,43	5,0	5	14,29	35,57	1,17	0,17	5	0,5	2
13	267,86	953,57	25,45	11,52	6,0	5	89,29	318,75	6,70	1,61	2,0	5	133,93	456,70	29,60	2,28	3,0	5	22,32	55,58	1,83	0,27	5	0,5	2
14	75,99	270,52	7,22	3,27	2,5	4	60,79	217,02	4,56	1,09	2,0	5	60,79	207,29	13,43	1,03	2,0	5	182,37	454,10	14,95	2,19	60	6,0	5
15	59,52	211,90	5,65	2,56	1,5	2	119,05	425,00	8,93	2,14	3,0	5	158,73	541,27	35,08	2,70	4,0	4	79,37	197,62	6,51	0,95	20	2,0	5
16	248,45	884,47	23,60	10,68	4,0	4	93,17	332,61	6,99	1,68	1,5	5	186,34	635,40	41,18	3,17	3,0	4	93,17	231,99	7,64	1,12	15	1,5	4
17	29,76	105,95	2,83	1,28	1,0	3	148,81	531,25	11,16	2,68	5,0	5	119,05	405,95	26,31	2,02	4,0	4	29,76	74,11	2,44	0,36	10	1,0	4
18	178,57	635,71	16,96	7,68	9,0	5	138,89	495,83	10,42	2,50	7,0	5	119,05	405,95	26,31	2,02	6,0	5	29,76	74,11	2,44	0,36	15	1,5	4
19	285,71	1017,14	27,14	12,29	9,0	4	111,11	396,67	8,33	2,00	3,5	5	95,24	324,76	21,05	1,62	3,0	4	95,24	237,14	7,81	1,14	30	3,0	5
20	252,10	897,48	23,95	10,84	3,0	4	126,05	450,00	9,45	2,27	1,5	5	252,10	859,66	55,71	4,29	3,0	4	50,42	125,55	4,13	0,61	6	0,6	4
21	171,43	610,29	16,29	7,37	3,0	5	171,43	612,00	12,86	3,09	3,0	5	114,29	389,71	25,26	1,94	2,0	5	28,57	71,14	2,34	0,34	5	0,5	2
22	214,29	762,86	20,36	9,21	1,5	3	285,71	1020,00	21,43	5,14	2,0	5	285,71	974,29	63,14	4,86	2,0	5	300,00	747,00	24,60	3,60	21	2,1	5
23	97,40	346,75	9,25	4,19	3,0	4	113,64	405,68	8,52	2,05	3,5	5	129,87	442,86	28,70	2,21	4,0	5	113,64	282,95	9,32	1,36	35	3,5	5
24	244,90	871,84	23,27	10,53	6,0	5	142,86	510,00	10,71	2,57	3,5	5	163,27	556,73	36,08	2,78	4,0	5	40,82	101,63	3,35	0,49	10	1,0	2
25	109,89	391,21	10,44	4,73	2,0	3	192,31	686,54	14,42	3,46	3,5	5	329,67	1124,18	72,86	5,60	6,0	5	21,98	54,73	1,80	0,26	4	0,4	3
26	66,45	236,54	6,31	2,86	2,0	3	99,67	355,81	7,48	1,79	3,0	5	66,45	226,58	14,68	1,13	2,0	4	39,87	99,27	3,27	0,48	12	1,2	4
27	219,78	782,42	20,88	9,45	6,0	5	128,21	457,69	9,62	2,31	3,5	5	183,15	624,54	40,48	3,11	5,0	5	109,89	273,63	9,01	1,32	30	3,0	5
28	199,34	709,63	18,94	8,57	6,0	5	99,67	355,81	7,48	1,79	3,0	5	199,34	679,73	44,05	3,39	6,0	5	66,45	165,45	5,45	0,80	20	2,0	4
29	54,95	195,60	5,22	2,36	2,0	4	192,31	686,54	14,42	3,46	7,0	5	192,31	655,77	42,50	3,27	7,0	5	192,31	478,85	15,77	2,31	70	7,0	5
30	37,59	133,83	3,57	1,62	1,5	3	150,38	536,84	11,28	2,71	6,0	5	100,25	341,85	22,16	1,70	4,0	4	25,06	62,41	2,06	0,30	10	1,0	3
31	52,26	186,06	4,97	2,25	1,5	3	209,06	746,34	15,68	3,76	6,0	5	104,53	356,45	23,10	1,78	3,0	4	209,06	520,56	17,14	2,51	60	6,0	5
32	178,57	635,71	16,96	7,68	2,0	5	44,64	159,38	3,35	0,80	0,5	3	44,64	152,23	9,87	0,76	0,5	2	0,00	0,00	0,00	0,00	0	0,0	1
33	178,57	635,71	16,96	7,68	4,5	4	119,05	425,00	8,93	2,14	3,0	5	178,57	608,93	39,46	3,04	4,5	5	0,00	0,00	0,00	0,00	0	0,0	1
34	204,08	726,53	19,39	8,78	6,0	5	204,08	728,57	15,31	3,67	6,0	5	340,14	1159,86	75,17	5,78	10,0	5	0,00	0,00	0,00	0,00	0	0,0	1
35	64,94	231,17	6,17	2,79	2,0	4	113,64	405,68	8,52	2,05	3,5	5	48,70	166,07	10,76	0,83	1,5	4	16,23	40,42	1,33	0,19	5	0,5	3

Legenda: Frequência de Consumo: 1 - Nunca; 2 - 1 dia; 3 - 2 dias; 4 - 3-5 dias; 5 - Todos os dias

Quadro A 7.5 - Matriz de Consumo Alimentar dos Agregados Produtores de Cana-de-açúcar (continuação)

Inq. Nº	Raízes e Tubérculos						Hortícolas						Óleo						Azeite					
	g/EH/d	Caloria	Proteína	Gordura	Kg	Freq.	g/EH/d	Caloria	Proteína	Gordura	Kg	Freq.	ml/EH/d	Caloria	Proteína	Gordura	L	Freq.	ml/EH/d	Caloria	Proteína	Gordura	L	Freq.
1	121,58	132,52	1,09	0,24	4,0	3	60,79	13,37	0,85	0,12	2,0	2	60,79	537,39	0,00	60,79	2,00	5	6,08	53,74	0,00	6,08	0,20	2
2	79,37	86,51	0,71	0,16	2,0	3	19,84	4,37	0,28	0,04	0,5	3	39,68	350,79	0,00	39,68	1,00	5	19,84	175,40	0,00	19,84	0,50	3
3	140,06	152,66	1,26	0,28	5,0	4	28,01	6,16	0,39	0,06	1,0	4	42,02	371,43	0,00	42,02	1,50	5	7,00	61,90	0,00	7,00	0,25	2
4	98,52	107,39	0,89	0,20	2,0	3	98,52	21,67	1,38	0,20	2,0	4	49,26	435,47	0,00	49,26	1,00	5	24,63	217,73	0,00	24,63	0,50	5
5	42,64	46,48	0,38	0,09	2,0	4	10,66	2,35	0,15	0,02	0,5	3	21,32	188,49	0,00	21,32	1,00	5	5,33	47,12	0,00	5,33	0,25	3
6	44,64	48,66	0,40	0,09	2,0	2	22,32	4,91	0,31	0,04	1,0	3	33,48	295,98	0,00	33,48	1,50	5	4,46	39,46	0,00	4,46	0,20	3
7	276,50	301,38	2,49	0,55	6,0	4	46,08	10,14	0,65	0,09	1,0	4	69,12	611,06	0,00	69,12	1,50	5	9,22	81,47	0,00	9,22	0,20	4
8	29,15	31,78	0,26	0,06	1,0	2	29,15	6,41	0,41	0,06	1,0	5	29,15	257,73	0,00	29,15	1,00	5	5,83	51,55	0,00	5,83	0,20	3
9	81,63	88,98	0,73	0,16	2,0	3	61,22	13,47	0,86	0,12	1,5	4	40,82	360,82	0,00	40,82	1,00	5	4,08	36,08	0,00	4,08	0,10	2
10	139,37	151,92	1,25	0,28	4,0	3	34,84	7,67	0,49	0,07	1,0	5	34,84	308,01	0,00	34,84	1,00	5	17,42	154,01	0,00	17,42	0,50	5
11	84,03	91,60	0,76	0,17	3,0	3	28,01	6,16	0,39	0,06	1,0	2	56,02	495,24	0,00	56,02	2,00	5	7,00	61,90	0,00	7,00	0,25	5
12	14,29	15,57	0,13	0,03	0,5	3	14,29	3,14	0,20	0,03	0,5	2	21,43	189,43	0,00	21,43	0,75	5	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1
13	44,64	48,66	0,40	0,09	1,0	2	22,32	4,91	0,31	0,04	0,5	2	44,64	394,64	0,00	44,64	1,00	5	4,46	39,46	0,00	4,46	0,10	2
14	45,59	49,70	0,41	0,09	1,5	4	30,40	6,69	0,43	0,06	1,0	3	60,79	537,39	0,00	60,79	2,00	5	15,20	134,35	0,00	15,20	0,50	5
15	119,05	129,76	1,07	0,24	3,0	5	19,84	4,37	0,28	0,04	0,5	2	39,68	350,79	0,00	39,68	1,00	5	39,68	350,79	0,00	39,68	1,00	3
16	124,22	135,40	1,12	0,25	2,0	4	31,06	6,83	0,43	0,06	0,5	2	62,11	549,07	0,00	62,11	1,00	5	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1
17	29,76	32,44	0,27	0,06	1,0	4	14,88	3,27	0,21	0,03	0,5	3	29,76	263,10	0,00	29,76	1,00	5	7,44	65,77	0,00	7,44	0,25	3
18	119,05	129,76	1,07	0,24	6,0	4	19,84	4,37	0,28	0,04	1,0	3	29,76	263,10	0,00	29,76	1,50	5	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1
19	63,49	69,21	0,57	0,13	2,0	2	31,75	6,98	0,44	0,06	1,0	2	31,75	280,63	0,00	31,75	1,00	5	6,35	56,13	0,00	6,35	0,20	5
20	84,03	91,60	0,76	0,17	1,0	3	42,02	9,24	0,59	0,08	0,5	2	42,02	371,43	0,00	42,02	0,50	5	8,40	74,29	0,00	8,40	0,10	5
21	85,71	93,43	0,77	0,17	1,5	2	57,14	12,57	0,80	0,11	1,0	5	57,14	505,14	0,00	57,14	1,00	5	5,71	50,51	0,00	5,71	0,10	3
22	285,71	311,43	2,57	0,57	2,0	3	71,43	15,71	1,00	0,14	0,5	2	71,43	631,43	0,00	71,43	0,50	5	71,43	631,43	0,00	71,43	0,50	5
23	194,81	212,34	1,75	0,39	6,0	4	64,94	14,29	0,91	0,13	2,0	4	64,94	574,03	0,00	64,94	2,00	5	32,47	287,01	0,00	32,47	1,00	5
24	40,82	44,49	0,37	0,08	1,0	3	20,41	4,49	0,29	0,04	0,5	2	40,82	360,82	0,00	40,82	1,00	5	4,08	36,08	0,00	4,08	0,10	2
25	54,95	59,89	0,49	0,11	1,0	2	27,47	6,04	0,38	0,05	0,5	2	54,95	485,71	0,00	54,95	1,00	5	5,49	48,57	0,00	5,49	0,10	2
26	166,11	181,06	1,50	0,33	5,0	4	66,45	14,62	0,93	0,13	2,0	4	23,26	205,58	0,00	23,26	0,70	5	3,32	29,37	0,00	3,32	0,10	2
27	146,52	159,71	1,32	0,29	4,0	4	36,63	8,06	0,51	0,07	1,0	2	36,63	323,81	0,00	36,63	1,00	5	3,66	32,38	0,00	3,66	0,10	3
28	66,45	72,43	0,60	0,13	2,0	3	33,22	7,31	0,47	0,07	1,0	5	33,22	293,69	0,00	33,22	1,00	5	8,31	73,42	0,00	8,31	0,25	3
29	27,47	29,95	0,25	0,05	1,0	2	13,74	3,02	0,19	0,03	0,5	2	27,47	242,86	0,00	27,47	1,00	5	6,87	60,71	0,00	6,87	0,25	3
30	25,06	27,32	0,23	0,05	1,0	2	12,53	2,76	0,18	0,03	0,5	2	25,06	221,55	0,00	25,06	1,00	5	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1
31	34,84	37,98	0,31	0,07	1,0	2	17,42	3,83	0,24	0,03	0,5	2	34,84	308,01	0,00	34,84	1,00	5	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1
32	178,57	194,64	1,61	0,36	2,0	4	44,64	9,82	0,63	0,09	0,5	2	35,71	315,71	0,00	35,71	0,40	5	17,86	157,86	0,00	17,86	0,20	3
33	158,73	173,02	1,43	0,32	4,0	4	39,68	8,73	0,56	0,08	1,0	4	39,68	350,79	0,00	39,68	1,00	5	9,92	87,70	0,00	9,92	0,25	5
34	34,01	37,07	0,31	0,07	1,0	3	17,01	3,74	0,24	0,03	0,5	5	51,02	451,02	0,00	51,02	1,50	5	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1
35	32,47	35,39	0,29	0,06	1,0	2	16,23	3,57	0,23	0,03	0,5	2	32,47	287,01	0,00	32,47	1,00	5	3,25	28,70	0,00	3,25	0,10	3

Legenda: Frequência de Consumo: 1 - Nunca; 2 - 1 dia; 3 - 2 dias; 4 - 3-5 dias; 5 - Todos os dias

Quadro A 7.6 - Matriz de Consumo Alimentar dos Agregados Produtores de Cana-de-açúcar (continuação)

Inq. Nº	Açúcar						Leite em pó						Leite Fresco						Carne e Derivados					
	g/EH/d	Caloria	Proteína	Gordura	Kg	Freq.	g/EH/d	Caloria	Proteína	Gordura	Kg	Freq.	ml/EH/d	Caloria	Proteína	Gordura	L	Freq.	g/EH/d	Caloria	Proteína	Gordura	Kg	Freq.
1	60,79	235,26	0,00	0,00	2,0	5	30,40	150,76	7,99	8,12	1,00	5	0,00	0,00	0,00	0,00	0,0	1	60,79	74,16	9,12	4,68	2,0	3
2	39,68	153,57	0,00	0,00	1,0	5	39,68	196,83	10,44	10,60	1,00	5	0,00	0,00	0,00	0,00	0,0	1	39,68	48,41	5,95	3,06	1,0	3
3	56,02	216,81	0,00	0,00	2,0	5	14,01	69,47	3,68	3,74	0,50	5	0,00	0,00	0,00	0,00	0,0	1	56,02	68,35	8,41	4,31	2,0	3
4	49,26	190,64	0,00	0,00	1,0	5	24,63	122,17	6,48	6,58	0,50	5	0,00	0,00	0,00	0,00	0,0	1	98,52	120,20	14,78	7,59	2,0	3
5	42,64	165,03	0,00	0,00	2,0	5	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1	298,51	205,97	10,75	122,39	14,0	5	31,98	39,02	4,80	2,46	1,5	2
6	55,80	215,96	0,00	0,00	2,5	5	11,16	55,36	2,94	2,98	0,50	5	0,00	0,00	0,00	0,00	0,0	1	22,32	27,23	3,35	1,72	1,0	2
7	69,12	267,51	0,00	0,00	1,5	5	46,08	228,57	12,12	12,30	1,00	5	0,00	0,00	0,00	0,00	0,0	1	92,17	112,44	13,83	7,10	2,0	4
8	58,31	225,66	0,00	0,00	2,0	5	29,15	144,61	7,67	7,78	1,00	5	0,00	0,00	0,00	0,00	0,0	1	29,15	35,57	4,37	2,24	1,0	2
9	40,82	157,96	0,00	0,00	1,0	5	20,41	101,22	5,37	5,45	0,50	3	142,86	98,57	5,14	58,57	3,5	5	40,82	49,80	6,12	3,14	1,0	2
10	34,84	134,84	0,00	0,00	1,0	5	34,84	172,82	9,16	9,30	1,00	5	34,84	24,04	1,25	14,29	1,0	5	34,84	42,51	5,23	2,68	1,0	2
11	56,02	216,81	0,00	0,00	2,0	5	28,01	138,94	7,37	7,48	1,00	5	0,00	0,00	0,00	0,00	0,0	1	56,02	68,35	8,41	4,31	2,0	4
12	22,86	88,46	0,00	0,00	0,8	5	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1	0,00	0,00	0,00	0,00	0,0	1	14,29	17,43	2,14	1,10	0,5	2
13	89,29	345,54	0,00	0,00	2,0	5	22,32	110,71	5,87	5,96	0,50	5	0,00	0,00	0,00	0,00	0,0	1	22,32	27,23	3,35	1,72	0,5	2
14	15,20	58,81	0,00	0,00	0,5	5	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1	106,38	73,40	3,83	43,62	3,5	5	30,40	37,08	4,56	2,34	1,0	3
15	39,68	153,57	0,00	0,00	1,0	5	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1	396,83	273,81	14,29	162,70	10,0	5	119,05	145,24	17,86	9,17	3,0	4
16	62,11	240,37	0,00	0,00	1,0	5	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	1	124,22	85,71	4,47	50,93	2,0	5	31,06	37,89	4,66	2,39	0,5	2
17	44,64	172,77	0,00	0,00	1,5	5	29,76	147,62	7,83	7,95	1,00	5	0,00	0,00	0,00	0,00	0,0	1	29,76	36,31	4,47	2,29	1,0	2
18	59,52	230,36	0,00	0,00	3,0	5	9,92	49,21	2,61	2,65	0,50	5	138,89	95,83	5,00	56,94	7,0	5	59,52	72,62	8,93	4,58	3,0	4
19	31,75	122,86	0,00	0,00	1,0	5	47,62	236,19	12,52	12,71	1,50	5	31,75	21,90	1,14	13,02	1,0	2	31,75	38,73	4,76	2,44	1,0	2
20	84,03	325,21	0,00	0,00	1,0	5	42,02	208,40	11,05	11,22	0,50	5	0,00	0,00	0,00	0,00	0,0	1	42,02	51,26	6,31	3,24	0,5	2
21	22,86	88,46	0,00	0,00	0,4	5	20,00	99,20	5,26	5,34	0,35	5	0,00	0,00	0,00	0,00	0,0	1	57,14	69,71	8,57	4,40	1,0	2
22	71,43	276,43	0,00	0,00	0,5	4	35,71	177,14	9,39	9,54	0,25	5	0,00	0,00	0,00	0,00	0,0	1	142,86	174,29	21,44	11,00	1,0	2
23	97,40	376,95	0,00	0,00	3,0	5	32,47	161,04	8,54	8,67	1,00	5	97,40	67,21	3,51	39,94	3,0	5	97,40	118,83	14,62	7,50	3,0	4
24	40,82	157,96	0,00	0,00	1,0	5	40,82	202,45	10,73	10,90	1,00	5	0,00	0,00	0,00	0,00	0,0	1	20,41	24,90	3,06	1,57	0,5	2
25	54,95	212,64	0,00	0,00	1,0	5	13,74	68,13	3,61	3,67	0,25	3	164,84	113,74	5,93	67,58	3,0	4	54,95	67,03	8,25	4,23	1,0	2
26	16,61	64,29	0,00	0,00	0,5	5	8,31	41,20	2,18	2,22	0,25	5	66,45	45,85	2,39	27,24	2,0	4	33,22	40,53	4,99	2,56	1,0	2
27	36,63	141,76	0,00	0,00	1,0	5	18,32	90,84	4,82	4,89	0,50	5	0,00	0,00	0,00	0,00	0,0	1	36,63	44,69	5,50	2,82	1,0	2
28	33,22	128,57	0,00	0,00	1,0	5	33,22	164,78	8,74	8,87	1,00	5	0,00	0,00	0,00	0,00	0,0	1	33,22	40,53	4,99	2,56	1,0	4
29	32,97	127,58	0,00	0,00	1,2	5	54,95	272,53	14,45	14,67	2,00	5	0,00	0,00	0,00	0,00	0,0	1	5,49	6,70	0,82	0,42	0,2	2
30	37,59	145,49	0,00	0,00	1,5	5	12,53	62,16	3,30	3,35	0,50	3	0,00	0,00	0,00	0,00	0,0	1	5,01	6,12	0,75	0,39	0,2	2
31	52,26	202,26	0,00	0,00	1,5	5	34,84	172,82	9,16	9,30	1,00	5	69,69	48,08	2,51	28,57	2,0	4	0,00	0,00	0,00	0,00	0,0	1
32	44,64	172,77	0,00	0,00	0,5	5	89,29	442,86	23,48	23,84	1,00	5	0,00	0,00	0,00	0,00	0,0	1	44,64	54,46	6,70	3,44	0,5	2
33	79,37	307,14	0,00	0,00	2,0	5	39,68	196,83	10,44	10,60	1,00	5	39,68	27,38	1,43	16,27	1,0	3	119,05	145,24	17,86	9,17	3,0	4
34	34,01	131,63	0,00	0,00	1,0	5	17,01	84,35	4,47	4,54	0,50	5	0,00	0,00	0,00	0,00	0,0	1	34,01	41,50	5,10	2,62	1,0	2
35	32,47	125,65	0,00	0,00	1,0	5	32,47	161,04	8,54	8,67	1,00	5	0,00	0,00	0,00	0,00	0,0	1	16,23	19,81	2,44	1,25	0,5	2

Legenda: Frequência de Consumo: 1 - Nunca; 2 - 1 dia; 3 - 2 dias; 4 - 3-5 dias; 5 - Todos os dias

Quadro A 7.7 - Matriz de Consumo Alimentar dos Agregados Produtores de Cana-de-açúcar (continuação)

Inq. Nº	Peixe						Ovos							Frutas						Total		
	g/EH/d	Caloria	Proteína	Gordura	Kg	Freq.	g/EH/d	Caloria	Proteína	Gordura	Un	Kg	Freq.	g/EH/d	Caloria	Proteína	Gordura	Kg	Freq.	Calorias	Proteínas	Gordura
1	91,19	186,93	12,67	16,96	3,0	4	15,20	21,12	1,63	1,49	10	0,50	3	30,40	18,24	0,21	0,09	1,0	3	3861,34	132,97	117,63
2	39,68	81,35	5,51	7,38	1,0	3	29,76	41,37	3,18	2,92	15	0,75	4	39,68	23,81	0,28	0,12	1,0	2	2423,71	74,81	93,08
3	56,02	114,85	7,78	10,42	2,0	4	8,40	11,68	0,90	0,82	6	0,30	3	28,01	16,81	0,20	0,08	1,0	3	2894,03	80,32	80,53
4	49,26	100,99	6,84	9,16	1,0	3	14,78	20,54	1,58	1,45	6	0,30	4	49,26	29,56	0,34	0,15	1,0	2	3266,11	100,89	110,51
5	42,64	87,42	5,92	7,93	2,0	3	12,79	17,78	1,37	1,25	12	0,60	3	63,97	38,38	0,45	0,19	3,0	4	2141,88	68,62	170,11
6	44,64	91,52	6,20	8,30	2,0	3	6,70	9,31	0,72	0,66	6	0,30	3	22,32	13,39	0,16	0,07	1,0	3	2254,69	60,43	64,69
7	46,08	94,47	6,40	8,57	1,0	3	11,52	16,01	1,23	1,13	5	0,25	2	92,17	55,30	0,65	0,28	2,0	5	2604,40	61,14	113,64
8	58,31	119,53	8,10	10,85	2,0	3	7,29	10,13	0,78	0,71	5	0,25	2	29,15	17,49	0,20	0,09	1,0	3	2556,14	89,67	67,19
9	81,63	167,35	11,34	15,18	2,0	3	12,24	17,02	1,31	1,20	6	0,30	3	40,82	24,49	0,29	0,12	1,0	3	2492,08	77,39	139,83
10	34,84	71,43	4,84	6,48	1,0	3	8,71	12,11	0,93	0,85	5	0,25	4	34,84	20,91	0,24	0,10	1,0	4	2871,52	85,58	97,72
11	56,02	114,85	7,78	10,42	2,0	4	14,01	19,47	1,50	1,37	10	0,50	2	28,01	16,81	0,20	0,08	1,0	2	3497,90	101,69	104,54
12	28,57	58,57	3,97	5,31	1,0	2	5,71	7,94	0,61	0,56	4	0,20	2	14,29	8,57	0,10	0,04	0,5	2	1624,69	57,18	37,56
13	44,64	91,52	6,20	8,30	1,0	2	6,70	9,31	0,72	0,66	3	0,15	3	133,93	80,36	0,94	0,40	3,0	5	2936,94	81,36	81,95
14	30,40	62,31	4,22	5,65	1,0	3	18,24	25,35	1,95	1,79	12	0,60	4	45,59	27,36	0,32	0,14	1,5	4	2161,37	55,89	137,26
15	198,41	406,75	27,56	36,90	5,0	3	9,92	13,79	1,06	0,97	5	0,25	2	119,05	71,43	0,83	0,36	3,0	5	3276,09	119,12	298,10
16	62,11	127,33	8,63	11,55	1,0	3	15,53	21,58	1,66	1,52	5	0,25	3	62,11	37,27	0,43	0,19	1,0	4	3325,93	100,82	145,65
17	29,76	61,01	4,13	5,54	1,0	2	11,90	16,55	1,27	1,17	8	0,40	3	29,76	17,86	0,21	0,09	1,0	3	1933,96	61,12	60,66
18	19,84	40,67	2,76	3,69	1,0	2	15,87	22,06	1,70	1,56	16	0,80	4	79,37	47,62	0,56	0,24	4,0	3	2567,20	79,03	112,26
19	63,49	130,16	8,82	11,81	2,0	4	9,52	13,24	1,02	0,93	6	0,30	2	31,75	19,05	0,22	0,10	1,0	2	2970,79	93,84	96,35
20	84,03	172,27	11,67	15,63	1,0	2	16,81	23,36	1,80	1,65	4	0,20	2	126,05	75,63	0,88	0,38	1,5	3	3735,38	126,31	100,78
21	57,14	117,14	7,94	10,63	1,0	2	11,43	15,89	1,22	1,12	4	0,20	3	28,57	17,14	0,20	0,09	0,5	2	2752,34	81,51	97,46
22	428,57	878,57	59,53	79,71	3,0	2	107,14	148,93	11,46	10,50	15	0,75	4	71,43	42,86	0,50	0,21	0,5	2	6792,36	235,42	277,35
23	162,34	332,79	22,55	30,19	5,0	4	19,48	27,08	2,08	1,91	12	0,60	4	64,94	38,96	0,45	0,19	2,0	5	3688,77	110,21	196,13
24	40,82	83,67	5,67	7,59	1,0	2	8,16	11,35	0,87	0,80	4	0,20	2	20,41	12,24	0,14	0,06	0,5	2	2978,65	94,54	82,31
25	164,84	337,91	22,90	30,66	3,0	4	27,47	38,19	2,94	2,69	10	0,50	5	27,47	16,48	0,19	0,08	0,5	2	3710,99	144,22	183,57
26	66,45	136,21	9,23	12,36	2,0	2	6,64	9,24	0,71	0,65	4	0,20	3	33,22	19,93	0,23	0,10	1,0	3	1706,08	53,90	78,43
27	36,63	75,09	5,09	6,81	1,0	2	7,33	10,18	0,78	0,72	4	0,20	3	36,63	21,98	0,26	0,11	1,0	2	3046,78	98,25	72,20
28	99,67	204,32	13,84	18,54	3,0	4	6,64	9,24	0,71	0,65	4	0,20	2	33,22	19,93	0,23	0,10	1,0	3	2924,85	105,49	87,00
29	41,21	84,48	5,72	7,66	1,5	3	8,24	11,46	0,88	0,81	6	0,30	2	27,47	16,48	0,19	0,08	1,0	4	2872,53	100,42	69,47
30	25,06	51,38	3,48	4,66	1,0	2	6,27	8,71	0,67	0,61	5	0,25	2	25,06	15,04	0,18	0,08	1,0	3	1615,45	47,84	40,55
31	34,84	71,43	4,84	6,48	1,0	2	26,13	36,32	2,80	2,56	15	0,75	4	34,84	20,91	0,24	0,10	1,0	2	2711,06	81,00	92,26
32	89,29	183,04	12,40	16,61	1,0	2	4,46	6,21	0,48	0,44	1	0,05	2	89,29	53,57	0,63	0,27	1,0	3	2538,26	76,10	107,85
33	79,37	162,70	11,02	14,76	2,0	4	9,92	13,79	1,06	0,97	5	0,25	3	158,73	95,24	1,11	0,48	4,0	4	3238,19	110,27	115,10
34	68,03	139,46	9,45	12,65	2,0	2	6,80	9,46	0,73	0,67	4	0,20	2	34,01	20,41	0,24	0,10	1,0	2	3533,61	130,40	89,94
35	32,47	66,56	4,51	6,04	1,0	2	9,74	13,54	1,04	0,95	6	0,30	3	32,47	19,48	0,23	0,10	1,0	3	1604,09	44,06	58,68

Legenda: Frequência de Consumo: 1 - Nunca; 2 - 1 dia; 3 - 2 dias; 4 - 3-5 dias; 5 - Todos os dias

Quadro A 7.8 - Matriz das Despesas dos Agregados Familiares

Inq. N°	Alimentação	Habitação	Saúde	Educação	Vestuário	Electricidade	Água	Transporte	Comunicações	Outros	Despesa total
1	4	0	1	2	1	1	1	1	1	0	4
2	4	0	1	1	1	1	1	2	1	0	2
3	4	0	1	1	1	1	1	3	2	0	3
4	4	0	1	1	1	1	1	0	1	0	3
5	4	0	1	3	1	1	1	3	2	0	3
6	4	0	1	1	1	1	1	1	1	0	3
7	4	0	1	0	1	1	1	4	2	0	4
8	3	0	1	1	1	1	1	3	1	0	2
9	4	1	1	1	1	0	0	2	1	0	2
10	5	0	1	1	1	1	1	2	2	0	4
11	5	0	1	6	1	1	1	2	2	0	6
12	4	0	1	1	1	1	1	1	1	0	2
13	3	0	1	1	1	2	1	1	1	0	2
14	4	0	1	1	1	1	1	3	1	0	3
15	6	0	1	4	1	2	1	2	2	0	6
16	3	1	1	1	1	1	1	1	1	0	2
17	4	0	2	1	1	1	1	2	1	0	3
18	5	0	1	1	1	1	1	2	1	0	3
19	5	3	1	1	1	1	1	1	1	0	3
20	3	0	1	0	1	1	1	1	1	0	2
21	3	0	1	1	1	1	1	2	1	0	2
22	3	1	1	0	2	1	0	2	1	0	2
23	6	0	1	4	2	1	1	3	3	0	6
24	3	0	1	3	1	0	1	2	1	0	3
25	4	0	1	1	1	1	1	1	1	0	2
26	4	0	1	1	1	1	1	2	1	0	3
27	4	0	1	1	1	1	1	2	1	0	2
28	4	0	1	1	1	1	1	3	1	0	3
29	3	0	2	2	1	1	1	2	1	0	3
30	4	0	1	1	1	1	1	2	1	0	2
31	4	0	1	1	1	1	1	3	1	0	3
32	3	0	1	0	1	1	1	1	1	0	2
33	4	0	1	0	1	2	1	1	2	0	3
34	5	0	1	1	1	1	1	1	1	0	3
35	4	0	1	1	1	1	1	2	1	0	2

Legenda:

Despesas dos agregados: **1** - < 2,5 Mil ECV; **2** – 2,5 a 5 Mil ECV; **3** – 5 a 10 Mil ECV; **4** – 10 a 15 Mil ECV; **5** – 15 a 20 Mil ECV; **6** – 20 a 25 Mil ECV; **7** – 25 a 30 Mil ECV; **8** – > 30 Mil ECV

Despesas Totais: **1** - < 10 Mil ECV; **2** - 10 a 20 Mil ECV; **3** - 20 a 30 Mil ECV; **4** - 30 a 40 Mil ECV; **5** - 40 a 50 Mil ECV; **6** - 50 a 60 Mil ECV

Quadro A 7.9 - Matriz dos Indicadores de Qualidade de Vida

Inq. Nº	Habitação	Tipo de Habitação	Iluminação	Água	Prep. Alimentos	Frigorífico	Arca congeladora	Fogão a gás / Camping	Micro - ondas	Telefone	Telemóvel	Rádio	Televisão	Aparelhagem	Vídeo / DVD	Computador / Portátil
1	1	2	1	1	2	1	0	1	0	1	1	1	1	1	1	0
2	1	2	1	1	2	1	0	1	0	0	1	1	1	0	0	0
3	1	2	1	1	2	1	0	1	0	1	1	1	1	0	0	0
4	1	2	1	1	1	1	0	1	0	0	1	1	1	0	1	0
5	1	2	1	1	2	1	0	1	0	1	1	1	1	1	1	0
6	1	2	1	1	1	0	0	1	0	0	1	1	0	0	0	0
7	1	2	1	1	1	1	0	1	0	1	1	1	1	0	1	0
8	1	2	1	1	1	1	0	1	0	0	1	0	1	0	0	1
9	2	1	2	3	2	0	0	1	0	0	1	1	0	0	0	0
10	1	1	1	1	1	1	0	1	0	1	1	1	1	0	0	0
11	1	2	1	1	2	1	0	1	1	1	1	1	1	0	1	1
12	1	2	1	1	1	0	0	1	0	1	1	1	1	0	1	0
13	1	2	1	1	2	1	0	1	1	1	1	1	1	0	0	0
14	1	2	1	1	1	1	0	1	1	1	1	1	0	0	0	0
15	3	1	1	1	1	1	0	1	0	1	1	1	1	0	1	1
16	1	2	1	1	2	1	0	1	0	1	0	0	1	0	0	0
17	1	2	1	1	1	0	0	1	0	1	1	1	1	0	0	0
18	1	2	1	1	1	1	0	1	0	1	1	0	1	0	0	0
19	2	2	1	1	2	0	0	1	0	1	1	1	1	1	0	0
20	1	2	1	1	1	1	0	1	0	1	0	0	1	0	0	0
21	1	2	1	1	1	0	0	1	0	1	1	0	1	0	0	0
22	2	2	1	3	1	1	0	1	0	1	1	1	1	0	0	0
23	1	2	1	1	1	1	0	1	1	1	1	1	1	0	1	1
24	1	2	2	1	2	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0
25	1	2	1	1	2	0	0	1	0	1	0	0	1	0	0	0
26	1	2	1	1	2	1	0	1	0	1	1	1	1	0	0	0
27	3	2	1	1	1	0	0	1	0	1	1	1	1	0	0	0
28	1	2	1	1	2	1	0	1	0	1	1	1	1	0	0	1
29	1	2	1	1	2	1	0	1	0	1	1	1	1	1	1	1
30	1	2	1	1	2	0	0	1	0	1	1	0	1	0	0	0
31	1	2	1	1	1	1	0	1	0	1	1	0	1	1	0	0
32	1	1	1	1	1	1	0	1	0	1	0	0	1	0	1	0
33	1	2	1	1	2	1	1	1	1	1	1	1	1	0	1	1
34	1	2	1	1	2	1	0	1	0	1	1	1	0	0	0	0
35	3	2	1	1	2	0	0	1	0	1	1	0	1	0	0	1

Legenda: Habitação: **1** – Própria; **2** – Arrendada; **3** – Cedida/Emprestada; Tipologia das Habitações: **1** – Vivenda; **2** – Casa Individual; Fonte de Iluminação: **1** – Electricidade; **2** – Velas; **3** – Petróleo; Acesso a Água Potável: **1** – Rede Pública; **2** – Chafariz; **3** – Nascente; Preparação de Alimentos: **1** – Gás; **2** - Lenha

Anexo 8 – Fotos de Cabo Verde

- 1 - Associação dos Amigos de Ribeirão
- 2 - Campo de hortícolas
- 3 - Viveiro
- 4 - Fertilização do terreno com cinzas
- 5 - Canteiro de tomateiros recém plantado
- 6 - Canteiros de hortícolas
- 7 - Colheita de tomate
- 8 - Milho e feijão guardados para a sementeira do ano seguinte
- 9 - Ribeirão
- 10 - Alunos da escola primária de Ribeirão
- 11 - Furo aberto em Ribeirão
- 12 - Chafariz
- 13 - Abóbora atacada pela praga mil-pés
- 14 - Cabras
- 15 - Porca com os seus leitões
- 16 - Salga de carne de porco
- 17 - Indicação da localidade Garça de Cima
- 18 - Garça de Cima
- 19 - Reabilitação de socalcos
- 20 - Aspecto geral de socalcos recém construídos
- 21 - Tanque de água
- 22 - Rega da cana-de-açúcar
- 23 - Inhame
- 24 - Cana-de-açúcar
- 25 - Colheita de cana-de-açúcar
- 26 - Senhora a carregar cana-de-açúcar
- 27 - Aspecto geral de um curral (local de produção de “grogue”)
- 28 - Trapiche de cana-de-açúcar
- 29 - Calda a fermentar
- 30 - Lume sob o alambique
- 31 - Produção de “grogue”
- 32 - “Grogue” (aguardente de cana-de-açúcar)
- 33 - Campo de feijão ervilha
- 34 - Colheita de feijão ervilha
- 35 - Descasque de feijão
- 36 - Debulha de milho
- 37 - Senhora a pilar milho no pilão
- 38 - Milho e feijão para a cachupa
- 39 - Criança a carregar lenha
- 40 - Cozinhar à lenha
- 41 - Efeitos da erosão hídrica
- 42 - Papaieira
- 43 - Carregamento de produtos agrícolas
- 44 - Transporte de produtos agrícolas para São Vicente
- 45 - Venda de produtos agrícolas num carrinho de mão
- 46 - Venda de produtos agrícola numa rua de Mindelo, São Vicente
- 47 - Venda produtos agrícolas num mercado de Mindelo, São Vicente
- 48 - Mercado de Mindelo, São Vicente

